3 1761 07048058 7

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/fimdeummundosaty00leal

Fim de um Mundo

SATYRAS MODERNAS

Gustavo Barbosa
2/x/918

D'esta edição tiraram-se 4 exemplares em papel especial

2/x/18

GOMES LEAL

FIM DE UM MUNDO

SATYRAS MODERNAS

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES
1899

Todos os direitos reservados.

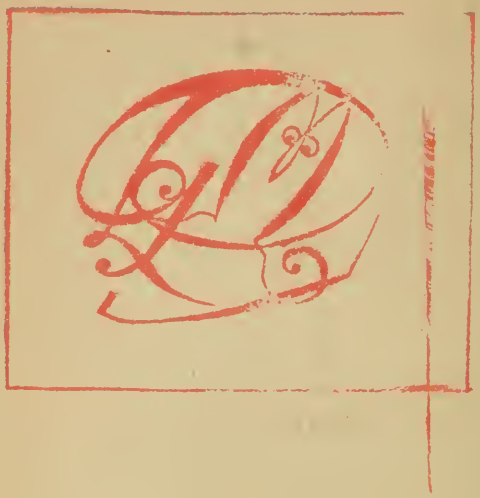
PQ
9261
G64F5

Propriedade dos Editores

Porto — Imprensa Moderna

AO DR. CAMPOS SALLES

Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil



CARTA

AO

DR. CAMPOS SALLES

ILLUSTRADISSIMO SENHOR

Termina o seculo no meio de um apocalypse social; no meio de farrapos de declamações; farrapos lusentes de theorias; farrapos trágicos de esfomeados...

Como, nos finaes do melodrama romano, os rhetoricos declamam, emquanto os belfurinheiros batem á porta, e a gentalha se esbofeteia. Quebram-se os vidros dos palacios, e applaudem-se os polemistas, os tenores, e os arlequins dos circos. Que importam porém as vidraças dos palacios, flammejantes das lampadas electricas, ou dos candelabros?... É a alguma cousa de mais alto, mais inviolavel, mais espiritual, que se atiram pedras. O direito, a moral, as religiões, as instituições, os costumes, as consciencias, como pardieiros velhos e escavacados, por onde passou a labareda de um

incendio, ou o solavanco de um cataclismo, mostram, por toda a parte, os buracos... Os financeiros continuam a cegar-nos os olhos com os seus botões de ouro; a pompear os seus theatraes peitilhos de jaspe, decorativos; mas a civilisação hodierna christã representa a tunica de Christo em frangalhos.

Ha desenove seculos que dura a civilisação christã: e ella caminha, pavorosamente, a passos agigantados, para um enlaivecimento maior que o enlaivecimento romano. Acaso a dynastia dos banqueiros contemporaneos é mais honesta que a dynastia dos Cesares, ou dos Augustos?... Não é. A lama de Panamá, de Dreyfús, de Hooley, valem bem os mysterios da *casa de ouro* de Nero; as libertinagens de Julia e de seu pae; os enxurdeiros de Heliogabalo; e as torpezas bestiaes do imperador Claudio, o senil idiota. Vanderbilt, o millionario yankee, gastando no fecho de uma porta uns certos milhares de dollars, é tão desequilibrado como Caligula, construindo para o seu corcel *Itacus* a caprichosa mangedoura de marfim. A demencia desordenada do fausto ridiculo é a mesma. A *besta humana*, que descubriu de Maistre, continúa a ter as mesmas orelhas de jumento, e a mesma cauda de pavão.

Em que se differençam as demencias ornamentaes dos banqueiros contemporaneos das demencias dos antigos Cesares?... Em não se permittirem acaso o luxo do Circo, e dos martyres ás feras?... Isso mesmo elles teem:—o circo é a Bolsa, os martyres são os povos, elles são as feras.

Por que pois, de preferencia, uma campanha contra os banqueiros hebraicos, os Reinach, ou os Rotschild?... Todo o financeiro, seja qual fôr a sua origem, é de temperamento judaico. Todo o argentario é descendente do patriarcha Jacob e da donairosa Rachel. Christo, tendo prégado aos seus discipulos, n'essa arrendada Jerusalem das parábolas e dos canticos, que andassem sem sandalias e sem bordão, foi tão escutado pelos seus pontifices, *que usam thiaras de ouro, que caricatúram sóes*, (como sacerdotes da Assyria,) como Diogenes, vivendo dentro de uma barrica, foi escutado pelos companheiros de Alcibiades, que pompeávam cigarras douradas nos cabellos, ou pelos velhos andróginos que faziam a sua côrte á corinthia Lais. O magnetismo da Corrupção é tão satanicamente mortal como a vertigem de um homem que se debruça n'uma cisterna. Ambas teem lama, e ambas attrahem para a lama. Ambas teem genéses e procissões de soes, por cima: — mas vasa e pedregulhos em baixo.

Todo o mundo contemporaneo caminha hoje, ás cegas, ás tontas, como um morcego doido de sol, para um abysmo: — que é a *bancarrota moral*. A bancarrota financeira dos estados *dessorados* e *moribundos*, segundo a phrase cyprestal de lord Chamberlain, é apenas uma consequencia da primeira. Quem é dissoluto, perdulario, amigo dos metaes, dos deboxes, dos pelotiqueiros, dos ribaldos e palhaços, não póde ser uma consciencia aláda. As civilisações decadentes terminam sempre pelo amor do metal e da bestialidade

humana. A *Venus Pandemia*, da Elida, estava sentada sobre um bode com chavelhos de ouro. As patricias romanas profanavam-se aos Lucullos e aos gladiadores:—a decadencia actual mostra pendor para os banqueiros, os cavallariços, e os alquilés... A *fallencia* material attesta quasi sempre uma derrocada, um desequilibrio moral. Pelo contrario, os estados simples attestam um rebanho espiritual de almas simples. São sempre um aggregado singelo e bom de pastores, lavradores, ceifeiros: homens tostados da serra ou do mar: tranquillos amigos da familia, das paisagens, da simplicidade: do lume bom e alegre da lareira. Eu não quero dizer, Senhor, que os paraisos musicaes e velludosos da Civilisação não adormentem e amolleçam as almas artisticas, com os seus tymbales mágicos, tão fatidicos como os da deosa Cybéle:—quero dizer apenas que as Civilisações teem sido como as sereias das lendas marinhas dos mares do Sul: todas acabam sempre n'uma cauda de monstro. Não quero dizer tambem que só as nações, financeiramente arruinadas, accusam irremediavelmente um enlaivecimento moral. Quero dizer apenas que é um máo symptoma: e que, se as nodoas violáceas das gangrenas desapparecem com compressas camphoradas, esta—*facies mortalis*,—este aspecto cadavérico dos estados, é um aspecto de máo agouro: abrem sempre o appetite aos politicos da cóva. Não quéro dizer tambem que os estados mais prosperos sejam os mais indemnes da vasta corruptella moral que lavra, peor do que a lepra de que se lastimava

Job, na sua montureira de Hus. A ser assim, a Grã Bretanha, com as suas arcas abarrotadas de libras sterlinas, e barras de ouro resplandecente das Indias, seria, decerto, um espelho de virtudes campesinas e pastoraes. Não: são pelo contrario, a maior parte d'esses estados bandoleiros e dinheirosos, que dão peóres exemplos ao mundo, alliando a rapinagem dos primitivos aventureiros piratas com a hypocrisia emolliente e oleosa dos que se dizem ovelheiros de Jesus. A corrupção d'esses estados agácha-se e enrodilha-se na penumbra: fica acocoráda na sombra e nos latibulos da escuridão: até que venham, acaso, clarear as arestas d'essa penumbra, a estola aurea da Justiça, o facho da Verdade, ou a tocha escarlate de Judas. Esta decomposição não suppúra exteriormente: não se distingue á superficie: por que a mascáram bem por fóra, como os tumulos caiados do Evangelho; mas, como ella está fermentando no fundo, os gazes não tardarão a decompôr-se: e a obra da dissolução, irreparável e irremediavel, se fará a seu tempo. Soarão, então, para esses estados metallicos e egoistas os responsórios dos mortos, n'essa hora sonora e melodramatica, em que a Historia manda armar o catafalco dos imperios na sala dos seus agápes.

Estamos n'uma hora funérea da sociedade moderna: — cheira a cadaveres, ainda que, das bandas gélidas do Neva, sôem palavras idyllicas de paz. Chegou como que um momento de *desencanto* aos espiritos menos idealistas, ao vêrem que os estados teem menos

moral de que os reclusos das galés. A grande massa cheia de farrapos, andrajos, tribulações, desesperos, soluços e dôres, comprehende vagamente que é burlada pela moral dos Códigos. Quando ella o comprehender, nitidamente, como um theorema geométrico, o que succederá?... É preciso contar com essa desdenhada *ralé que soffre,* com essa anonyma escumalha das crucificações e das tavolagens!... Quem poderá refrear essa onda lavosa, revolta, faminta, esguedelhada e barbara, que quererá escavacar os idolos de quem temeu os raios; que a mandáram para os desterros, as galés, as epidemias, os tremedaes, as insolações; — ante quem ella chorou de rastos, a quem se enlaivou, a quem se prostituiu, a quem beijocou os pés?... Sim, por que o que foi essa moral?... Uma teia de aranha que estrangulava os mosquitos, e deixava passar os abutres. Penitenciarias para os moedeiros falsos, os vadios e ribaldeiros, os farroupilhas tunantes, os bandoleiros de viella: — palmas, fanfarras regimentaes, estatuas e *hossanahs*, para os sublimes larapios que regressam como *heroes!*... Enforquem-me esse *livido bandalho*, que assassinou e esquartejou essa velha octogenaria: — enramem de louros a fronte d'aquelle catholico generalissimo, que passou á espada quarenta mil habitantes!... Condemnem a trinta annos de galés aquelle *pallido pandilha*, que falsificou uns recibos de administração: — collóquem no Pantheon o corpo sagrado de Bismarck, — *o di-*

vino, — que falsificou um telegramma de Napoleão III, e pilhou duas provincias inteiras ao gaulez inimigo!... Moral humana, como és preclara, equitativa, feiticeira, e pontifical!... Formae á vossa imagem heroes, patriarchas, e idolos; de ouro ou pedras finas, de marfim ou do purpurino pórphyro; que esses idolos, como são fallaciosos como vós, hão-de caír perante a critica da rasão pura. O Absurdo vos fará ruir por terra, por que o Absurdo é uma cidadella na areia. Túnica de Christo, foram os legionarios romanos que te jogáram aos dados; mas os que te hão feito em farrapos, foram os teus espirituaes pontifices, que vendem *indulgencias* a ouro; foram os teus estados christianissimos que fázem papel de *maus ladrões;* foram os teus piedosos reis, que são homicidas; foram os teus *chancelleres de ferro*, que se fizeram falsarios. Sociedade formalista e falsa; beata e dengosa; mundana e amiga de *lausperennes*, paréces viva ainda, mas já estás violácea e pôdre: — porém, como foste um monstro curioso e célebre, comprometti-me a fazer a tua autopsia.

A sociedade, Senhor, assistirá muito breve a um conflicto de raças esfomeadas. Vão começar as rapinas barbaras dos belfurinheiros no *mundo negro*. A Europa, como presentindo um cataclysmo, trata de mudar a sua mobilia á pressa, como um inquilino assombrado que móra cerca de um vulcão. Ella quer alliar a religião com as suas pilhagens e crápulas, como um salteador beato, ou um crapuloso cheio dos livores das orgias,

que se persigna á luz fumacenta das alfurjas e das tabernas. Mas eis que muito breve os diplomatas levantarão as mascaras:—e apparecerão os milhafres, os leopardos, os chacaes. Eis todo um mundo velho que se desconjunta e esfrangálha:—eis todo um mundo novo que se revolve n'um ventre de abominações, suóres malditos, e dôres... O que cumpre fazer, deante da guella escancarada da Esphinge ensanguentada, que devora as raças que não adivinham os seus pallidos enigmas?... Tratar de dar solução latissima ás ameaçadoras questões que pendem dos seus labios tragicos. E esses enigmas são:—a questão das religiões, a questão economica, a questão da terra, a questão do suffragio, a questão das raças, a questão da educação. Como resolver a questão das religiões?—Pela tolerancia de todas.—Como resolver a questão economica?—Formando de toda a sociedade uma federação de trabalhadores; todos com um salario consoante as suas necessidades pessoaes, ou de familia.—Como resolver a questão da partilha da Terra?—Não a dividindo nunca. Fazendo a federação internacional de todos os que áram o solo, e de cada lavrador um rendeiro da communidade. Todo o homem deve ter noções de agricultura, ainda que se destine a outro mister: todo o homem deve estar apto, até aos cincoenta annos, a saber defender a terra e a saber lavral-a: a ser soldado e a ser lavrador. A idea de patria é estreita perante a da federação humana.—Como resolver a questão do suffragio?—Tornando o alphabeto obrigatorio como a vacina, e considerando eleitor

todo o que souber lêr, e, portanto, formar criterio. — Como solver a questão das raças? — Proclamando a grande hegemonia humana; a intima solidariedade dos estados fracos contra as iniquidades dos fortes; fundando um tribunal internacional, presidido, não por juristas argutos, ou por diplomatas subtís; mas por moralistas e intellectuaes da craveira de Spencer, Laffite, Virchow, Lefèvre, ou do saudoso e amoravel Michelet. — Como, finalmente, resolver a questão fundamental do Ensino? — Tornando obrigatorio a todo o homem as noções sobre a terra; a sciencia da lavoura; depois as sciencias industriaes; mas *mais que tudo*, acima de tudo, como base transcendente e espiritual de tudo, a educação do sentimento e do coração.

É esta base sincera, immaterial e amoravel, que escasseou sempre a este mundo dessorado, em que nós nos arrastamos, pallidos Europeos, carcomidos de tedio, torturados de egoismo, suarentos de desejos, macilentados de orgias... É na *educação da creança* que está a base e o cimento de todo o *mundo novo* a que anceiam as almas. Mas o que lhes cumpre ensinar? — Não muitas sciencias profundas e complexas, que enchendo o cerebro só de formulas e de theorias, deixam, as mais das vezes, o coração embedrado e vasio. — Cumpre ensinar-lhes o amor do trabalho; o despreso das riquezas; o amor da vida simples; a bondade inoculada desde o berço; o horror da mentira sentimental e convencional; e o desdem de todos os apparatos ornamentaes e triviaes, que nem elevam a alma, nem dilatam o coração.

Fará isto esta geração hypnotisada pelo *Bezerro de Ouro*, n'este seculo que agora se abre, já que o não fez, á hora alta em que escrevo, no seculo que vae findar?... Não é facil asseveral-o: por que muitas hecatombes de povos immolados entulharão o solo da Historia, antes que cáiam, como a S. Paulo, na jornada de Damasco, as escamas dos olhos d'estes homens de rapacidade e violencia, d'estes *esfomeados do Ouro*. Por muito tempo ainda, como diz a Escriptura, o cão voltará ao seu proprio vómito, e o suino lavado a revolver-se e a fossar no seu enxurdeiro.

Os espiritos altos, preclaros e immateriaes, enojados e descontentes d'estas torpezas, emigram para as solidões: para os retiros contemplativos do Silencio e da Abstracção: cheios de desprezos pelos apparatos theatraes, tal e qual como os antigos Jeronymos fugiam para as Thebaidas, no tempo dos imperadores Juliano, Gallério, ou dos trinta tyrannos. Assim teem feito hoje Spencer, Ibsen, Tolstoi. Os mais humildes, como nós, evitam a mágica representação. E então o mundo, abandonado por estes espirituaes cavalleiros do Cysne, fica entregue unicamente aos milhafres, que são os guerreiros; aos corvos que são os politicos; aos morcegos que são os jesuitas; aos abutres que são os argentarios;—e ás corujas, aos noitibós, e aos mochos, que são os diplomatas que caçam na escuridão dos povos. São estes que fabricam os Sédans tão tragicos como chués!...

Senhor, é com esta epistola que vos endereço,

que eu quiz iniciar a serie que tenho dirigido a varios chefes europeos: e é a vós que eu offérto esta obra, como penhor do alto apreço que me mereceis. Eu respeito os homens que, a lanços de talento, de sabedoria, de caracter, constróem o seu destino, como os povos jovens que sabem fazer a sua historia. Desprézo, pelo contrario, tanto os povos como os homens, que me ensurdécem com a gloria dos seus poentos papyros e avoengos, sem nada fazerem de preclaro, de sublime, nem de util como elles.

Estes povos são como os *cicerónes* de Pompeia:— apontam somente ao estrangeiro as ruas, os palacios, e as estatuas dos mortos. Vós sois um homem, que, com o vosso talento, e o vosso merito proprio, construistes o vosso destino: e sois chefe de um povo joven, que, com as suas robustas mãos, está edificando a sua Historia. Acceitae, pois, esta obra, grito de um espirito que protesta em Babylonia, no meio de um diluvio de lama, n'estes tempos afflictivos e calamitosos que correm, em que os que clamam verdades e acúsam, como Zola, são desvirtuados, polluidos, e calumniados. Acceitae-a, Senhor, como um preito da minha admiração: e com um voto fervoroso para que o povo joven, sobre que superintendeis, seja isempto dos vicios, das máculas, e das abominações que apressam, cada vez mais, a ruinaria d'esta sociedade contemporanea... e da *velha basilica*, que se esfarellam.

Lisboa, 25 de Janeiro de 1899.

 GOMES LEAL.

PRIMEIRA PARTE

PROCESSO DA CORRUPÇÃO

Distico

Como um cirurgião que retalha a escalpello
um ventre esculptural, lacteo, gentil, e bello,
como quem fura um ôdre...
assim mundo tambem — peito immoral e amado, —
corpo todo de azul e de lama estrellado,
eu te hei de retalhar nos teus milhões deitado,
carcassa linda e pôdre!...

Mentiras sentimentaes

(A MAX NORDAU)

O Sec'lo vae findar na orgia e na demencia.
Reina o *luxo* e o *cancan*. Cáem bancos aos pares.
— Façamos tua autopsia, ó louca decadencia!

Não me enganas a mim, com teu *bom tom*, e esgares
de *cocotte* gentil de phrases passionaes,
que repete, em salões, geitos de lupanares!

Teus brados de amor patrio, e os farrapos banaes
d'essa tua *elegante* e *pompadour* rhetorica,
são lixo... entulho... pó... caruncho... nada mais!

A *Honra* que floriu, n'uma era prehistorica,
é a arte de illudir o Codigo Penal.
— Faz, comtudo, certo ar n'uma tragedia historica!

Matrimonio exprime hoje uma farça legal:
a operação subtil, commercial, economica,
que, eliminando o Amor, triplica o Capital.

Gloria, cisterna vã, que o éco torna euphónica:
é um véo côr de rosa a alindar rapinagem,
— procissão de imbecís atraz de philarmonica!

Liberdade és ainda uma lyrica imagem!...
— Equival's a cada um poder morrer de fome,
no enxurdeiro, a um bom sol, sob uma carroagem!...

Amor da Patria, vasta e escarlate bandeira!
tornas heroes rufiões, saxónios, e piratas
que cubiçam coraes de uma ilha estrangeira!

Fraternidade, invento alégre de acrobatas!
lembras-me sempre a mim patibulos, calvarios,
pelourinhos, polés, monstros canhões, chibátas.

Egualdade, brazão d'entes humanitarios,
como te entendem bem, lá, na africana gente,
senhor's de roça vis... na Europa os millionarios!

Caridade, tu vaes á trapeira indigente,
lançar uma migalha ao cachorro esfomeado.
— Fazes bem, não se damna e não quebra a corrente!

Desint'resse — maráo comediante enluvado,
gabando o teu civismo a cidadãos ingratos,
seus trastes pões ao sol, por um juro atrazado!...

Justiça, desleal balança, com dous pratos,
ambos de ouro de lei, porém com pezos falsos,
— tens dentro de um Jesus, e no outro Pilatos.

Religião, freio só de ignorantes descalços:
em teu nome o Europeo rouba as hordas selvagens.
— Cruz erguida em tições, tribunaes, cadafalsos!...

Civilisação ah! que ridentes miragens
desenrola, ante nós, a palavra cantante,
que mascára bordeis, sangueiras, tavolagens!...

Amor, volata azul, sonata extasiante,
que se volve mais tarde em cutello ou baraço,
reduzes a mulher a martyr ou bacchante!...

Altruismo, expressão sonora com que engraço!
tem um contra porém... ser o anzol traiçoeiro,
que ao senhor dá a uva e ao escravo o bagaço.

Humanidade, som de flautim feiticeiro,
que tanto tangem Nero e Judas de Karioth,
como o rei, o histrião, o dentista, o coveiro!...

Paz, visão côr de rosa e que enternece o zóte!
corresponde a ter dez milhões de combatentes,
balões com *melinite*, e mil náos de alto lote.

Moral, codigo vão feito por impotentes,
convencional conforme as zonas ou os mundos,
que só cumpre o mortal quando já não tem dentes!...

Probidade, calão que occulta actos immundos,
quér dizer o horror ás palhas da enxovia...
o politico anzol com que se pescam fundos!

Sentimento, tenor cheio de melodia.
Canta arias passionaes... e tem sempre a lembrança
de enviar aos jornaes retrato e biographia.

Familia lembra o pae, lembra a esposa, a creança,
causa terna emoção... sobretudo quando ha
um tio excepcional que nos lega uma herança.

Dedicação repelle uma suspeita má.
É, comtudo, um cartaz com grossas letras pretas,
que mascara ambição d'ouro, emprego, ou *crachat*.

Esmolla, flor que o *hig-life* hoje planta em gazetas,
e expõe como leões, em feira, á vozearia,
com rufos de tambor e toques de trombetas.

Virtude, moça ideal que morreu de anemía,
fica bem na oração de um tribuno violento,
e lê-se em folhetins dos jornaes, dia a dia!...

Castidade, frieza ou máo temperamento.
— É no homem o horror de fenecer depressa,
— na mulher um ardil de arranjar casamento.

Ouro, mola real d'esta comica peça,
vertigem que persegue o mortal desde o berço,
— té que esverdeia emfim n'uma soberba éça!...

Luxo, aroma subtil e doido no ar disperso,
nevrose do setim, a esmeralda, o velludo,
— mais que a Syph'lis e o Ouro apodrece o universo.

Luxuria d'olhar verde, uivo choroso e agudo,
cheia de andrajos és a rameira... a *galdéria*...
— mas, rojando setins, causas espasmo mudo!...

Alcoolismo, cevado a grunhir na materia,
com teu vidrado olhar sobre o tonel bojúdo,
envenenas, vampiro! os bairros da Miséria.

Egoismo, expressão que é a chave de tudo,
cancro que mina e róe assim como o *alcoolismo*,
alpha e omega emfim d'este immoral entrudo.

Eis tua autopsia ó mundo actual, teu cynismo!...
Tudo é mentira em ti. — Por isso has de rolar,
cadaver falso e vil, aos hervaçaes do abysmo.

Se a Consciencia acusa a hora ha de chegar.

Carta a uma gentil canalha [1]

(AUTOPSIA DE UMA PRINCEZA)

Princeza de alto nome!
de nome brazonado,
o teu brio e pudor arrojaste ao enxurdeiro...
Não foi por negra fome,
(o espectro descarnado)
ou a ancia de Dinheiro...
—foi o amor do *deboxe,* e a attracção do atoleiro!

---

[1] Este typo de mulher é o de uma célebre princeza parisiense, verdadeira desequilibrada, *fim de século*, cujas photographias, em diversas posturas, se encontram em todas as montras dos *boulevards.*

Tu tinhas um sollar de larga escadaria,
aonde a turba dos fidalgos ia,
de *camelias* no *frac*, em romaria,
teus pés *mignons* beijar...
Tinhas joias, setins, pedras da côr de estrellas,
— mas a tudo pref'riste o vicio das viellas
e a lama do *trottoir!*

Tu tinhas, por esposo, um princepe de raça,
cem palacios, *chateaux*, mattas de caça,
e o mimo loiro e a graça
de seis louros *bebés*...
— e deixaste o teu lar e os braços dos teus filhos,
pelos doidos *cancans* e os sujos estribilhos
das canções dos *cafés!*

Com teu pandilha amante, um lyrico cigano,
corres a Europa toda, todo o anno,
á guitarra e ao piano,
dançando onde se ri...
Elle tange rabéca o musical Cabinda.
— E tu, ó flor real!... loura canalha linda!...
danças na *brasserie*.

Pois bem:—filha de um sec'lo absurdo e extravagante!
repára bem, bacchante,
de seios leves, nús...
—que a Ralé, em ti vê, decaida princeza,
a dançar o *cancan* toda a feudal nobreza
da lança e mais da Cruz!

Mas que dirás, mulher, se do Destino a força
fizer que um filho teu te veja, —ó vil comborça!
semi-nua, a bailar...
vestida de *maillot*, torcida em mil posturas,
e ouvindo as troças vís, as galhofas impuras
de um doido *boulevard?*...

Post Scriptum

Mulher, riem de ti! — Só eu chóro a cegueira
dos teus gozos fallazes!
Antes fosses a chã e humilde costureira,
que á tardinha, ao sol pôr, suave, na trapeira,
vê florir os lilazes!...

Carta a um monstro lindo

(AUTOPSIA DE UMA MUNDANA)

Monstro de oiro e setim, de dentes lampejantes,
olhar verde e sereno!...
como as flor's tropicaes de aromas excitantes,
que matam, attrahindo, os insectos brilhantes,
teu aroma é veneno.

Deitada n'um *divan*, toda gaze e escumilha,
com *lorgnon*, pó de arroz...
voluptuosa a fumar a aérea cigarrilha,
quem poderá cuidar que esse olhar de aço brilha
como um gume de algoz!...

Quem poderá cuidar que entre aromas tão gratos,
o oiro e a malachíte...
os teus labios sensuaes, vermelhos como cactos,
occultam a traição, quaes pomos putrefactos
do lago de Asphaltíte?...

Cavalgando o *Sultão* que tem jarretes bravos,
ou trincando *bombons*...
ou perlando o sorrir dos teus labios, dous cravos,
pensas só em cuspir em corações escravos,
e amontoar *coupons*.

Se sorris, teu sorrir lembra o olôr venenoso
da tropical flóra.
Se chóras, és egual ao crocodilo unctuoso,
que atrahe junto aos juncaes o viajeiro piedoso...
e em seguida o devóra!

Se é certo que tu tens, sob um véo transparente
glandulas mamaes...
e usas pôr-lhe, por *chic*, uma gaze prudente,
prosaico achas porém que sirvam vulgarmente
a funcções maternaes!...

A ancestral Amazona amputava um dos peitos,
guerreando os heroes...
se eu não vira esses teus, tão lacteos, nus, perfeitos,
cuidaria, mulher, que para heroicos feitos
amputáras os dois.

As creanças p'ra ti são *bebés* de capella,
de graciosa figura...
cabellos em anneis, olhos azues, umbella,
que deviam ter dentro — inda a mais loura e bella, —
cotão ou serradura.

Teu esposo escolheste-o entre os partidos vários,
por que o Ouro tem brilho.
— Festejas porém mais teus lyricos canarios !...
E mais que elles, que Deos, teus cães, teus trintanarios:
— *amas teu espartilho.*

Não vês na Arte o ideal de anceios tressuados...
mas um *chic* mundano.
E, nos saráos que dás, garganteando trinados,
fazes aos rouxinoes paródias nos teclados
do passional piano.

Não te abala do Christo o idealismo extranho,
nem seu supplicio cru,
nem Magdá que o ungiu n'um perfumado banho...
— Fitas-lo para vêr, trespassado n'um lenho,
um Revoltado nu.

Tens amantes aos cem: — mas com arte secreta
de elegancia e mysterio.
Não os tens por paixão, porque és fria e correcta:
mas sim por que no *hig-life* e a roda mais selecta
— é mui *chic* o adulterio!...

Não lanças teus leaes amantes da esplanada,
como a amante real...
da alta torre de Nesle, á lua ensanguentada,
porque não tens castello, e faz-te frio a espada
do Código Penal.

Mas matas lentamente o triste a quem fascina
o amor das tranças bellas...
Mais vil do que Macbeth, a *lady* assassina,
não te turba a paixão: — mas a ancia feminina
das rendas de Bruxellas.

Jamais um dia aflou teu peito lacteo e frio
affecto por ninguem.
Teu canto musical de melodioso amavio
lembra um poço entre flor's: — pois quanto mais vasio
mais sonoro éco tem.

Monstro moderno... és o fructo repugnante
de um seculo gafado!
Em vez de coração, tens, n'um *sachet* galante:
um mixto d'esse pó diabolico e elegante
da lama do Chiado.

Post Scriptum

O sol tombando doira os templos e as bandeiras,
os vitraes e as rosaceas...
Enojado de ti, ólho as verdes ladeiras.
E apraz-me vêr beijar-se as pombas prasenteiras,
nas floridas acacias!...

A Traição [1]

(AUTOPSIA DE UM REI)

Senhor

.....se acaso um rude e energico plebeo
póde ser um juiz, e um rei tornar-se réo,
se acaso o assassinado á noute n'uma esquina
póde gritar — traição, — contra quem o assassina,
se acaso um rude velho excommungou Paris,
e Juvenal cuspiu na imperial meretriz,
e a Historia toda escarra em Judas, o traidor,
eu serei o juiz — e vós o réo, Senhor!

Sim, maucharás na lama, ó rei, os teus brazões,
e terás por juiz a Plebe e os corações

---

[1] Esta carta, dirigida ao monarcha então reinante, D. Luiz I, valeu o encarceramento ao seu auctor.

dos guerreiros fieis, bruscos, encanecidos,
que chorarão de raiva os louros prostituidos,
se deres os pendões furados das metralhas,
que já viram o fumo e os soes de cem batalhas,
a aura da Liberdade e o sopro das desgraças,
a voz das sedições nas ruas e nas praças,
se deres os pendões... gloriosos tanta vez...
— para os calcar os pés do marinheiro inglez!

Vender-nos-has, ó rei! — Mas ficarás um muro,
no qual escreverá o dedo do futuro,
o dedo vingador, barbaro, antigo, austéro,
que marcou a Kain e ensanguentou a Nero,
que escreveu sobre a testa ao velho Tamerlão
esta legenda atroz — *assassino e ladrão* —
esse dedo cruel que pôz a Alexandre VI
o distico feroz onde se lê *incesto*,
que marcou Carlos IX, o algoz dos huguenotes,
e que em ti marcará — *Judas Iscariotes.* —

Ah! póde haver um rei tão picaro e pandilha
que venda o seu paiz, e mãe que venda a filha!...
Podem acaso haver entes tão latrinarios,
que atirem para as mãos de um ou de mais sicarios
uns seios virginaes... e a honra de um paiz!...
O' pallida mulher, ó loura meretriz,

dize se acaso emfim no debochado leito,
onde vaes salsujar teu corpo alvo e perfeito,
pódes erguer as mãos, pódes orar ao ceo,
pela infame mulher, a mãe que te vendeu?...
Dize se a urna d'ouro e de crystal partida,
atirada ao bordel, mulher prostituida,
póde ainda conter, em lagrimas perlada,
e delicada flor, virginea, avelludada,
virginal como o amor n'um joven coração...
a flor que nos condoe, a santa flor perdão?...

Homens do nosso tempo, herdeiros de uma herança
fatal... é nossa deusa a furia da Vingança.
Temos o barbaro Odio [1] energico, revel,
que ao mesmo tempo é doce e ao mesmo tempo é fel;
odio eterno, feroz, que mais e mais se atiça,
mas que é tambem Amor—e que é tambem Justiça.—
É o odio contra o torpe e a vasa do monturo.
É o odio contra a mãe que, á noute, pelo escuro,
vae a filha vender ao lupanar occulto...
É odio a ti mulher, que expões teu seio ao insulto

[1] Este odio, puramente philosophico, refere-se a tudo iniquo.

de uns beijos d'aluguel, por uns velludos mais...
É o odio contra o filho, é o odio contra os paes
dobrados, imbecis, cheios de um mal secreto,
de um vergonhoso mal que vae do avô ao neto,
que se vão hospedar ambos no mesmo hotel,
e se encontram — á noute — ao jogo e no bordel!...

E' o odio contra ti, pallido libertino,
que apalpas entre as mãos um seio feminino,
e o atiras para o leito inda peor que a cova!...
E' o odio contra ti, fraca geração nova,
que amas sómente rir, e não tens convicções,
nem ideal, nem fé, nem nervos, nem tendões,
não sabes venerar, não sabes ter respeito,
rugir, nem arrancar as lagrimas do peito,
nem rir como Voltaire, amar como Romeu,
soffrer como Jesus — nem odiar como eu.
E' o odio emfim a vós, ó vendilhões estultos,
que vossa propria Mãe vendestes aos insultos
do vil marujo inglez, e lh'a arrojaes nos braços,
como uma meretriz, ébria de mil abraços,
que os seios, sem pudôr, entrega á marinhagem...
E' o odio contra ti, ó rei, cuja coragem
sómente egualará a tua gafaría,
commettendo a baixeza, a insania, a villania,

de arrojar á hyena, á ladra, a John Bull,
nossos rudes irmãos da Africa do Sul.
E' o odio contra ti, ó régio salafrario!
se fizer's esse acto iniquo e extraordinario...
porque ainda que ha muito existe a vil traição,
monarchas sem pudor e mães sem coração,
parece sempre horrendo, extraordinario, novo,
—que a mãe venda uma filha e o rei que venda um povo!...

Talvez creias, ó rei, que a extranha apologia
que fiz do Odio accusa uma alma baixa e fria...
Talvez creias tambem que quem assim tem fel
não póde amar ninguem. Enganas-te!... O revel,
o homem que em seu peito altivo e rebellado
sentiu dentro de si odio intimo e sagrado,
o odio contra o erro, a lama, a podridão,
e arrancou do seu peito uns roncos de leão;
que no alto, vendo o Azul, aos ais do miseravel,
impassivel, sereno, augusto, inabalavel,
e em baixo, cá na terra, em thronos assentados,
toda a horda dos reis, sorrindo ensanguentados;
vendo reger na terra o Despotismo eterno,
todo de bronze o ceu, todo de treva o Inferno,
em cima escuridão — em baixo infamia e noute —
não poude reprimir da colera o açoute,

e arremessando ao Azul o grito da sua ira
bradou: — Justiça Mãe! — tu que não és mentira,
tu que tens sido sempre a virgem rude e fórte,
meu unico luar, meu iman, e meu norte,
meu idolo, meu mal, meu rude anjo custodio,
— depois de ti, ó Mãe! não ha senão o Odio.

Ora este odio tremendo, odio eterno, Senhor,
é filho da Justiça — e é uma face do Amor.
E' este odio que faz que, cheios de utopias,
vamos, ao acaso, errar nas virgens serranias.
atraz dos ideaes selvagens, desgrenhados...
e que como uns atheos, ou como uns rebellados,
nos apontem as mãos ás timidas mulheres,
como uns homens reveis, ou como extranhos seres,
sem Amor, sem Mulher, sem Patria, sem Altar,
que vão de monte em monte, e vão de mar em mar...
Este odio virginal das consciencias brancas
é uma força, ó rei! — Val mais que as alavancas,
val mais do que os canhões, não só dos teus vassallos,
mas de mil esquadrões de barbaros cavallos,
que o mundo possa pôr em pé de guerra, um dia...
Val mais que a dynamite e mais que a artilheria,
ruindo as povoações das praças aterradas...
Val mais que todo o bronze e o aço das espadas,

mais do que os canhões Krup, feitos correctamente,
com sciencia, com arte, estudo, sabiamente,
balistica, e o demais que o homem desencante,
para matar em regra a Abel seu semelhante...
Esse Odio é todo um drama, ou barbara epopeia.
—Só o que muito ama é o que muito odeia!
Eu, por mim, nutro um odio indomito, selvagem,
que é como um diamante e o raio da coragem,
um odio colossal, demolidor, que arrasa,
e de que hei-de fazer um quente ferro em braza,
para marcar na testa a ti e a teus irmãos...
—Quero fallar dos reis, fallo dos cortezãos!
Fallo da corja vil dos entes latrinarios,
que ladram contra a luz, marquezes, e sicarios,
que são grandes do reino, aios, ou estribeiros,
—*dandys*, altos barões, duques, e alcoviteiros.
Fallo das cortezãs hieraticas e bellas,
que ullulam de luxuria assim como as cadellas;
não da plebe servil, mineira, que trabalha,
—pois que não és irmão, ó rei, d'esta escumalha!...

II

Oh mineiro! oh mineiro!... ai, quando, sob a terra.
lesces, longe da luz, as espiraes da dôr,
e esquecendo as canções nataes da tua serra.
espancastes de ti as illusões do amor!...
Quando, tornado o peito um tumulo vasio,
lesceste para sempre á tenebrosa mina,
onde não vem gemer a fresca voz do rio,
nem vulto de mulher branqueia na neblina!...
Quando fechaste a alma á ancia dos desejos,
como um faminto lobo uivando n'um pinhal,
ou como um cenobita esconde o rosto aos beijos
das lyricas visões, pelo *sabbat* do Mal!...
Quando, nas solidões dos tropicos ardentes,
pojaste ao arido chão a fronte e os membros nus,
lembrou-te a palmeira e o estrondo das torrentes,
, ao fundo, o Azul callado, a herva, o mar, a luz!...
Quando no gelo emfim das solidões extranhas,
o deserto polar da escuridão do inferno,
para sempre fugiste aos lyrios das montanhas,
grande Natureza e ao grande Amor eterno!...

dize, sabias já, — ó lugubre mineiro! —
que o pallido metal que ias desenterrar,
vergado, semi-nú, talvez um anno inteiro,
gastam os reis sómente, um dia, n'um jantar?...
Dize, sabias já que a Providencia avára
concede a um a luz, a outro a treva exangue,
a um a taça d'ouro, a outro a esponja amára,
e a noite arida e má em que se sua sangue?...
Dize, sabias já que existem sobre o sólo
infames cortezãos, lacaios resplendentes,
meretrizes ducaes a quem se inunda o collo
com Champagne, com Rhum, e vinhos eloquentes?...
Dize, sabias já, na escuridão das minas,
agachado, aos clarões das lividas lanternas,
que existem cortezãs, duquezas libertinas,
excedendo os ladrões e as fêmeas das tabernas?...
Dize se, como o Fausto, em sua escura cella,
tu viste o pranto, o escarneo, e a loura meretriz,
sabias que se atira ouro pela janella,
e, que, ó infamia! ha reis que vendem seu paiz?...
O' infamia! ó infamia! — ó seculo maldito, —
em que se vende tudo, a Mãe, a Patria, o Amor...
ó veneno subtil, sordido, e corruptor,
que Satanaz cuspiu no poço do infinito!...
O' encanto infernal das vastas Capitaes,

delicia dos ladrões, dos vicios, da ralé,
em que se afunda a alma, enxerga-se a galé,
e afia-se o sorriso, e afiam-se os punhaes...
Levantae para o ceo as vossas mãos honestas,
como um protesto heroico, energico, sublime,
Cavalleiros do Bem, que vindes das florestas
da Idéa... e juraes guerra á Podridão e ao Crime.
Correi sobre este charco a toda a rédea solta,
vós, justos campeões, puros como os arminhos...
— e agitae pelo ar a espada da Revolta!
— e afiae os punhaes nas pedras dos caminhos!

III

Soou à hora, ó rei. A aurora vem raiando.
Já se ouvem os clarins guerreiros d'esse bando
que rue o despotismo, esse colosso rhódio...
São da ralé tambem. Tambem seu nome é Odio.
Chegam para tomar-te, ó rei, tremendas contas,
se arrojar's a mãe patria aos risos, ás affrontas,
á vaia e aos pontapés do ébrio marinheiro,
do marujo saxão, do John Bull caixeiro!...

Mas que te importa a ti a Plebe, e a Sedição,
se acaso jantas bem, fazes a digestão,
os charutos são bons, é generoso o vinho?...
Se vela no teu pulso o Magalhães Coutinho,
o ceu é calmo e azul, e para o exilio é cedo?...
Se guarda o teu remanso o general Macedo,
e tens fofos divans, onde usas digerir?...
Se, depois do café, relês e Shakespeare,
(que os poetas, ó rei, os tragicos até,
é do *hig-life* e bom tom lêr depois do café!...)
se tens salas da sésta, aureas salas chinezas,
boas pelles de tigre, hieraticas marquezas...
e um busto de mulher, á branca lamparina,
debuxa no lençol a fórma esbelta e fina,
e com a trança loura aroma o travesseiro?...
Se não tens confessor, carrasco, nem barbeiro, [1]
e fazes o que apraz á tua phantasia?...
Se não lês os jornaes, nem tens *dyspepsia*,
ninguem te arremessou bombas de dynamite,
o utero não te dóe, [2] e tens bom appetite,

---

[1] Allusão ao rei francez Luiz XI.

[2] *O utero não te dóe* é allusivo ao caracter flacido do monarcha.

o que te importa a ti que a Plebe vocifére,
ao vento da Revolta e peça de comer,
que o velho Jehovah troveje lá em cima,
ou que a Plebe ameace, e ore Magalhães Lima?...

Para bem do seu povo um rei, segundo o estylo,
deve dormir a sésta... e bem fazer o chylo.
Que importa que um paiz falto de capitaes
empenhe as possessões todas coloniaes?...
Que falta fez Ceylão, que perda Bombaim?
— Por isso não faltou canella nem marfim!...
Nem devem coisas taes causar serios abalos! —
O que importa é que um rei sustente bons cavallos,
que tenha boa adega... e beba bom Madeira,
tenha cem alasões que escarvem na cocheira,
cavallariços cem, archeiros, batedores,
camaristas, rufiões, alcaiótes, amores...
mas acima de tudo, o essencial, ordeiro,
não é um bom ministro — é um bom cosinheiro.

Depois de bem jantar, gordo rei folião,
entre uma aia gentil e o obeso capellão,
tu preferes da aia a esbelta companhia!...
Depois fumas um *breva*, e lês uma elegia

á sombra de uma acacia, ou de uma laranjeira...
Correm nuvens no azul!... Uma pluma ligeira
d'uma rolla caiu n'um lago crystallino...
Tu suspiras então. Faz-te bem ao intestino
um vago de scismar, e um pouco de lyrismo...
Mas tu não scismarás, oh não! no fundo abysmo
da Miseria, esse plebeu espectro que ameaça;
na amarga convulsão que invade a nossa raça;
no ensanguentado x do problema social;
na fóme em S. Miguel, na guerra do Transwall;
nos mineiros sem luz, que em sua solidão
para enganar a fome, engolem o carvão;
na Grecia que ergue as mãos para as nações ingratas;
na Irlanda sem pão, que come só batatas,
e fréme na paixão da rude Liga Agraria...
— Nem penses nunca, emfim, em cousa extraordinaria,
Proudhon ou Jehovah, Jesus ou em Satan.
Continua a viver, assim como o Deus Pan,
sob o clemente azul, á sombra da boscagem...
Vae ouvir Borghi-Mamo, á noite, de carruagem.
e, se acaso por lei inflexivel, brutal,
a bancarrota venha, ó rei de Portugal,
e ameacem teus bens um dia de ir a pique
— vende ao saxão Angola, ou vende Moçambique.

Eu sei que quem te adula e a regia mão te beija
regouga que o nosso odio hostil nasce da inveja.
Bem sei que os cortezãos, os sordidos frascarios,
te clamam que os plebeus, entes atrabiliarios,
estes homens, como eu, de fel e descontentes,
são monstros com mortaes venenos de serpentes,
que pretendem ruir Familia, Throno e Altar...
Sei que te ulúlam mais que andamos a aguçar
nas pedras do caminho a revoltosa Espada...
que um pamphletario é uma bexiga inchada
de cólera, de fel, de inveja, e dynamite,
que um dia explosirá, assim que o fogo a excite,
fazendo rebentar o mundo em estilhaços...

Mas eu juro-te a ti e mais aos teus devassos:
que não ha odio heroico e santo em corações,
como aquelle que lavra em mim ás corrupções
d'esta farça fatal da nossa velha edade;
que sinto a grande nausea e a barbara anciedade
de assistir ao final do drama monstruoso;
que não sou, como os teus, um lazarento goso,
que vá lamber teus pés, nem oscular teu manto;
que tenho visto a Plebe e tenho visto o pranto
do sangue, que ella escorre em bagas pelas ruas;
que vejo mães sem pão, magras creanças nuas,

tiritando, ao relento, á noute, pelo frio,
e homens, sem leito e lar, que vão deitar-se ao rio;
que vejo o mundo, em lucta atroz e ensanguentada,
sem ter fé no Direito, alevantando a Espada;
abaterem-se os reis, levantarem-se os fracos;
o Czar todo em sangue, em meio dos cossacos;
as escravas nações no fogo que se atiça
aquecendo o punhal em nome da Justiça,
e levantando aos ceus as rebelladas mãos;
os homens de Justiça, os peitos rectos, sãos,
rolando pela lama ás patas dos cavallos;
o mundo em convulsões, e a Europa entre os abalos
d'uma guerra eminente, o mal extraordinario
da fóme contra o Luxo, o odio do proletario;
que vejo até ao cabo em sangue já as lanças;
a Justiça sem fé vender suas balanças;
— a suspeita reinar no panico geral; —
cada vez mais feroz a guerra ao Capital; —
o recto homem de bem, sem patria nem lareira,
morrer n'uma enxovia ou d'uma ruella á beira;
Blanqui, esse feroz e grande rebellado,
toda a vida a rugir, preso como um forçado;
— Raspail, que salvou do chólera Paris,
como uma besta féra em humidos covis,

velho, acabar doente, o seu viver sombrio;
emfim que vendo, em cima, o ceo mudo e vasio,
a Virtude sem pão, a Côrte um atoleiro,
Jesus, desfeito em pó, hirto no seu madeiro,
olhando sem cessar as chagas dos joelhos;
tristes os corações, todos os ideaes velhos,
e o despotismo em pé — sómente nutro esperança
em duas cousas só — no Odio e na Vingança.

Ah! nada existe mais sinistro que a traição.
Vêde Bazaine, o biltre — e o infame Napoleão,
errando pelo mundo, ambos acorrentados
no despreso geral, e ambos excommungados
lo mundo, como atheus da excommunhão papal...

Subiam uma serra, iam descer um val,
quer fosse ao alvorecer, ou fosse no sol pôr,
se encontravam no atalho um rude lavrador
curvado sob a enxada, ou vindo das searas,
nas linhas varonis d'essas trigueiras caras,
iam logo o despreso energico e infinito,
maior do que a Kain, e ao Lucifer maldito...

É que existe uma cousa acima da grandeza,
as tiaras papaes, do Sceptro, da Realeza,
as minas do Czar, e a excommunhão da Egreja,
que faz tremer o ignávo e faz calar a Inveja...

É um ente que arrosta os mais pesados fardos;
que traz em sangue os pés dos retorcidos cardos
dos montes glaciaes das solidões eternas;
que como os Ermitães viveu já nas cavernas,
nos antros, nos covis, na escuridão das minas;
que tem visto as paixões e os blocos das ruinas,
as neves, os vulcões, os despotas, as féras;
que já viu desfilar toda a visão das Eras,
toda a fermentação irregular das Raças;
os crimes das nações, as sedições das praças;
mas sempre perseguida e sempre guerreando,
escrevendo um pamphleto, ou o sabre manejando,
como Spartaco arranca os pulsos da cadeia,
severa, estende a face a quem a esbofeteia,
e um dia morre emfim, sem que ninguem a escude,
mas morre protestando — e chama-se a Virtude. —

IV

Ó Judas! — quando ao hebreu, ao agitador sagrado, —
te assomaste e lhe déste o beijo da traição,
sabias que esse beijo ironico e enlutado
devia dar ao Christo o calyx da Paixão?...

Sabias que esse beijo eterno e monstruoso
pregava-o para sempre em cima d'um madeiro,
d'onde havia escorrer um sangue religioso
que um dia turbaria o tôrvo mundo inteiro?...
Sabias que esse beijo era a união de sangue
que casaria a Sombra, e a Perdição á Luz,
e havia de pregar, junto com o Christo exangue,
o mundo amargo e escravo em cima d'uma cruz?...
Sabias que ias ser, com um terror profundo,
uma semente má d'uma arvore fatal,
que esse beijo seria a perdição de um mundo,
e davas n'este sec'lo o osculo do Mal?...
Não sabias talvez! — Mas hoje, ó mundo, anceias
inda nas convulsões d'esse osculo feroz.
— Um veneno infernal gira nas nossas veias!
— Crendo beijar Jesus, beijaste-nos a nós!...
Ó traição! ó traição! — Depois de tantos annos
que o teu bafo empanou a terra meretriz,
ella não pode emfim dos Cezares tyrannos
totalmente apagar o osculo infeliz!...
Ó rei, quando de noute, á luz suave e morna,
da lampada nocturna e d'alva porcelana...
o Amor sobre o teu leito os seus jasmins entorna,
junto ao régio perfil da branca Italiana...

quando, ao pé do seu corpo, em estos de paixão,
osculas d'essa fronte a pallida esculptura,
não te arreceias vêr-lhe a modelada mão
crer apagar mortal virus de mordedura?...
Não te arreceias vêr na filha do guerreiro,
aventureiro e audaz como o Cid hespanhol,
que em cem acções tingiu a espada no estrangeiro,
rugindo pela patria, ao italiano sol;
não te arreceias vêr no marmore da tez
um sorrir de desdem que te clame — traidor! —
que te descerre o inferno e a livida hediondez,
— e te aponte a aza negra em que voou o Amor?...

V

Mas que te importa, ó rei. — N'um seculo venal,
em que tudo se prostra á chispa do Metal,
esposa, patria, mãe, filhas, e consciencia,
teu acto não é mais que um acto de coherencia.
Tu és um digno rei de chués cortezãos...
Ha tal que venderia a mãe e seus irmãos,

a mui casquilha esposa e aperaltadas filhas,
não, como o antigo hebreu, por pratos de lentilhas,
mas por algum *crachat*, farófia, ou bagatella...
Ha tal que se vendêra até pela baixella
do serviço real... como um que, sem abalo,
o seu reino cedeu em troca de um cavallo.
— Ó Deshonra, és ascosa, e já encheste a taça!...
Não é só na *ralé*, nos bairros da *Desgraça*,
que macúlas, mulher, teus seios sem pudor!
Marquezas d'alta estirpe ao Ouro estonteador
desflóram, sem rebuço, os seios com brilhantes...
Condessinhas gentis occultam os amantes,
emquanto o esposo bate... e outras mais corajosas,
arrastando no sólo as caudas setinosas,
distinctas no *bom tom*, e talhes dos vestidos,
namoram officiaes, aos olhos dos maridos!...
A bella flor da Carne, a flor aventureira,
valsa... em quanto o Talento expira na trapeira.
Dos teus bailes reaes no picaresco entrudo,
passam de braço dado a *Pustulla* e *o Velludo*.
Em quanto o *Crime* dança, o *Frunculo* namora...
A republica agita as multidões cá fóra;
Martens Ferrão ensina ao seu real pupillo,
não, decerto, onde estão as origens do Nilo;

mas se o ouro faltar... essa sublime mola...
—a quem ha de vender Moçambique ou Angola!...

Quem dá mais!... Quem dá mais!... é o grito do leilão.
Vamos, — mandem chamar já o tabellião!
que as escripturas lavre, em clausulas idoneas,
em que almoedêmos tudo, e acabem-se as colonias!...
—Vendam-se d'uma vez todas as possessões!»
É assim que clamaes, — ó lividos burlões!
ó lyrios das galés, sicarios, salteadores,
que deshonraes a Mãe d'esses navegadores
que foram descobrir isto que expões á venda!...
Mas vós não trilhareis esta bandalha senda,
sem que esses planos vis rúam em estilhaços...
e eu hei-de-vos marcar, — Escribas, — com os traços
indeleveis, crueis, rubros de ferro quente,
que vos ha de laivar assim como a serpente
da Biblia, que marcou Israel foragida...
Sentireis muito tempo o estigma da ferida
que vos ha de entalhar o gume dos meus versos.
Farei d'elles a cruz, aonde vós, perversos,
longe do mundo, á parte, em serro solitario,
como esses dous ladrões do môrro do Calvario,
cravados ficareis, ao rir da populaça,
até que em sanie e pús a carne se desfaça,

qual gafeira mortal de cheiro nauseabundo,
que obrigue a pôr a mão sobre o nariz ao mundo,
como se Deus mandasse uma infecção geral...
— É que então morrereis no asco universal!
A morte já então não achará estorvos.
Sobre vós traçarão grandes circos os corvos,
e vossos membros nus, expostos aos desdens,
de pasto servirão aos lobos mais aos cães...
Assim mergulhareis da noute pelo escuro:
ascosamente vis — na Historia e no monturo. —

VI

Ó Mãe Patria! Ó Mãe Patria! — acaso é tão mesquinho
o homem, ou subiu tão alto nas espheras,
que despreza o paiz florido do seu ninho,
e o sólo virginal das suas primaveras?...
Acaso elle pairou já tanto nos espaços,
e abraçou o ideal das vagas utopias,
que já despreza o chão dos seus primeiros passos,
onde ouviu o riacho, e a voz das correntias?...

Acaso elle se alou, n'um vôo tão ardente,
acima da miseria e das paixões da terra,
que não sente emoção, ao ouvir longiquamente,
as volatas nataes, frescas canções da serra?...
Ah! tanto se embrenhou na noute do desgosto,
nos ruidos da orgia, ou nos confins da Idéa,
que não sente saudade, á hora do sol posto,
do seu patrio pombal, ou da serrana aldeia?...
Da Humanidade o amor tanto o combustaria,
tanto votou sua alma a todo o mundo inteiro,
que póde ouvir, sem dôr, os gritos da agonia
da sua patria Mãe calcada do Estrangeiro?..
Velho guerreiro!... tu, que, cheio d'enthusiasmo,
despiste a ferrea espada, á voz das sedições,
que não tens d'este tempo o funebre sarcasmo,
e te bateste ao sol, quaes livres corações;
tu que sentes cantar, heroica, na bainha,
a espada com que já talhaste mil mortalhas,
quando o canhão retrôa e a guerra se avisinha,
e a tens laivado em sangue, ao vento das batalhas;
e tu guerreiro imberbe, enthusiasta soldado,
que sóes tambem, rugir qual juvenil leão,
não deixes da Mãe Patria o peito salsujado
sob a planta bestial do marujo saxão!...

Ó guerreiros noveis! — se o sol do pensamento
e da gloria vos beija a fronte alvoroçada...
não deixeis que o saxão, um unico momento,
vos cuspa o seu desdem na virginal espada!
Não deixeis que a Mãe Patria ande prostituida,
como, n'uma ruella, a lassa meretriz...
Ha duas cousas sãs, sublimes n'esta vida:
— Ah, uma é o nosso amor — outra o santo paiz! —

VII

Pelo vento do Norte eterno que suspira
veem notas marciaes das cordas d'uma Lyra.
— É d'um poeta extranho, energico, polaco,
que protestou vingança ao sabre do cossaco,
e prégou a revolta e o odio ao Imperador.
Sosinho elle luctou, sombrio luctador,
pela escrava nação prostrada e supprimida,
que levantava as mãos á curva indefinida,
embalde supplicando a hora da Vingança.
Mas a deusa cravou a ponta da sua lança

inerte sobre o chão ainda ensanguentado,
e ainda não tirou o seu olhar parado
dos crimes infernaes, dos grandes morticinios,
que as escravas nações, segundo vaticinios,
arrostarão assim como a infeliz Judéa,
até que o vento sopre e o turbilhão da Idéa
varra para o lameiro as legiões dos reis...
É então que do céo, Vingança, descereis,
e hão-de-vos vêr montar no funebre cavallo!...
Então é que será o formidando abalo,
e que as mãos erguerão os grandes innocentes.
É então que tu, rei, e mais os teus parentes,
fugidos, atravez das nossas maldições,
como o errante Judeu das velhas tradições,
não achareis um deus, não achareis um lar...

Mas, antes que a hora chegue, eu quero protestar,
bem alto erguer a voz contra esta fellonia,
tradição de teus paes, da tua dynastia,
que tem cavado o abysmo em que o paiz se lança.
— Casa d'execração, ó casa de Bragança! —

João IV, teu maior, chefe e rei da nação
era um duque imbecil, inhabil, um poltrão,

que andou sempre a esconder-se ás armas do hespanhol,
deixando o povo — só — bater-se á luz do sol,
e que foi empurrado á pugna, e a combater,
pelo ardor d'um vassallo e a mão d'uma mulher.
Affonso VI, o filho, excentrico e demente,
ébrio, desfigurado, esqualido, impotente,
commandava brigões e motins nas ruellas,
em cata das villãs, burguezas, ou donzellas, —
e, apoz um vil processo impudico e famoso,
como outro não se viu tão charro e tão ascoso...
morreu atraiçoado, e preso pelo irmão...
Seu successor, o biltre, auctor d'esta traição,
depois de salsujar de seu irmão o leito,
de roubar-lhe a combórça, e o throno sem respeito,
vendeu-nos á Inglaterra, em um pacto infamante...
Succedeu-lhe João V, — o *frascario tunante*—
esse bode real d'egrejas e conventos,
que despende milhões em petreos monumentos,
e é sultão d'um harem, que tem mais de mil freiras.
José I vem, e ás côrtes estrangeiras,
dá o exemplo de um rei imbelle e sem vontade,
d'um espectro real, mumia de nullidade,
movido pela mão extraordinaria emfim
d'um ministro genial que o faz seu manequim.

Depois ao throno sobe uma mulher beata,
fanatisada, egoistâ, estreitamente ingrata,
que aniquila o ministro e o genio innovador,
e morre de demencia, ás mãos do confessor,
com medo do *Diabo*... entre terror's sagrados...
João VI, — esse poltrão que foge ante os soldados
de França — e que deserta a patria, na invasão,
succede á velha nescia e é rei por irrisão.
Desmantelada a patria aos pés do forasteiro,
o real salafrario e imperial sendeiro,
finalmente conclue, por laxidão senil,
em deixar subtrair o sceptro do Brazil.
Pedro emfim, — teu avô — apoz o desengano
do Brazil que o enxotou, como um trivial tyranno,
despe a espada, e acolhido á Liberdade hodierna,
trava, aos olhos da Europa, a sangueira fraterna.
É que havia manchado o throno bragantino
D. Miguel, o teu tio, esse inepto assassino,
que contra si ergueu santas espadas nuas...
que arvorou o terror e as forcas pelas ruas,
e atulhou as prisões mais as galés tambem.
Sóbe os degraus do throno, em sangue, tua Mãe,
e n'este esterquilinio, este montão de lama,
arma a guerra civil e os estrangeiros chama,
que voltam os canhões e os sabres contra nós!...

— São estes os teus paes. São estes teus avós. —

Agora tu, tambem, trilha esta mesma senda.
Manda-nos retalhar, manda-nos pôr á venda,
acutilar, prender, por teus pretorianos.
Faze-te um rei fatal, ordena a esses tyrannos
que se estribem no throno, e entre as espadas nuas.
Manda-me fusilar a Plebe n'essas ruas,
e em cima rapinar-lhe as magras algibeiras.
Convoca em teu auxilio esquadras estrangeiras,
manda pôr em leilão e almoeda as colonias.
Bebe Porto, Xerez por causa das insomnias.
Faze prender a Historia e perseguir a Imprensa.
Que ninguem erga a voz, na rua, sem licença! —
Pede auxilio aos quarteis, faze-te um sultão vivo.
Ordena ao teu carrasco — o braço executivo —
que seja mais cruel, que seja mais feroz.
Faze-te egual tambem aos teus grandes avós.
Ensaia-te a rugir — como sóem leões.
Faze *Te Deums* a Deus, senhor dos batalhões.
Pede ao Espirito Santo, a pomba, que te incúbe.
— Encarcera a Justiça e mete-a no Aljube.

Quanto a mim, o auctor de carta tão comprida,
manda-me degredado, ó rei, por toda a vida.

Na tua mão real mantens amplos poderes.
Tens o Exercito, a Lei, aquillo que quizeres,
a Grandeza, o Governo, a Armada, o Parlamento,
O *Hig-life*, a Marinha, a Egreja, o Sentimento,
toda a lista geral de bispos e de reis,
a Biblia, as Tradições, Politica, os Quarteis,
e o general Macedo — o teu anjo custodio. —

Eu só tenho uma penna e a força do meu Odio. [1]

---

[1] Guiados pela mais escrupulosa Verdade, que todo o sincero pensador inspira, devemos dizer que esta satyra foi inspirada nos boatos publicos de connivencia do rei com o gabinete de S. James, e com o governo portuguez que fizera o contracto da venda da colonia de Lourenço Marques á Grã Bretanha. A vinda do principe de Galles a Lisboa, pouco tempo antes do contracto, deu vulto a taes boatos. A vida perdularia e as dissipações do monarcha portuguez déram-lhe consistencia. Seria o rei cumplice?... A Historia e documentos secretos talvez o possam aclarar um dia. A satyra foi o éco indignado d'esses clamores. Um mérito ella teve: sublevou o espirito publico, e evitou o escandaloso feito. Este exito de pundonor desperto, basta para a sua justificação. Comprehendemos que as colonias tenham a liberdade de se emanciparem, e que lhes concedam a sua autonomia. Não comprehendemos que as almoédem e vendam como rebanhos de carneiros inconscientes. A Hespanha, tendo recusado dar a autonomia aos cidadãos da Havana, e vendendo as Filippinas depois ao Estrangeiro, deshonrou-se. Sobretudo, o que se pretendeu salientar na satyra foi o direito moral: *que a nenhum homem assiste o direito de vender outro homem.*

O Hereje

(CARTA A UMA RAINHA) [1]

Senhora

. . . . . eu nunca insulto as testas coroadas,
para agradar da plebe ás massas rebelladas,
ou incitar ao odio a ira popular. . .

Não, — nunca insultarei uma mulher e um lar,
o nome de uma esposa, o nome de uma mãe,
para o arrojar ao charco, ao estigma, ao desdem,
á vaza da ruella e ao esgoto das paixões! . . .

Tambem os plebeos teem sublimes corações.
Tambem conhece a Plebe as santas regalias,
que tem uma mulher ás doces sympathias,

---

[1] Esta carta, dirigida a D. Maria Pia de Saboya, foi escripta no carcere.

por ser filha de heroes, boa, justa, ou prudente...
Tambem a Plebe sabe, a rude Plebe sente
ter respeito, como eu, á esposa, á creancinha,
— e ao diadema da Mãe maior que o da Rainha. —
Nunca vos insultei. — Não. — Nunca houve um poeta,
nunca houve uma alma forte, energica, repleta
das cousas ideaes, fortes, gloriosas,
que aspiram para o Sol — pae da planta e das rosas! —
não, nunca houve um poeta, ou que o mereça ser,
que arrastasse no enxurro uma digna mulher!...

Eu fustiguei, Senhora, um crime negregado,
e marquei-o no hombro assim como um forçado,
que laivam, com um ferro, exposto em pelourinho...
Fez-se em torno de mim, Senhora, um burburinho
de palmas, saudações, de gritos, de ameaças,
como nas sedições que estrugem pelas praças,
e fazem desmanchar o somno dos monarchas...
Menearam a fronte os velhos patriarchas,
régulos da opinião, nobres, e senadores,
e estes biltres, — Senhora, — estes calumniadores,
— com falsos corações assim como os cabellos, —
mostraram pelo throno os seus gothicos zelos,
e regougaram, vís, nas alfurjas e orgias,
que se havia empestado o globo de *heresias!*

Eu, Senhora, bem sei que n'este tempo egoista
vende a balança a Lei e a penna o jornalista.
Eu bem sei que a missão torpe das camarilhas
é dobrar o joelho e bem vender as filhas.
Bem sei que altos barões sentem dever beijar-vos
na frente a régia mão, e atraz calumniar-vos.
Portanto, a sua voz não tem authoridade.
Mas eu fallo em teu nome, — ó lucida Verdade —
em teu heroico nome, intrepido, selvagem,
— tu! que fugiste ao mundo e á lugubre carnagem,
á mentira, á violencia, ás luctas, ao destroço,
— tu, que a musa pagã lançou dentro de um poço!
Sim eu fallo em teu nome. — Alcunham de heresia
a immaculada Idéa, a mystica Utopia,
que rebenta qual flor de um craneo visionario!...
Chamam hereje ao ente altivo ou extraordinario,
que cheio do ideal das ferreas cousas bellas,
tem uma alma que faz viagens nas estrellas,
e ao descer do seu monte, — ao mundo sem respeito, —
vara de lado a lado o olho do Preconceito.
Todas as cousas vis que os homens sentem baixo,
e vão rosnando sós, qual rasteiro riacho,
todas as cousas sãs, leaes, ou verdadeiras,
toda a flor ideal que cresce nas ladeiras

das montanhas azues extacticas e virgens,
nas allucinações do Sonho e das vertigens,
todas essas visões e flores arriscadas,
que abalam todo o ceo das cousas consagradas,
e os idolos de pau das religiões extranhas,
— que em vez de coração teem teias d'aranhas, —
todas as cousas vãs, rançosas, bolorentas,
que o hereje chama vis e o mundo chama bentas,
toda a Verdade e o Mal que os mais sabem calar
elle dil-as bem alto — á Plebe, ao Throno, ao Altar. —

Todos os ideaes, pois, que aos sabios são precisos:
mas que vão, d'uma vez, aluir os Prejuizos,
que vão esboroar os idolos desfeitos
— em lixo, entulho, em pó, — ruir os Preconceitos
plebeos, civis, moraes, mysticos, religiosos,
elle ao mundo os aponta — ignobeis, carunchosos.
Logo que se ergue ao ar a ponta da batina,
— algum manto real, — toda a cousa divina,
beijada com ardor dos labios, consagrada,
e se arroja esse *trapo* á publica risada,
faz-se logo, em redor, um panico, e almas frias
clamam a cousas taes: — *nefastas heresias!*

É por isso que eu sou, Senhora, perseguido.
É por isso que sou dos vossos combatido,
e é por isso que vão, — excepcional successo —
contra mim apontar a arma de um processo.
Por isso, emfim, ao rei, os aulicos da orgia
supplicam para mim as palhas da enxovia,
e calvos sensuaes, postiços monarchistas,
risiveis charlatães, especie de dentistas,
chués como truões, pulhas como arlequins,
dos quaes conheço a vida e os despreziveis fins,
fazendo interjeições e artigos empalhados,
reclamam para mim o exilio dos forçados.

— Mas então eu direi as cousas mais tremendas. —
Eu então trilharei as ignoradas sendas,
e os carreiros por onde inda ninguem trilhou.
São uns trilhos reveis, uns trilhos que eu sei só,
como os fundos de Goya ou o Zurbaran, funéreo,
com um luar sanguento, em penumbra mysterio . . .

Senhora, vós viveis n'um seculo fatal!
O nosso seculo é — um seculo original —
cheio d'agitações, de gritos convulsivos,
de apostrophes crueis, de risos afflictivos,
de colera, explosões, agrilhoar de pulsos,
de blasphemias do Odio, ancias, e ais convulsos. . .

Vós não o conheceis — Vossos regios ouvidos
não tem chegado a ouvir sequer esses ruidos
da tormenta que vae nas nuvens engrossando
e, a pouco e pouco, o monte e o valle amortalhando...
Os biltres malandrins que chamam cortezãos,
que vivem junto a vós beijando as régias mãos,
fallando em salsifrés, em saráos, em caçadas,
oh! não vos contam nunca as lendas negregadas
que tornam duro aos reis o manto sobre os hombros,
e todo o globo afunda em panicos e assombros...
Estes casos fataes deviam, sim, contal-os,
a vós que sois os reis, os perfidos vassallos,
por que estes é que são — rudes e heroicos zelos —
— e que burlar os reis é o mesmo que perdel-os!

Ouvi, Senhora, ouvi. — Um tempo bem extranho
é este em que viveis. — Como Jesus, o lenho
que elle leva, a suar, com custo, ao seu calvario,
já todo escorre em sangue em cima do sudario!...
Sentem-se resoar nos thronos os machados.
Rollam, na rua, os reis, na lama apunhalados.
E n'estas ancias vãs, destroços, desatinos,
— ás vezes teem rasão, horror! os assassinos.
Sim, a Russia, direis, é terra monstruosa.
Mas a Italia tambem... a Mater Dolorosa,

vosso anilado ceu, ó pallida Estrangeira,
a Italia... onde floresce a flor da laranjeira,
vê luzir, atravez seus myrthos e rosaes,
o olho do assassino e a lingua dos punhaes...
É que este seculo é um seculo que anceia,
que destroe e que nega, emquanto o Sol semeia.
É que este tempo emfim... vago, obscuro, disforme...
cheio de negações... ah! tressuado, dorme
um trabalhado, máu, horrendo pesadello...
Ninguem vol-o pintou. — Eu vou vos descrevel-o. —

N'outro tempo, — Senhora, — em tempos fabulosos
antigos animaes, dos bicos judiciosos,
deixavam deslisar as lúcidas verdades,
que escutavam a plebe, os reis, as divindades...
O apologo moral fazia mais effeito
que o barbaro latim. — Calava pelo peito.
— E escutavam os reis a voz dos infelizes,
na voz dos animaes, da arvore, das raizes...

Assim tudo direi, sem que este mundo estulto
me arroje a accusação de que a Rainha insulto.
Tambem, Senhora, vou seguir a mesma senda.
D'este seculo extranho ouvi pois a legenda: —

I

O HEREJE

LEGENDA DA NEGAÇÃO

Ora isto succedeu, em eras já passadas,
n'uma cidade velha e grande, á beira-mar...
com ricas cathedraes de pedra rendilhadas,
palacios, templos, caes, e forcas levantadas,
em que o vento fazia os mortos balouçar.

A Cidade era enorme, infame, deshumana,
terrivel como a Morte e o luto de um destroço.
E, ante a espada da Lei, despotica e tyranna,
sentia-se ali mal a Consciencia Humana,
—como no fundo frio e funebre d'um poço.

Do palacio real em frente ás gelosias
a Forca erguia ao ar seus braços nunca enxutos...
E, altas horas, mui tarde, em quanto, nas folias,
se dançava no paço, aos uivos das urgias,
torcia a Forca, ao vento, os seus malditos fructos.

Mas, ao lado da Forca, — antithese frisante —
desafiando os Céus, os Tempos, o Porvir...
na grande cathedral hieratica e brilhante,
um diabo de pedra, ironico e gigante,
olhava as Gerações, continuamente a rir.

Passavam-lhe, por baixo, as vis aventureiras
das torpes capitaes, aonde o Vicio medra...
enterros, procissões com musicas guerreiras,
ruidosos batalhões com trémulas bandeiras.
— E sempre em cima ria o Satanaz de pedra.

Mas o medo papal e o regio despotismo
faziam aterrar e desmaiar a côr.
E a Forca e mais a Cruz, — caladas como o abysmo, —
lançavam sobre a alma um negro magnetismo,
e estendiam na Plebe as azas do terror.

Desfillavam, á noute, em lugubres theorias,
funestas procissões, ás luzes dos archotes.
Eram autos de fé, e ao vento das orgias,
juntavam-se ás canções e aos psalmos d'agonias,
os rugidos de morte e os silvos dos chicotes.

Perpassavam, em baixo, os cantos das violas,
assassinos, ladrões, aonde o Vicio medra...
mendigos, estendendo os braços ás esmollas,
enterros, procissões, e padres com estollas.
—E sempre, em cima, ria o Satanaz de pedra.

Mas, apenas o sol morria nas collinas,
a Cidade era igual a uma cidade morta.
Recresciam os ais e as maldições das minas,
e viam-se, através das névoas e as neblinas,
magros homens fataes errar de porta em porta.

Dobrados e servis ás ameaças cruas
do negro Cadafalso e excommunhão papal,
os povos, com terror das mil espadas núas
do Palacio—arrastando as barbas pelas ruas—
prostravam-se ante a Forca, o Paço, a Cathedral.

Ora, houve um homem só, na tragica Cidade,
que mais alto clamou n'aquella humilhação:
que a lanterna accendeu na amarga escuridade:
e á luz d'ella prégou a Nova Humanidade,
Novo Céu, Nova Terra, e Nova Religião.

Na funebre Cidade, os povos aterrados
tomaram-lhe um pavor secreto e repentino.
—Olhavam-o, ao passar, nas ruas, assombrados.
—Paravam, para o vêr, os aldeões crestados.
—Vinham, á porta, as mães, fiando o linho fino.

Como o nocturno Fausto, amava os pergaminhos
do estudo, a estreita cella, o campo, as cousas mansas.
Sorria ás cathedraes hieraticas e aos ninhos,
parando, ao pôr do sol, nas curvas dos caminhos,
para affagar, calado, as frontes das creanças.

Demandava o silencio, a sombra, o cemiterio,
os atalhos á lua, e a serra culminante.
Mas, ao vêrem passar seu vulto magro e sério,
tremiam aldeões do frio do mysterio,
como, em Florença, as mães quando passava o Dante.

Pelas noutes sem luz que o céu está desolado
como a larga extensão do cálido deserto,
grave, sério, quieto, extactico, calado,
a fronte sobre as mãos, e a lampada a seu lado,
ficava o Hereje a lêr, sobre o seu livro aberto.

Mas, deixando, uma noute, a cella e os pergaminhos,
só, calado, a scismar, nas serras denegridas,
através dos tojaes, dos cardos, dos espinhos,
chegou o Hereje a um trilho — entre quatro caminhos, —
onde erravam, sem tecto, á lua, os homicidas.

Todos eram fataes, rebeldes infelizes,
varridos dos tufões da sorte e dos labeus...
errando sempre a monte, entre hervas e raizes,
fugidos das prisões de todos os paizes,
sem conhecerem Lar, Familia, Tecto, ou Deus.

E, então, o Hereje viu esses que a Sociedade
para sempre do seio aváro repelliu.
E, sentindo, no peito, o dardo da piedade,
através dos tojaes, da lua á claridade,
de rastos se estendeu. — Ora eis o que elle viu: —

II

OS ASSASSINOS

Viu quatro homens viris de rostos bronzeados,
marcados pelo Odio e o arado das Paixões...
d'esses homens que hão visto os reinos devastados,
os degredos, prisões, os povos degollados,
outros reis, outros ceus, outras religiões.

Esses homens — de certo — haviam já chorado
as lagrimas de sangue amargas do Rancor.
E haviam já sentido o peito trespassado,
— como a espada que rasga o peito d'um soldado —
por algum monstruoso ou interdicto amor.

O PRIMEIRO ASSASSINO

O primeiro assassino, erguendo o seu punhal,
com lagrimas na voz, da lua á claridade...
rugiu: — « Ó meus irmãos, filhos como eu, do mal!
se eu sou o vosso heroe, vosso émulo, rival,
fratricida e ladrão — devo-o á Sociedade. —

Já amei o Direito, e a Fórma triumphante,
Familia, Tecto, Lar, e as timidas creanças.
E ah! tambem, ah! tambem,—nas nuvens do Levante,
côr d'ouro das visões... vi o perfil distante
de uma mulher fiel e de compridas tranças!...

Tambem, outr'ora, amei meu tecto de nascença,
meu largo poço á entrada, os meus curvados Paes!...
Tambem, antes que o Crime, em mim, fosse doença,
amei Familia, Lar, amei a Esposa e a Crença,
meu verde parreiral, e meus serões nataes!

«Mas, o mundo infernal, duro, luciferino,
que nos nega o trabalho, os júbilos, o pão...
escoltado da Fome e as garras do Destino,
fez que, como Kain, o biblico assassino,
n'um atalho sem luz matasse meu irmão.

«Desde então... embrenhei minha alma no desgosto
innarravel e mau de todos os viventes!...
Varri d'alma o Direito e o jubilo do rosto:
e comecei a errar, nas sombras do sol posto,
nos trilhos dos ladrões, ao estrondo das torrentes.»

O SEGUNDO ASSASSINO

«Eu amei muito o Christo, os templos, os altares,
— o segundo gritou — «amei as Cathedraes,
amei o Ceu, o Eterno, e os biblicos logares,
em que o Christo passou, á sombra dos palmares,
fallando ás multidões, nas tardes orientaes.

Eu amei as regiões das santas caravanas
em que o Christo prégou as grandes cousas ternas!...
E cheguei a chorar... ás cousas sobrehumanas,
que elle vinha dizer, meigo, ás Samaritanas,
nas grandes solidões, á bôca das cisternas.

Mas, um padre uma vez, — ó cultos que eu amava! —
a esposa seduziu-me e profanou-me o lar.
E, então, minha alma em ira, e das paixões escrava,
na egreja penetrou, quando elle officiava,
e o seu sangue jorrou sobre os degraus do altar.

Desde então... a minha alma, amarguradamente,
perdeu o amor ao ceu e aos cultos mais egregios.
Meu respeito fez-se Odio eterno e de repente.
E mais, e mais, e mais, irremissivelmente,
acostumei minha alma aos grandes sacrilegios.

O TERCEIRO ASSASSINO

« Para que hei de contar a minha infame historia »
— o terceiro gemeu — « Ella não tem rival.
Eu tive um nome antigo e nimbado de gloria.
Mas hoje é um nome vil... varrido da memoria,
como o indigno pó que varre o vendaval!...

« Meu pae era um senhor, que havia seduzido
uma mulher da plebe, — a santa flôr materna! —
Eu, filho natural, vivia submergido
na opulencia ducal, no fausto, no ruido,
nos delirios carnaes, no jogo, na taberna.

« Mas eis que o Acaso fez constar-me que morria
a velha mãe á fome e exhausta de cançasso...
Como um leão rugi — e, n'esse mesmo dia, —
do historico solar a larga escadaria
a velhinha, a chorar, subiu pelo meu braço.

« Porém quando *Elle* viu do seu Remorso o espelho,
pela escada arrojou a velha alma do povo.
Ah! que mais vos direi!... Por muito tempo o Velho,
muito tempo arquejou debaixo do joelho
com que eu o estrangulei... robusto, ardente, e novo!

Desde então, afundei minha alma em penas mestas,
e senti, cada vez, as noutes mais compridas...
Ah! perseguido andei, por antros, por florestas,
e as estradas crusei, pelas luas funestas,
onde vagais, como eu, sem tecto, ó homicidas!... »

O QUARTO ASSASSINO

Eu amei, e inda amo as grandes Utopias,
—disse o quarto assassino— Amei as grandes massas.
A favor do Direito, aluí as dynastias,
e da espada arranquei, n'outros infaustos dias,
contra o russo Czar, nas sedições das praças.

Fui sempre o mais audaz nas santas barricadas,
e o que primeiro á lucta a Plebe arremessei.
E, a favor de milhões d'almas escravisadas,
sob os ferreos grilhões das minas bronzeadas,
em o sangue real o meu punhal manchei.

Depois do regicidio, em toda a parte, errante,
vaguei como os atheus e os grandes empestados...
fugido, como andou por toda a parte o Dante,
— longe da excommunhão do Existente ovante,
— longe das Capitaes, longe dos povoados!...

Mas um dia virá — e, aqui, o regicida
fez luzir o punhal da noute aos mil clarões...
— que matemos a Fome e a Sêde n'esta vida!
— que durmamos, sem ser na relva humedecida!
— e vinguemos, no mundo, irmãos, as illusões!...»

O Hereje viu — então — nas mattas dos carvalhos,
e atravez dos tojaes, os magros assassinos,
ao calado luar, nas curvas dos atalhos,
afastar-se, cada um aos seus fataes trabalhos,
á lucta, ao sangue, á morte, ao incerto—aos seus destinos.

E, então o Hereje ergueu-se, e disse:— Ó velhos mundos
que gyraes, sem cessar, sobre as nossas desgraças!...
tenho visto as paixões, gritos, beijos immundos,
a Raiva, o Desespero, os prantos infecundos,
— mas hoje vi-te ó Odio e indignação das Raças!

Estes homens sem lar, extranhos, desgrenhados,
que eu vi lançar na terra a sua excommunhão...
hão de matar os reis na lama apunhalados,
e os nomes que trarão sobre os punhaes gravados
serão — Fome, Vingança, Incendio, Negação.

E o Hereje poz-se a errar, depois, pelas ladeiras,
atravez dos tojaes, com sacudidos passos...
e, da Cidade já nas lugubres barreiras,
viu sobre os torreões, zimborios, e bandeiras,
a Forca erguendo ao ar os seus cruentos braços.

III

A FORCA

A Forca estava ali na vil passividade,
balouçando, na nevoa, os fructos do terror...
de cima contemplando a lobrega cidade,
callada como os ceos, velha como a Maldade,
terrivel como Deus grande e exterminador.

Então, no azul nocturno, immovel, e callado,
o pensador gemeu, com gestos de vingança:
— Maldito o lenhador! maldito o seu machado!
que te arrancou um dia ao teu bom chão amado.
— Antes tu fosses, Forca, um berço de creança!

«Malditos para sempre esses que te esfolharam
as flores virginaes no verde chão natal...
Malditos os gaviões que em cima te pousaram!
Malditos os milhões de reis que te arvoraram!
— Antes tu fosses, Forca, um leito nupcial!

«Maldito o que quebrou teus dentes de raizes
no tempo em que caía em tua rama o orvalho!...
Maldito o que te trouxe aos soes d'outros paizes,
para seres o horror dos orphãos e infelizes!
— Antes tu fosses, Forca, a meza do trabalho!

«Maldita para sempre!... Ortr'ora nas ramadas
lavava-te o luar, ó arvore assassina!...
Mas hoje expões o morto, ao frio das noitadas,
ao abutre... e aos batalhões d'aguias esfomeadas!
— Antes tu fosses, Forca, a roda da officina!

«Maldita para sempre infame e sem respeito,
que és na onda da Vida o tragico recife...
que és como a meretriz que admitte no seu leito
o ladrão, o assassino, e o martyr do Direito!
— Antes tu fosses, Forca, as taboas d'um esquife!»

Mas a arvore cruel, antiga, monstruosa,
que é regada com sangue — os braços levantou —
e, n'uma grande voz extranha, mysteriosa,
mixto de excommunhão e magua dolorosa,
pela nevoa gelada, ao Hereje assim fallou:

— « É certo! — eu sou espectro antigo e solitario,
que faço afugentar as ondas de andorinhas!...
Mas já o tempo vem, o tempo extraordinario,
em que os reis penderão tambem do meu calvario,
e as aguias roerão os corpos das Rainhas!...

« Meus braços tenho entregue á Plebe sem gloria,
e ao assassino, ao ladrão, accommodado em leitos...
Mas o tempo vae vir excepcional na Historia,
em que unirei ao peito a pallidez marmorea
dos corpos semi-nús, fidalgos, e perfeitos!...

Não serão os da Plebe, escravos e animaes,
que hão de regar-me então as tragicas raizes!...
Os abutres terão os seus festins reaes.
E hade-se ouvir uivar, na solidão dos caes,
o vento a balouçar brancas Imperatrizes.

« Calcinada do sol, mordida da poeira,
jámais descançarei, como bacchante nua.
Meus braços mancharão a flor da larangeira,
mitras, sceptros, anneis... Serei como a rameira
que á noute, no seu leito, admitte toda a rua!

Não matarei então os homens do Direito,
santos craneos sonhando as glorias das nações...
que teem despido á espada e ás balas o seu peito...
Mas os reinos, um dia, ao erguer-se do seu leito,
verão morrer seus reis, no meio dos ladrões!

« Muito corpo real, com vinte primaveras,
lacteo, bello, gentil, balançarei á lua...
E o Christo, ao vêr-me lá, de cima das espheras,
julgará inda olhar, nos circulos das féras,
um monstro devorando alguma Santa nua.

Ah!... os tempos virão de ira e cólera accesa,
que ha de soprar no globo o despota Jehovah...
Mas um dia, afinal, já cheia de tristeza,
velhice, tedio, dôr, na santa Natureza,
emfim acabarei. — E a insania acabará. »

IV

O DIABO DE PEDRA

Mal a Forca parou — rindo para as estrellas, —
Satanaz gargalhou, com cynicas risadas:
« — Tambem eu sei scismar em altas cousas bellas...
quando a cidade fecha os olhos das janellas,
e que o luar azula as pedras das calçadas!...

« Aqui — na boa união dos Santos mais notaveis —
na velha Cathedral, eu scismo nos mysterios!...
E emquanto os Ermitães, com barbas veneraveis,
e os Prophetas vão lendo, em livros detestaveis,
eu contemplo as prizões, bordeis, e cemiterios...

« Ha muito que presinto o teu cavallo escuro,
ó Nada... vir rondar por estas noutes frias!...
Bem vejo a tua mão pesar sobre o Futuro.
E, nos bródios dos reis, escrever sobre o muro,
a sentença fatal que diz — *apoplexias!* —

« Bemdito sejas tu, Nada!... — Bemdito sejas,
largo caixão dos reis, dos Borgias, dos Tiberios!...
tu, que sabes pôr côbro ao *Champagne* e ás cervejas,
tu, que fazes ruír as torres das egrejas,
e teu corcel pastar na herva dos imperios!...

« Vamos, Egreja! Egreja!... ergue-te sem tardança.
S. Jeronymo corre ao tribunal moderno.
A Morte quer pôr fim á mystica papança.
— Pede a S. Paulo a espada, e a S. Miguel a lança.
— Traze comtigo o Borgia, a Inquisição, o Inferno!...

« Tua gloria passou, *piscatória falúa!*...
Corpo gentil dos reis... Senhora dos desdens...
em breve vêr-te-has, sem dentes, magra, nua,
mais descomposta e ao léo, do que em judaica rua,
a velhota de Achab, roida pelos cães!...

As taboas dos caixões rangem, tardiamente.
Vão enterrar os reis, senhor's de garra adunca!...
Christo já não convem a um ideal coherente.
A estrella clerical expira, fôscamente,
qual baço lampeão no chão de uma espelunca!...

Um dia, hão de contar, abbadessas bonitas!
das bórgas monacaes a pia corrupção...
e achincalhar até, (lingoas más e precítas)
— Santo Ignacio que deu a *rônha* Jesuitas,
— S. Domingos que assou quasi o orbe christão!...

Ainda ha pouco ouvi na verde Naturesa,
uma herética voz solemne, firme, e fria,
gritar: — Vae ó Razão! sem medo e com firmeza,
deitar o *Padre* e o *Filho* em cima de uma meza,
abril-os... e estudar-lhe em cima anatomia.

Christo!... teus padres vão na terra, mansamente,
roubar a filha, a mãe, a honra aos infelizes...
Vejo-os sempre a minar o mundo surdamente,
como vão, sob o chão, picar, nocturnamente,
o coração do morto as pontas das raizes!...

« Beatos que passaes as contas dos rosarios,
os templos vão caír nas brumas infinitas...
Acabareis tambem, ó Santos! Solitarios!
Virgens! Doutos da Lei! Martyres dos calvarios!
— *Victimas da Illusão!...* Apostolos! Ermitas!

« Sim, Santos morrereis, vós que errastes nos brejos,
da Canicula ao sol inhospito e implacavel...
que andastes a fugir ás tentações dos beijos,
clamando, tanta vez, na raiva dos desejos,
pela Carne gentil, macia, e miseravel!...

Acabareis tambem, ó Santos dos altares,
que fostes, atravez das plantas assassinas...
das florestas, dos soes, das solidões polares,
cheios de tentações mais brancas que os luares,
— uivar, chorar, fugir das fórmas femininas!

Acabareis tambem, Virgens... niveos arminhos...
e por fim todos vós, Ascetas das cavernas...
que haveis chorado sangue em pedras de caminhos,
que haveis sentido a sêde e os dentes dos espinhos,
a cólera do Sol e a lama das cisternas!...

«As Eras cumprirão as inflexiveis sinas,
e tudo acabará — Cultos, Symbolos, e Ritos.
Acabarão tambem as fórmulas divinas,
e no Ceu — essa casa historica e em ruinas —
o Eterno, o *senhor Deos*... emfim *porá escritos.*

«E eu morrerei então... junto ás virgens e ás freiras...
ao pé dos corações onde a Virtude medra!...
E não mais hei de ouvir as musicas guerreiras,
enterros, procissões, com trémulas bandeiras.
— *Não ficará da Egreja a pedra sobre a pedra!...*»

V

NIHIL

Elle assim gargalhou. — Mas eis que, ao fim, distante,
em seguida, o homem viu, como nos pezadelos...
desfillar uma turba enorme, semelhante
á horda extraordinaria, horrivel, ululante,
que geme nas prisões dos immutaveis gelos.

E, então, o Hereje viu, sob os seus pés, o abysmo
tenebroso e cruel dos tragicos mineiros...
e as entranhas da terra aonde o despotismo
para sempre afundou na treva e no mutismo
os ferreos corações dos homens justiceiros.

Todos eram viris rostos indecifraveis,
como os que o Dante viu nas solidões eternas: —
magros, de longas cãs, immundos, miseraveis,
chagados, semi-nús, terriveis, formidaveis,
arrastando grilhões, ás luzes das lanternas.

Muitos d'elles, no mundo, haviam esmagado,
na lucta do Direito, o forte coração.
E, ao chegarem ao Hereje, extactico e atterrado,
n'um funéreo clamor, cortando o ar gelado,
assim rompeu a extranha e tôrva procissão:

OS PRESOS DAS MINAS

— «Nós somos os que teem, mil vezes, justiceiros,
apertado na mão as armas assassinas...
clamando contra o rei dos lobos carniceiros,
e, com prantos de sangue, aberto mil carreiros,
no negro e arido chão das regelladas minas!...

Nós somos os heroes vencidos, rebellados,
a quem o Czar votou a sua excommunhão!...
Somos o bando hostíl dos indisciplinados,
que andamos a escrever nos reinos flagellados
as letras de protesto e gelo — *Negação.*

« Nas fétidas prisões, nas solidões dos gêlos,
vagamos semi-nús, ás luzes dos archotes.
Contemplámos, ao longe, arder nossos castellos,
e das filhas, das mães, os brancos corpos bellos
rolarem, sobre o sangue, aos silvos dos chicotes!...

« Nós somos a quem teem, desde remotas eras,
desflorado a mulher, assassinado as mães...
Somos os que não teem soes, luas, primaveras,—
aquelles a quem teem caçado como as féras,
açoutado sem dó, como se faz aos cães!...

Temos visto as prisões, as villas saqueadas,
o incendio, o açoute, o algoz, os ferros assassinos...
e deante de nós, varados das espadas,
morrerem, estendendo as suas mãos rosadas,
sobre os peitos das mães, os filhos pequeninos.

«Nós somos os reveis e duros vingadores,
que mandam, contra os reis, os povos esmagados.
Tremei, por vossa vez, no solio, Imperadores.
nós vimos, ante vós, ser os embaixadores
dos que morrem sem pão, dos roxos enforcados!...

«Tremei, por vossa vez, despotas e dignatarios!
Trazemos sobre nós bem lugubres missões...
Nós somos os irmãos, somos os mandatarios
dos que a aguia roeu os olhos nos calvarios,
e o abutre devorou, na forca, os corações!...

«Havemos estudado os sociaes assumptos,
com lagrimas de fogo, em nossos subterraneos...
E havemos de saír á guerra todos juntos,
dos martyres irmãos vencidos e defuntos
o rebate tocando em cima dos seus craneos!

«Havemos de entoar da Fome as ladainhas,
que hão de causar terror, como nos pesadellos...
E, nas casas dos reis desertas e sósinhas,
havemos de violar as pallidas rainhas,
e arrastar para a rua os reis pelos cabellos.

N'esse dia estarão cheios de sangue os rios,
e os Justos lavarão as suas mãos nas vaus...
Irá a Negação reinar nos céus sombrios,
e, nos thronos dos reis desertos e vasios,
havemos de assentar a Morte nos degraos.

N'esse dia — far-se-hão cruentos sacrificios,
e hão de esconder-se os reis, ouvindo o nosso bérro...
— A Vingança erguerá seu throno nos flagicios.
— A Ira ensopará a esponja dos supplicios.
— E o Odio reinará com seu sceptro de ferro.»

Calou-se a grande turba.— E o Hereje viu no escuro
mergulharem de novo os vultos macilentos.
E o Hereje disse á noute: — « Espectros do Futuro!
escravos d'um destino aváro, egoista, e duro,
dizei-me se existis — ou sois meus pensamentos?...»

E, á pressa, se embrenhou na frigida neblina,
com um passo convulso, intrépido, febril.
Mas, tomado d'um impeto e cólera divina,
como um signal de morte, estrago, e de ruina,
gravou, no régio paço, esta palavra — *Nihil.*

No outro dia, á velha e devassa Cidade,
narrou tudo que vira e ouvira singular.
E jurou pela Terra, o Espaço, a Eternidade,
que ia soprar no mundo um vento de maldade,
e em breve acabaria a Egreja, o Throno, e o Altar.

Quando taes cousas disse... um lugubre clamor
se levantou em torno, assim como um tufão.
Depois fez-se um vasio, e um panico, em redor,
e o velho Bispo, em pé — entre o geral terror —
magro, hirto, as mãos no ar, lançou-lhe a excommunhão.

Maldito, desde então, caçado como as féras,
vagou de terra em terra, ao sol, á fome, ao frio...
— Não lhe luziram mais os sóes e as primaveras.
— Desceu, cada vez mais, as infernaes espheras.
— Ululou, como um cão famelico e com cio.

Bronzeado dos sóes, minado de desgosto,
correu o globo inteiro e não parou jámais.
E os povos, com terror, viram seu magro rosto,
deslisando, a fugir, nas sombras do sol posto,
dos muros através das povoações papaes.

Correu a Africa, a Syria, as terras dos destroços,
mais os gêlos do pólo e as solidões eternas...
— Sentiu a Peste negra a calcinar-lhe os ossos.
— Bebeu a agua immunda e fétida dos poços.
— Dormiu, com os ladrões, nas bôcas das cavernas.

Mulher alguma deu-lhe o seu amor ardente.
Apontavam-o as mães aos filhos pequeninos...
E quando acaso entrava, ás horas do poente,
n'um templo, a descançar, paravam de repente
os officios, sermões, os canticos divinos.

Assim fugido errou, curvado á dura estrella,
por este globo hostíl que o Preconceito rege.
Deu-lhe um dia um villão comer n'uma gamella.
Vinha morrendo o sol... e, áquella hora bella...
juntamente comia e soluçava o Hereje.

Mas, uma noute, emfim, longe dos povoados,
farto da vida atroz, para outros branda e leve!
metteu-se nas regiões dos gêlos inviolados,
onde se ouvem uivar monstros esfomeados,
e onde sómente cae a neve! a neve! a neve!...

Atravez penetrou d'essas regiões extranhas,
e viuvas de sol que o verbo não descreve.
Tentou subir ao cume agreste das montanhas.
Mas sentiu-se afundar do gêlo nas entranhas,
e implacavel cahir-lhe a neve! a neve! a neve!...

Fez um supremo esforço energico, vehemente,
para fugir.— Em vão.— Sorveu-o o abysmo em breve.
E o seu corpo enterrado em gêlo, surdamente,
sentiu-se ir afundando, irremissivelmente,
e estender-lhe o lençol a neve! a neve! a neve!...

Então, na ancia fatal, — quando o horizonte espherico
uma lua polar tingia acobreada, —
inflexivel, tenaz, já quasi cadaverico,
n'um protesto final, com um dedo colerico,
sobre a neve escreveu esta palavra — ***NADA***.

NOTA. — Um critico francez, o snr. Brinn' Gaubast, escreveu, algures, que as nossas satyras de um vigor raro, eram, por vezes, nihilistas e incendiarias. Só uma errônea interpretação póde vêr n'ellas mais do que um *radicalismo logico*, que logicamente confessamos. Fazemos uma autopsia, e não uma cançoneta lyrica, a um organismo combalido e falso. Repudiando chrônicas mentiras convencionaes, não podemos embellezar visceras onde esverdeiam venenos. A consciencia do homem contemporaneo é uma retorta chimica.

A revolução em Hespanha e os fusilamentos [1]

Á beira do Occidente, ouço o rebate
da nova Idéa, que saiu á rua
com polvora e canhões.
Correm no ar uns ventos de combate,
como em savana, que não banha a lua,
a aza dos tufões.

Galopa no ar um vento de ruinas,
como um corcel de sangue nas florestas
do vago e do Ideal.
E eu suspiro, contemplando estas collinas,
eu suspiro, quando ouço rir de festas
no palacio real.

---

[1] Esta carta foi dirigida ao rei Affonso XII, por occasião dos fusilamentos dos insurrectos de Numancia.

Eu suspiro, pois sei que n'essas ruas
o sangue regará, em borbotões,
as praças e as valletas.
E, como as barregãs ébrias e nuas,
mostrará a Anarchia os seus rasgões,
e a ponta das baionetas.

Eu suspiro, pois sei que haverá scenas
de lama e sangue, em noutes lutuosas,
á luz das barricadas,
e emquanto o velho Sol faz açucenas,
e os suspiros de folhas — que são rosas, —
o Homem faz espadas.

Eu suspiro, pois sei que a Força, um dia,
fez a hostia do Sol, a immensidade
das Illimitações,
fez a benção da lua, a cotovia,
os gemidos da agua, a infinidade...
— e o Homem faz canhões.

Eu suspiro, por vêr que o Immanente
tirou da luz o Pensamento Humano,
a voz que dentro falla:
criou a *idéa-amor* resplandecente,
e a féra — Homem — secular tyranno,
fez a polvora e a bala.

Eu suspiro, por vêr que o Pae das Éras
fez as pombas e as nuvens da montanha,
os enternecimentos...
fez os cravos, as verdes Primaveras,
vestiu o rouxinol: — E o rei de Hespanha
faz os fusilamentos.

Eu suspiro, por vêr que a Força, um dia,
fez a calhandra matinal que accorda
o semeador descalço...
fez a lua do mar, essa elegía.
— Mas os reis, com tres taboas e uma corda,
fazem um cadafalso.

Sim, suspiro, por vêr que os reis do mundo,
como diz La Mennais, padre e propheta,
n'uns tempos de maldade...
blasphemam, uivando, em côro immundo:
— Maldito seja o Christo, o deus poeta
que fez a Liberdade!

Lastimo vêr os simples semeadores,
cheios d'amor, de sol. fortes, trigueiros,
humildes como escravos,
írem matar-se, ás ordens dos senhores,
com polvora e canhões, negros, guerreiros,
— em quanto o Sol faz cravos!

* * *

Affonso XII, — tu pozeste a planta
de despota e d'algoz, que nada espanta
na Hespanha ensanguentada...
Eu ouço-a ainda estrebuxar, no escuro,
como um vencido, á noute, ao pé d'um muro,
varado de uma espada.

Como a sombra d'Hamleto, no terraço,
ouço-a gritar vingança, erguendo o braço,
de sangue e pó coberto.
Ouço-a ulular, na escuridão nefasta,
como um indio morrendo, que se arrasta
ao poço de um deserto!

Pelas concavas noutes do Occidente,
como o grito de Job, rouco, estridente,
cheio de imprecações...
ouço-a gritar, na ventania agreste:
— *Affonso* XII, *que é que tu fizeste*
das minhas legiões?...

E tu respondes, aterrado, ao espectro
invisivel, na sombra, erguendo o sceptro
que vens d'ensanguentar...
cheio d'um medo tenebroso e vago,
e olhando a noite, taciturno lago:
— *Mandei-as fusilar!*

Affonso XII, deve ser medonho
ver debuxado, ao fundo do teu sonho,
que foi puro na infancia...
os vultos negros, tragicos, crispados,
dos homens que mataste, os fusilados
sargentos de Numancia!

Affonso XII! como o rei Machbeth
fugindo ao leito regio, onde o accommette
o morto rei Duncan...
e que ia branco, tressuado, e lento,
pelos terraços onde muge o vento,
vêr romper a manhã...

Nas gloriosas, fundas galerias,
has de vagar, tambem, nas ancias frias
dos reis allucinados...
e, muitas vezes! nas nocturnas festas,
convulso, estacarás, ante as funestas
visões dos fusilados!

Dizem que um d'elles, entre mil suspiros,
ensanguentado, ergueu-se, e que entre os tiros,
inda clamou — Perdão!
erguêra aos ceus atormentados braços,
cambaleou uns vacillantes passos...
depois, rollára ao chão.

Ah!... este espectro supplicante e sério,
pelas brumosas noutes de mysterio,
pelos luares sombrios...
pelos serões sem luz do austero Outomno,
deve trazer-te ao desmanchado somno
sepulchraes calafrios!...

Affonso XII! andas fazendo um muro,
todo de sangue, como um sonho escuro
riscado de visões:
rindo da Alma, — a ladainha eterna, —
como um homem que ri, n'uma taberna,
das mortas religiões.

Andas ébrio de sangue, sem criterio,
como um padre que o vinho de um mysterio
d'um rito embebedou.
Bourbon Tiberio! andas trilhando a esteira
de sangue e pó da tua Mãe rameira,
— e o monstro teu Avô!

Andas fazendo um degrau mais da escada
do Crime, como a raça ensanguentada
dos teus Bourbons que são...
lascivos, maus, cobardes, inclementes,
como negros desejos relusentes
d'um parricida anão.

Até quando, ó Bourbons! sereis o açoute
da Peste, que galopa pela noute
da historia das nações?...
Até quando uivareis, féras corruptas,
Bourbons fataes! — filhos de prostitutas,
semente de ladrões?...

Até quando, ó Bourbons, como uns phantasmas,
vagareis pela Historia, entre os miasmas
do Incesto e do Deboxe...
amedrontando o velho Ser humano,
e comprando-o com ouro, como o guano
da alma de Rigolboche?...

Até quando, ó dramaticos corsarios
da viagem da Alma! extraordinarios
commandantes do Mal...
julgareis que enterraes a Idéa Nova,
como quem lança um corpo branco á cóva,
com cinco pás de cal?...

Até quando, ó reaes féras damninhas,
vossas tragicas fêmeas — as Rainhas —
por fim, não deixareis...
que infamem, sem pudor, os peitos brancos
nos abraços plebeus dos saltimbancos,
e aos beijos dos quarteis?...

Até quando, ó Bourbons, sobre as toalhas
derramareis o vinho e as vitualhas
d'este festim insano . . .
tendo em baixo da meza, a ulular triste,
pela noute da Historia, um cão que existe
que é o *Genero Humano* ? . . .

Maioraes de Gomorrha, incendiarios,
até quando erguereis sobre os Calvarios
as almas das nações ? . . .
Até quando uivareis, féras corruptas !
Bourbons fataes ! — filhos de prostitutas,
sementes de ladrões ?

* * *

Isabel ! Mãe feroz d'este Tiberio ! . . .
tu pertences ao rol do escuro imperio
do incendio e do punhal . . .
das Rainhas lendarias e funestas,
de fixo olhar, e de marmoreas testas,
como um luar do mal.

És das Rainhas tragicas lascivas,
que uivavam de luxuria entre os convivas,
até romper a aurora,
e depois, mortos, nos seus régios braços,
os lançavam, aos ventos dos terraços,
nas verdes ondas fóra!...

Tu atterraste a Consciencia Humana!...
Encheste-a de terror, regia mundana.
— Laivaste o teu porvir.
Fechaste a Alma em tenebroso muro!
E toda a Europa, no teu leito impuro,
ouvia-te ganir.

Armaste, em toda a terra, um cadafalso,
aonde, como um réu traidor descalso,
subiu meia nação.
Amaste o sangue, o horror, como as corujas.
Como as rameiras das esquinas sujas,
sujaste o coração.

[illegible],
~~Teu athletico amante~~, o *Genero Humano*,
pelas noutes do Sul, como um mundano,
dormiu sobre o teu peito.
E as cinco partes do Universo — á porta —
aguardaram, rugindo, á noute morta,
a vez de ir ao teu leito.

Os reis riram de horror dos teus desejos,
dos teus labios com sangue e dos teus beijos
aos colossos de Rhodes.
E a lua ouviu-te uivar — d'espanto cheia —
como a mulher infame da Judea,
que se entregava aos bodes.

Ó primeira Bourbon, mãe de tyrannos!...
teu utero maldito, ha tantos annos,
inerte e sem gerar,
lançou ao mundo mais cruentas féras,
do que as lobas e as furnas d'outras éras,
e os antros sob o mar!...

E é por estes tyrannos, — ó soldados —
ó tristes aldeões, rudes, queimados,
vergados sobre a enxada,
ó modestos heroes de um nome obscuro,
— que vós morreis, á noute, ao pé de um muro,
varados de uma espada!...

* * *

Ó soldados!... agora, eu estou ouvindo
o vento, á tarde, os carvalhaes bulindo,
na bruma socegada.
Eu estou ouvindo os canticos das eiras,
os gritos dos pardaes, e as prasenteiras
canções, na *desfolhada*.

Eu estou ouvindo a vossa ladainha
da dôr, na terra mãe, e entre a mesquinha
tragedia aos rijos ventos...
Eu estou ouvindo os cantos das seáras,
e as danças, ao luar, nas hervas claras,
molhadas dos relentos.

Eu estou ouvindo os cannaviaes do rio,
por um claro luar puro e macio,
sagrado, que consola...
Eu estou ouvindo os lentos bois na nóra,
e um trigueiro aldeão rude que chóra
desejos na viola...

Ó povo humilde e triste das seáras!...
tu andas roto, ao sol, nas hervas claras,
cavando as verdes terras,
andas á chuva, aos soes, por entre os fructos,
sem saber das revoltas, nem dos lutos,
dos odios, nem das guerras...

Sim! tu andas, humilde, entre os teus fenos,
ao raio, ao frio, á chuva, entre os serenos,
sóbrio como um propheta,
mas o Absurdo vem — ri das clareiras —
dos teus prados, torrões, e sementeiras,
— e dá-te uma bayoneta.

Vós andaes, ó trigueiros semeadores,
rasgando os grandes sulcos creadores,
na paz sagrada e mansa,
mas o Absurdo vem — destroe o arado —
profana a aldeia, a paz, o ermo, o prado,
— e dá-vos uma lança.

Vós andaes, pelas verdes florescencias,
cheios da alma do sol, nas complacencias
da luz branca e sagrada...
mas o Absurdo vem — quebra a charrua —
rebaixa a eira, o bosque, a matta, a lua,
— e dá-vos uma espada.

Vós andaes nas collinas que o Sol córa.
silenciosos, lavrando, desde a aurora,
até que o sol descae...
mas o Absurdo vem — ri da collina —
põe-vos ao hombro, em fórma, a carabina,
— e grita-vos: — matae!

E vós logo partis, em guerra armados,
atravez vossos montes, eiras, prados,
rasgado o coração . . .
longe da paz, dos céos, das toutinegras,
a aprender com preceito e em fórma as regras
de bem matar o irmão.

E, então, se vós gritaes, qual aguia preza:
— « Eu sou do Povo! a paz! a Natureza!
Não quero assassinar! »
O monstro Absurdo vem — põe-vos na frente
dos batalhões, dos céos, do azul clemente,
e faz-vos fusilar.

* * *

Jovens officiaes! . . . heroicas vozes
de um futuro maior, rudes leões
de guarda aos nossos lares . . .
não mancheis vossa espada entre os algozes,
nunca as praças regueis com borbotões
das veias populares! —

Provados generaes, justas espadas,
fortes craneos d'heroes, fugi de um crime
que vos macúle o peito...
não metralheis o povo, almas honradas,
porque, acima dos reis, no céo sublime
das almas — ha o Direito.

Se a guerra contra irmãos, entre ais e choros,
trespassar, lado a lado, os peitos quentes,
cheia de sangue e asco...
não trucideis o povo e os vossos louros,
por que o Sol ama a espada dos valentes,
— e não a do carrasco!

Não metralheis o povo. — elle é a Féra
ha dez mil annos a rugir na noute
da gleba, essa prisão.
É forte e eterno como o amor da hera,
tragico e em sangue como antigo açoute,
e meigo como um cão.

Não metralheis o povo — esse trigueiro
semeador, soluçando ás névoas frias,
rasgado pelo açoute,
esse nocturno e eterno aventureiro,
o pescador queimado das bahias,
cantando, pela noute...

Não metralheis a eterna ladainha
da Miseria e da Dôr, — barco afundado
na neve esmagadora...
a caravana eterna que caminha
por savana, sem lua — o degredado
chorando, por mar fóra!...

Não metralheis o povo, — porque a Gloria
não é matar a plebe amotinada,
que quebra uma cadeia,
a Gloria é bater-se, á luz da Historia,
por essa virgem barbara e sagrada,
por essa noiva — a Idéa. —

Não metralheis o povo. — É o mineiro
que anda na treva tumular, na escoria
de um mar de sangue escuro.
É o soturno e tacito pedreiro,
que anda no andaime, a construir, na Historia,
a casa do Futuro.

Não metralheis o povo. — É um poeta,
que ora, rugindo, as gerações descridas
só sabe excommungar,
ora, mystico e bom, toma a palheta,
desenha um vaso azul com margaridas,
e um raio de luar . . .

Não metralheis o povo. — Elle é a lyra
da legendaria Dôr, que tem suspiros,
gritos, excommunhões.
Quando por ella corre um vento de ira,
os reis descóram, e em seus mudos gyros,
choram constellações.

Não! não mates o povo, homem dos prados,
porque o vulto que ahi nas trevas cae,
laivando, em sangue, o chão . . .
são, ai! talvez os peitos trespassados,
que te deram o ser! — Talvez teu Pae.
Talvez o teu Irmão.

Toast á idéa [1]

— A Valentim Magalhães —

Calumniador's chatins, ó viboras damninhas,
sapos, escorpiões, chatas rãs coaxae!...
Babujae a peçonha e o proprio pús em tudo.
O sol ha de raiar com seu rútilo escudo.
Nós vamos para a Aurora... A grande náo lá vae.

Vamos na grande náo. Já vêmos terra perto,
glaucas hervas do mar e o maritimo funcho...
Vós, ó rãs, coaxae no lodo contra o barco!
Todo o sapo quer brejo, e toda a rã quer charco.
Toda a pôdre madeira o dente do caruncho.

---

[1] Esta poesia foi recitada pelo auctor no *Hotel Atlantico*, no jantar offerecido por Magalhães Lima á redacção do *Seculo*.

Emquanto vós uivaes como lobos na neve
no silencio cavádo e o ermo dos escombros,
nós vamos para o Sol, destemidos e brávos,
á lua das marés, quaes reis Scandinavos,
cabellos aos tufões, peito são, largos hombros.

Lassos dos temporaes, imos buscando a Idéa,
Dama branca do mar, santa India chorada...
Mas já fulgem, ao sol, as cúpulas distantes,
zimborios todos d'ouro, e as arvores gigantes,
ao zéphiro abanando o leque da ramada.

Vôam aves do mar aquáticas extranhas...
Já recortam o azul os palacios indús.
Avançam para nós córos de bailadeiras,
filas sacerdotaes, palanquins, e bandeiras...
Esfusía no cáes um chuveiro de luz.

A fauna é desusáda, a flora extranha e quente.
Lá vem o Çamorim sob o seu parasol...
Avançam para nós, salpicados d'espuma.
Eis as Indias! Hurrah! O sonho sáe da bruma.
Eis as Indias! Hurrah! — Ávante para o Sol.

O Ouro [1]

(SYMBOLISMO)

Dizia o Ouro á pedra: — Ente mesquinho!
que profundo scismar sempre te préga
á beira de uma estrada, ou de um caminho
pasmada, mas sem vêr, eterna céga?...

Em vão o orvalho a ti te lava e réga!
Em ti não cresce nunca pão, nem vinho.
Dura e inutil — o lodo é teu visinho,
e o homem só, por te pisar, te empréga!

---

[1] Esta poesia foi publicada nas *Claridades do Sul*, livro dos vinte annos; mas se, chronologicamente, pertence a elle, pela unidade do assumpto pertence necessariamente a este.

Em ti só medra e cresce o cardo e os lixos.
Tu serves só de abrigo ao lodo e aos bichos,
e ensanguentas os pés descalços, nús...

O' pedra, quanto a mim, sou a Riqueza!
A céga disse, então, com singeleza:
— Eu guardo dentro do meu peito a luz.

Carta a um elegante bandálho

(AUTOPSIA DE UM JANOTA) [1]

Meu lívido bandálho — ó patife elegante —
que amas can-cans e sedas!...
passas a vida só no asphalto e o restaurante,
no *sport* ou no *club*, e na orgia aviltante
á noute te embebédas.
— Ao lado, um teu visinho, idealista e estudante,
lê os livros dos Védas.

---

[1] O typo do *petit crevé*, *do dandy*, *do janota* — por mais que seja polvilhado de ouro, e idealisado pela poesia,— como o duque de Morny, ou o fatal conde de Camors, é no fundo uma entidade vasia e grotesca, e quando rica e improductiva, immoral. Vejam-se os acontecimentos de Auteuil. N'um futuro mais reflexivo, o *janota* desapparecerá como o *pelle vermelha*.

Como o louro Brummel, tens uma infame lista
de amor's, mais que profana.
A salla e o *macadam* são campos de conquista.
Passas de uma condessa a uma vil *cancanista*,
da actriz a uma *mundana*.
— Ao lado, o teu visinho, o pallido idealista,
lê o santo Ramayana.

Teu gasto coração é mais vil que o guano
e o lixo das ruellas.
A's vezes dás um baile ao *hig-life*. O piano
resôa no sallão de mosaico romano,
com azues bambinellas.
— Teu visinho, a scismar, com grande ar spartano,
róe pão duro, ás estrellas.

Déste, ha dias, á flor da elegancia mais *brave*
um bródio exemplar.
Riam louras *hurís* e veio abaixo a *cáve*.
E no fim ao *dessert*, tu, com ar púlha e gráve,
brindaste ao Lupanar.
— Teu visinho, coitado, o idealista suave,
deitou-se sem cear.

Passádos dias, déste um festim memorando
que lembráva uma horta.
Fallou-se grego, hebraico, o sanscrito, o normando.
Nos finaes do Champagne, um *cyclista* dançando,
vomitou junto á porta.
— O idealista passou essa noute velando,
junto á casta irmã morta.

Assim tu ségues sempre — elegante mariolla —
chafurdando a materia,
sem comprar uma estatua e sem dar uma esmolla,
em quanto, ao lado teu, a magra Fome estiolla
tudo, com mão funérea,
— e a irmã do teu visinho . . . a humilde e meiga rolla,
definhou-a a Miseria.

Arruinou-te, uma vez, um perfido barálho.
Falseou-te a sorte vã.
E encontrando-te, então, de ouro e de notas fálho,
blasé, morto de tédio, odiando o trabalho,
n'uma certa manhã,
como quem vende uma égoa — ó cynico bandálho —
vendeste tua irmã!

Mas o ouro ha de ter fim, e ao deixárem-te as bellas,
que farás tu? — Roubar?...
Se tentas ser honrado inda sob as estrellas,
toma um conselho meu, seductor de donzellas,
heroe do *trottoir:*
— deita ao lixo o monoc'lo e as luvas amarellas,
bandalho... e vae cavar!

Post Scriptum

Voltaste esta manhã, — ébrio e macilentado
da crápula e as roletas.
Saía, ao mesmo tempo, o idealista trajádo
de negro, lento e só, chorando inconsolado,
todo de vestes pretas.
— Ia da triste irmã ao coval bem amado
espalhar violetas...

Bilhetes postaes

AO FABRICANTE KRUPP

Enriquece, enriquece, a forjar canhões brutos,
canhões brutos, gigantes.
Enriquece, enriquece, a semear os lutos.
E do bronze que mata... ó deleitosos fructos!...
faze anneis de brilhantes.

Offerta á meiga esposa os adereços caros
de amethistas e opálas.
Dá-lhe brilhantes mil, gloriosos, e raros,
de sorte que se diga, em circulos preclaros:
— *são grandes como ballas!*

A UMA FIDALGA PIEDOSA

S. Luiz, rei de França, e as joias de uma montra
embriagam-te a ti.
Oras a Deus, involta em pelliças e lontra,
e se alguem te procura em casa, só te encontra
ao five o'clok tea.

Entrégas filhos teus a francezas creadas,
e vaes *flirtar* nas ruas.
Rainha da Avenida e das sallas douradas!...
já que usas proteger creanças abandonadas,
— coméça pelas tuas.

A OUTRA FIDALGA PIEDOSA

Marquezinha, a valsar, é que tu bem descóbres
as ternissimas fibras!...
E nos *bazar's do bem*, onde vão damas nobres,
tu vendes,— flor do tom,— para dar pão aos pobres
beijos que custam libras.

Proségue, marquezinha, a refrescar desejos,
n'esses santos fanícos...
pois no fervor que pões n'esses christãos adejos
breve conseguirás,— n'um sarilho de beijos,—
tornar pobres os ricos.

A ROTSCHILD

Não morreu Israel. — Balaão e o seu jumento
mortos, não zurram já, mas vive a raça hebrea.
Acredita, barão, e toma d'isto assento :
Judeos, Turcos, Christãos prestam a cem por cento.
— Toda a Europa é a Judea.

AO PRINCIPE DE GALLES

Morre á fome o Indostão.— Mas Albion não sonda
cousas que suppõe cómicas.
Manda, ó Principe, abrir — ó Principe da Onda —
para os *rajahs* do Oriente e os sultões da Golconda
cosinhas económicas.

AO TZAR NICOLAO

Propões o bem geral. — Se não é chocarreira
a intenção, mas é séria,
vamos, alforra então a servidão mineira ! . . .
— Rasga portões de azul, varandas de soalheira,
aos pulmões da Siberia ! . . .

AO PADRE SENNA FREITAS

Sei que dizes que odeio o teu nome e a tua penna.
Hediondas suspeitas!...
Teu nome faz lembrar um correr de agoa amena.
Lembra um rio gaulez. Gósto muito do Sena.
Mas do Sena... sem Freitas.

A UM FIDALGO IMBECIL

Teu pae, perante a Lei, foi a honra e a gentileza! —
Mas tu tão charro és...
tão bolónio e chatim que fôste, com certeza,
travessura de amor da senhora marqueza
e o limpa-chaminés.

A UMA MULHER MASCULINA

Fumas, usas *bàton*, bella gravata ás listas,
amas o sexo bello.
Bébes, jogas bilhar, esbarrondas *cyclistas*.
Só te falta desafiar — para dar mais nas vistas —
um major a duello.

A GUILHERME II

La force prime le droit.

Sim, a Força triumpha.— E, se o sobrolho enruga,
treme o ignávo, o ninguem.
O Direito é um deos com pés de tartaruga.
Caminha devagar, mas lagrimas enxuga.
Chega tarde — mas vem.

AO SULTÃO DA TURQUIA

Propináste um mortal veneno á sobremeza,
no café do doutor.
Se um dia eu visitar Stambul, a princeza,
pelas barbas de Allah!... não me ponhas á meza
café, ó Grão Senhor.

Por mim, dispenso bem o fausto raro e antigo
dos teus reaes jantares.
É como que ir á forca ir petiscar comtigo.
Prefiro a honra tal — bons pitéos e sem p'rigo —
o *restaurant* Tavares.

A LEÃO XIII

Ordenaste fazer préces aos tonsurados
pela Victoria, a *harpía*...
que, dizes, evitou sarrabulhos damnádos.
— Mas o Egypto, a Abyssinia, os Indios metralhados,
Soldão, e Alexandria?...

Caricaturas a carvão [1]

—A Celso Herminio—

Leitor: — esta secção, fructo de horas risonhas,
contém mil carantonhas,
que fariam sorrir talvez o rei de Thule.
São dous, trez riscos só — mas naturaes, vibrantes, —
quaes monos de estudantes,
borrados a carvão, á luz de um *punch* azul.

N'elles encontrarás, com seus fatos singellos,
de chambre e de chinellos...
typos pyramidaes d'esta época distinctos.
Leitor! — se tu não és um bolónio, um pascácio,
um conselheiro Acácio,
matúta n'elles bem. — Adeos, *saude e pintos.*

---

[1] Esta galeria deve ser consideravelmente desenvolvida no livro, *Mephistopheles no Macadam*. Leitor, ponde-vos de sobreaviso contra os plagiatos.

O PAPÁ HUGO

Se Orpheo foi o inventor da Cythara cantante,
o *Papá retumbante*
accrescentou á Lyra um badálo e um tambor.
Quando elle a Lyra tange, eu desfalleço e gemo,
se dóbra o sino, tremo,
e quando rúfa o bombo... aspiro a ser major.

HERCULANO E GARRET

O primeiro, um plebeo, nunca foi Conselheiro. —
Fez-se um dia azeiteiro,
partiu a *Harpa do Crente*, e hoje a terra o esconde.
O outro valsava bem. Cantou o lyrio e a anémona,
e por uma Desdémona,
depois de bom poeta... acabou em visconde.

ZOLA

Grande cirurgião. — Seu bisturí certeiro
vále um bom marmeleiro,
rasga, esposteja, corta, e destróe santos nichos.
Mas agora fez mais. A hebraica Synagoga,
que outro dilúvio afóga,
viu n'elle o Pae Noé... *sem a arca, e sem os bichos.*

HUYSSMANN

Este não é atheo. — Gosta das architraves,
das dalmáticas e as naves,
e as brancas Cathedraes de hieráticas linhas...
Ama o incenso e o latim como um ventrudo abbade.
E agora, feito frade,
no côro está talvez a cantar ladainhas.

BAUDELAIRE

Com seu queixo rapado, eis el-rei Baudelaire!...
Em noutes de prazer,
psalmeava a *Carcassa*, esse hymno d'um coveiro.
Seu riso faz lembrar a Macbeth da péça,
dançando n'uma éça
fandangos de *sabbat*, aos lumes de um tocheiro.

PAULO VERLAINE

Eis Verlaine, o cantor do azulado Palacio!...
Vendo-o, diria Horacio:
«dá cá um beijo, ó Paulo, ó rei da Lyra altissima!»
Mas elle, com um gesto algo dolente e exótico,
lhe diria, chlorótico:
— *Não t'o dou que o não quér a Maria Santissima!*

MALLARMÉ

Eis o escuro cantor da enigmatica Floresta!...
Quem alli dorme a sésta
vê um Fauno esfaquear a *D. Idéa* em póstas.
De repente arde a selva—e o auctor que a flamma ateia
salva a princeza Idéa,
como Eneas o pae, pondo a infeliz ás costas!...

TERRAIL

Ah, que visconde atroz!... Que crimes, que pagódes,
que barbáças jagodes,
que homens louros *fataes*, e que sicarios vis!...
Por estas más acções da sua dura entranha,
a cordata Allemanha
declarou guerra á França... e matou-o em Paris.

OS ULTRA-ROMANTICOS

Leitor: — eis os borrões de mil heroes magriços,
com bigodes postiços,
como os fez Cappendu, Montépin, e Radcliffe.
Mascarados ladrões do meio de ruinas,
roubam louras meninas,
fende o raio um sollar... o auctor pápa o seu bife.

OS DECADISTAS

Agora eis uns carões de homens magros, doentes,
com ar de dôr de dentes,
que ingérem ópio, *hatshís*, o laudano, a morphina.
Dizem lá dentro ter reservatorios largos
de venenos amargos.
Não ha tal!... Teem até muito assucar na urina!

DÉROULEDE

Poeta e militar.— Os seus versos marvécios
não inspiram consorcios,
não attráhem á valsa, e induzem ao hymeneo.
Como o espectro d'Enghien que via Bonaparte,
vê este em toda a parte
na terra, o mar, o Azul... o *nariz de um judeo.*

GUSTAVO DROZ

De charuto na bôca eis Droz, manso *telhudo*,
de roupão de velludo,
e um sorrir bonachão que na face se espraia.
A sua Musa foi uma loura *cocotte*,
com cravos no decóte,
mostrando um pé *mignon*, sob as rendas da saia.

SOARES DE PASSOS

Magro, pallido, e grave, era a imagem de um monge!—
Seu canto aéreo, ao longe,
doeu como um flautim por luar solitario.
Um dia, ao pôr do sol, trepou a uma collina,
carpiu com voz divina,
soluçou o *Adeos*... e expirou boticario.

THEOPHILO BRAGA

Magro, sóbrio, modesto, eis um sabio de *arromba!*...
Mal no beiral a pomba
arrúlha... põe-se a pé, como um somnambulo sábio.
Se fosse um bom senhor de castellos roqueiros,
déra donas e archeiros,
não por noiva ducal... mas por velho *alfarrabio*.

RAMALHO ORTIGÃO

Chamei pelo Diabo — em certa conjunctura —
e eis que esbelta figura,
de *smoking*, me surgiu, mui gentil nas escarpas.
Abrí um largo abraço ao saudoso Proscripto
tombado do Infinito,
e até paguei-lhe um *bok*... É o Ramalho das *Farpas*.

EÇA DE QUEIROZ

Alto, myope e magro, o monóculo em riste,
seu estylo, com chiste,
semelha a chuva de ouro em que Jove desceu.
Palpita este aureo pó até sobre os escandalos,
e é mais rico que os sandalos
e os sublimes charões do *Palacio do Céo*.

THOMAZ RIBEIRO

Membrudo, alto, beirão, mui seráphicamente
falla com toda a gente.
Lembra o anjo Gabriel, com bigodes do Cid.
Dous filhos elle tem que o indigena aprecia:
o *D. Jayme e a Judia*,
— que a Virgem lhe inspirou, na gruta, em *Carnaxide*.

GUILHERME DE AZEVEDO

Como Byron coxeáva.— Irónico e franzino,
creou o *Rosalino*,
canton a Via Lactea, á noute, na trapeira:
e morreu em Paris, ralado de saudade
da esturdia mocidade,
em que ia ouvir cantar a sua lavadeira.

GUERRA JUNQUEIRO

Magro, baixo, mordaz, de nariz aquilino,
eis o vate assassino,
que matou *D. João* quando o viu em bambóchas.
Mascarou-se de *dandy* e aos corações pôz jugo,
depois do papá Hugo,
e alfim de um decadista . . . *errante e sem gallochas.* [1]

EUGENIO DE CASTRO

Se deixasse de usar o estylo babylonico,
seria um bello e euphonico
vate como Catullo — esse Immortal pagão.
Mas, mau grado o esplendor, o seu estro é forçado,
e o seu queixo rapado,
em vez de Baudelaire . . . imita um sachristão.

---

[1] Allusão ao *Judeo Errante* da Parvonia.

OS NEPHELIBÁTAS [1]

Agora — eis os borrões de uns typos merencórios,
que não teem suspensorios,
ceroulas nem calções, e usam sobrepelizes...
Dizem cousas bibliaes, sidéreas, apostolicas,
e bastante catholicas,
a senhoras feudaes de compridos narizes.

FIALHO DE ALMEIDA

Macilento, sem côr, lymphatico, gorducho,
é fluente repucho
de contos primaciaes, paradoxos, *boutades*.
Se Brahma veio do Ovo, o Oceano vem da gota,
o rôble da bolota,
este doutor saiu de Oliveira de Frades.

---

[1] São os decadistas portuguezes, cuja unica originalidade consiste no nome que se déram.

GUIMARÃES FONSECA

Alma de ouro e folião.— Cantou o amor e a olaia,
vadiando á gandaia,
a beber e a sorrir, n'este mundo casmurro.
E, um dia, entre leaes pipas velhas como arcas,
e as cãs dos Patriarchas,
rabiscou, a libar, as *Memorias de um burro.*

GERVASIO LOBATO

Muito chiste e bom sal.— Era um auctor frascario,
de humor facéto e vario,
que nunca fez canções ao pôr do sol e á tilia.
Mas, de casa ao saír, liró, gardenia ao peito,
berrava satisfeito:
— *Bellas, agora nós... Tremei paes de familia!*

D. JOÃO DA CAMARA

Olho negro e subtil, barba em ponta, luneta.—
Dramaturgo e poeta,
seu estro e o seu pincel tráçam finos retratos.
Bohemio original de cabello anellado,
sobre o Pégaso aládo,
baixa ás vezes de Azul — *ao José dos Pacatos.*

SOUSA MONTEIRO

Para a scena escreveu o *Auto dos Esquecidos*,
em versos tão brunídos,
tão ricos e orientaes, que um saloio os crê mouros...
Porém se a peça, a infeliz, não faz chorar nem rir,
forçoso é de convir:
—foi uma bella *bisca* atirada aos vindouros!

MARCELINO MESQUITA

Dramaturgo de truz. — Com seu ar petulante,
seria, outrora, o andante,
valente paladim das princezas á cóca.
Mas hoje é como nós,— n'estes tempos realistas —
um *blasé* de valsistas,
sécias e *horisontaes* de cabellos côr de óca.

FERNANDO LEAL

Lembrava o d'Artagnan... esturdio, bravo, e louco.
Tinha éstro e alma, e um sôco
d'elle escacháva ao meio o queixo a um Ferrabraz.
Agora sério *alfim*, sob um pallio de anil,
come arroz de caril,
goyábas e cajús, na patria dos *rajahs*.

D. THOMAZ DE MELLO

Poeta pelo amor, fidalgo e cartazeiro,
com estro e sem dinheiro,
em Sevilha se achou, um dia, n'um jumento.
E ás brizas soluçou esta tétrica falla:
— *Trez camisas na malla!*
— *Ceroulas um par só . . . e esse no pensamento!*

D. LUIZ DE ALMEIDA

Poeta e militar.— Com gestos sollarengos,
fallava de avoengos,
com brazões imperiaes no almanach de Gótha.
Toldado pelo amor e o sumo bom da parra,
gemia na guitarra,
aos pés da Concha, e ia . . . um nadinha, á *batóta.*

EDUARDO VIDAL

Rouxinol reformado.— Outrora, de lunetas,
compunha cançonetas
á rôxa Aurora e ao amor . . . encaixado em lençoes.
Mas Apollo irritado, exclamou: — *Vae p'r'a Alfandega!*
No Parnaso, por pandega,
em vez de tanger lyra, has de só tanger bois! . . .

FERNANDES COSTA

Poeta e official.— Grosso como uma pipa,
já pegou de uma ripa
de escachar Guttenberg e até mesmo o Deslandes.
Ás vezes, no Parnaso, anda de fato rico,
outras, váe em burrico,
com farda de major, chinellas de Fernandes.

OLAVO BILAC [1]

Rotschild da Rima. — Este espalha, ás mãos cheias,
vibrantes melopeas
de um alegre *hallalí* n'uma floresta cérula.
Qual borracho de Azul, n'uma saudosa matta,
tange a flauta de prata
á *Dama do luar*, núa, em concha de pérola.

---

[1] Célebre poeta brazileiro.

RAPHAEL BORDALLO

Depois de desenhar cousas que admira o celta,
fez uma jarra esbelta,
que ao vêl-a Palissy bradaria: — *És um barra!*
Malfadado mortal, o que é que perpetraste?
Mortal, como eu, erraste!
— *Váe, caminha maldito! Ashavero da jarra!...*

D. CARLOS DE BRAGANÇA

É louro, alégre e rei, bigode em flexa arqueado. —
Caça o gamo e o veado,
o cerdo, o javalí, sem errar tiro algum.
Pinta e pésca tambem. E n'isto, cousa extranha,
imita a Grã Bretanha!...
— Pésca Albion Portugal, El-Rei pésca o *atum*.

OS ESPAVENTOSOS

Eis uns *landaus* que vão com banqueiros ventrudos,
mundanas de velludos,
marialvas com *bouquets*, berrantes como um toiro.
Atrás vão uns tafues, no meio de *lorettes*,
com ruidosas *toilettes*,
tranças luzindo ao sol, com o chloreto de oiro.

OS CONGRESSISTAS DA PAZ

Leitor: — eis um pagóde em que, com largos copos,
borrachos philantrópos
uivam brindes á Paz, trócam *toasts* sem conta.
Mas agora, leitor, lança a este lado as vistas:
eil-os, *bailões fadistas*,
— que espétam no Chinez trinta *naifas de ponta!*...

FONTES

Acrobáta, tenor, conselheiro, dentista,
magico e equilibrista,
assombrára Pharaó — em saltos de trapézio.
Quão biblico seria, em attitude trágica,
Moysés de vara mágica,
— com fogos de Bengalla e aos lumes do magnésio!...

ELVINO DE BRITO

Eis o luso *Vishnú*.— Com amoravel face,
protege o milho e a alface,
é pae da couve e a flor!... Á formiga tem ódio.
As proprias *flores d'alma*, as rosas dos pianos,
vão ter paternos guanos,
vinho, bifes, pasteis, e nitrato de sódio.

DUQUEZA DE PALMELLA

Chapéo baixo, leitor! — Eis uma nobre dama.
O seu sorriso chama,
em bando os corações, sua bolsa a indigencia.
Aos seus pequenos pés, em mezuras selectas
murmuram os poetas:
— *Senhora, os rouxinoes saudam Vossa Excellencia!*

LUCIANO CORDEIRO

É baixo, sério, calvo, e tem o queixo longo.—
O cretino mondongo
rí d'elle, velhacaz, sem chegar-lhe á craveira.
Mas elle, com valor maior do que o seu queixo,
contra elles, por desfecho,
fará o que Samsão fez com certa caveira...

D. CLAUDIA CAMPOS

Talento fino.— É alta, é pallida, e distincta.
Dilúe na meia tinta
do sonho a realidade, e do sorriso o chôro.
É magra, pois que janta — *ó misera e mesquinha!*
a briza da tardinha,
e o arrebol... que é um bife assás magro e assás louro.

CAIEL

Tem do genio o esplendor na mágica pupilla. —
Como ninguem, buríla
a phrase que é, como ella, uma turqueza extranha.
Fica-lhe bem na trança a côr do *bonet* phrygio,
e ó milagre! ó prodigio!...
— o lyrio deu á luz uma grossa montanha! [1]

PEDRO DE ALCANTARA

Era um magro histrião, vil palhaço d'esquinas. —
Cortejava as meninas,
e, aos sôcos e empuxões, fazia *rapapés*.
Ás chufas, aos labéos, á galhófa, ás gebadas,
torcia-se em risadas.
— Ceava no Braganza e passeava em coupés.

---

[1] Allusão a uma obra da auctora.

UM CERTO MARQUEZ

Jamais provou senão carne da rabadilha.
Sua nomeada é filha
de haver favorecido os *kiosques* e parques.
Amava muito o luxo e os seus cavallariços.
Nunca teve derriços.
— Em vez de ser marquez antes fosse só Marques!

UM CERTO DUQUE

Tinha o bigode côr de um crépe de viuva,
pintado, e, havendo chuva,
destingia,— o infeliz! — da muita agoa ao cabo.
Na ritual procissão chamada *Corpus Christi*,
o duque preto e triste
como o rei Belchior... *mandava Deos ao Diabo.*

ARROYO

N'esta terra em que o sol dá seu sangue ás roseiras,
é o Samsão das carteiras,
tem navalha na lingua, e risca como um *faia.*
Se arroio, em vez de ser mansinha agua corrente,
é fadista torrente,
— leitor, em vez de arroio... antes no prato arraia!

RESSANO GARCIA

Eis um Gracho!... um Catão de heroicas fibras nobres.
Distribue tudo aos pobres,
e fica em pello, ao léo, rapando fome e frio.
O mundo inda o verá — por esta patria ingrata —
ir empenhar a prata,
a sua alma, e um chapéo de côco ao Montepio.

MARIANNO DE CARVALHO

Sorrindo, eternamente a chupar um cigarro,
se Adão veio do barro,
veio este da botica, em busca de uma nota.
Como ministro, foi um habil prestimano,
como animal, bimano,
como carvalho... ó Ceus!... antes fosse bolota.

AZEDO GNECO

Vermelho, a barba ruiva, um tanto já grisalha,
sem repouso trabalha
este heroico plebeo para um sublime fim.
Não sei por que mysterio e incognito segredo,
teve por nome *Azedo*.
— Azedo é para os máos... mas para os bons *pudim*.

LUCIANO DE CASTRO

Como Cesar, traçou os *Annaes da Torreira,*
com penna assás cazeira.
Pápa o seu bife, lê, toma banhos de praia...
De Paris, de Berlim, Beijóca da Fervença
d'elle occupa-se a Imprensa,
e não existe porém!... O que o move?... *Uma saia.*

DUQUE DE AVILA

Enrolado ao pescoço um *cache-nez* de lenda,
da barca da Fazenda
elle foi o timão, a ancora, a fateixa.
Conspicuo fundador do Banco Hypothecario,
e egregio funccionario,
jamais cantou o Azul. — Nunca fez uma *endeicha!*

CONSELHEIRO CARRILHO

Eis um outro varão, assombro da Arithmetica. —
Que lucta tão pathética
com o *deficit* tráva, essa biblica ténia...
Jamais cantou o poente este habil Conselheiro.
E, á sombra do salgueiro,
jamais sonhou de amor!... — Jamais fez uma *nénia.*

AUGUSTO RIBEIRO

Eis um varão maior do que o maior obelisco! —
Corria grave risco
quem lhe trepasse a um hombro, e olhasse a Natureza.
Mais alto é que o Hydalcão e o Ferrabraz do Egypto.
Quando eu o encontro, grito,
tirando o meu chapéo... *Como está Vossa Alteza?*

DUQUE DE POZZAURO

Um que devêra ser o Broquel da Fazenda!...
A sua rica prenda
de roubar nos sallões da Italia, maravílha...
Preclaro capitão de excelsos ratoneiros,
condes, barões, banqueiros,
como ninguem, leitor, — marcava uma *quadrilha!*

No leque de uma Acrobáta [1]

O cadaver não tem maiores phosphorescencias,
nem o Sepulchro mais lethal fascinação,
do que os astros azues de vagas transcendencias
dos teus olhos fataes,—Victoria Corrupção!

---

[1] Do *Anti-Christo*.

No mesmo leque

Quando minha alma viu teus pés, ó Tentadora,
ageis, breves, subtis, saltar á luz do gaz,
gritou, qual S. João Chrysóstomo de outr'ora:
— Mulher, és a maior lança de Satanaz!

Camelia negra

Como as urnas das rosas mal fechadas,
cujos aromas boiam no poente...
quando passas, nossa alma aspira e sente
as sensações das ilhas ignoradas.

E o teu cabello, — ó lúbrica serpente —
rescende todo a unguentos e pomadas,
como as múmias que habitam no Oriente,
debaixo das pyramides sagradas.

Mas que te serve e val tanta fadiga
ó pó dourado vão! . . . e o mundo diga:
« meu leito, meu pomar de sensações? . . . »

se o vento, que hoje o teu sorrir perfuma,
na tua cruz soluçará: — *mais uma*
das lobas immoraes das gerações!

Madrigal funebre

To die to sleep.
(Shakspeare).

A ti, que os meus ais resumes,
estas quadras dolorosas,
Corpo inundado em perfumes,
e de pomadas cheirosas:

. . . . . .
. . . . . .

A mim custa-me a morrer,
— não por que esta vida valha!
mas porque sei que hei de ter
teu coração por mortalha.

E, depois d'estes abrólhos,
hei de ter a valla escura
do teu peito — e esses teus olhos
coveiros da sepultura!

Não terei pompa de pasmos,
nem a estatua que lastíma.
E hão de mandar pôr-me em cima
— uma cruz dos teus sarcasmos!

Para que o óbito atteste,
epitaphio de bocejos.
— Na tumba, erguido um cypreste,
nascido dos meus desejos.

Ao escutares as enxadas,
no que morreu sem confórtos,
serão tuas gargalhadas
as ladainhas dos mortos.

E, então, ali, que me rôa
o verme dos teus olvidos,
e nem tenha uma corôa,
dos teus cabellos fingidos!...

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

O' filha vã de Magdála!
quanto cadaver desfeito
não tens lançado na valla
voraz e fria do peito?...

Quantas crenças enterradas!...
e que mortos, sem capellas,
sem pombas, nas madrugadas,
nem os raios das estrellas!...

A uma horisontal

Mulher de tranças negras e compridas,
e de fallas fingidas,
que, alta noute, ao ruido das orgias,
com casquinadas frias,
achincalhavas corações dolentes . . .
— com prazer vejo que não tens dous dentes!

O' sereia das tranças setinosas,
e fallas melodiosas,
toda cheirando a rosas . . .
Senhora do Deleite!
sempre em banhos de leite,
sempre inventando sensações extranhas . . .
— hoje estás boa para assar castanhas!

Processo de um Jornalista [1]

— A Antonio Rodrigues Sampaio —

I

Eis-me, em frente de ti, velho urso na caverna. —
Eis-me, em frente de ti, erguendo uma laterna,
lanterna que accendi na ignáva escuridão,
sobre a plebe açoutada e alçando a minha mão,
que accendi n'esta éra infame e ensanguentada,
como póde accender n'uma lôbrega estrada
por causa dos ladrões, perdido viajante.
Eis-me, em frente de ti, eis-me de ti diante,
cheio d'odio, amargor, justiça, sem respeito,
perguntando-te, ó Velho — onde está o Direito ?

---

[1] Esta sátyra foi escripta tambem no carcere. Foi dirigida a Rodrigues Sampaio, jornalista democratico, que mais tarde se tornou conservador. Ella tem por fim flagellar a venalidade e a versatilidade, que tanto distinguem os politicos da *decadencia*.

O que fizeste ao Povo, á Consciencia, ao Brio?
Onde está o pudor, rude ancião sombrio?
Quem és? Quem és? Quem és? — velho cheio de fel —
Onde está, ó Cain, o teu irmão Abel?

Quem és? Quem és? ó gloria!... ó nome hoje aviltado!
Tu foste a alma do povo — hoje és um renegado.
Eu sou a voz do humilde e d'esses maltrapilhos,
d'esses rotos e nús a quem mandaes os filhos
ás palhas da enxovia em vez da luz da escóla.
Eu sou a voz da sombra, eu sou o mar que rolla
toda uma orchestra d'ais, um mundo de lamentos,
que lembra a voz de um deos, choroso mar aos ventos.
Sou a voz que maldiz, o pranto que suspira.
Trago na minha mão a lampada da Ira.

Eu sou esse rebelde assás extraordinario,
que chama ao biltre um biltre, e a ti um latrinario;
que préguei n'este tempo ás turbas assombradas
a União e o Direito, e fui pelas estradas
como S. Paulo foi na noute de Damasco,
armado do Rancor, cheio do grande asco

contra os Escribas vãos e os réfeces judeus,
sem vêr fender-se a terra, ou vêr-se abrir os céos.
Nós hoje — os infieis — não cremos nos milagres.
Não me importa que tu, ó Velho, me consagres
o epitheto trivial de hereje ou de maldito.
Eu sou o Pranto e o Odio. Eu sou o Ai e o Grito.

Eu sou a voz da turba extranha e inominada
que uma vez é soluço, outras a casquinada,
que chamam *povoleu*, a plebe envilecida,
n'uma éra de sangue, uma éra fratricida
riscada por um sol velho e sanguinolento.
Eu sou o que Marat chamou o Soffrimento.
Sou o que Ezechiel chamou Rebellião.
Eu sou a voz do Pó, eu sou a voz do Chão,
o que alguns chamam Zero, os outros dizem Charco.
— Ando a erguer uma Ponte e a abrir um grande Arco.

Em nome, pois, do povo, o velho e antigo cedro,
sangrento como a cruz, e a quem como S. Pedro
tens renegado sempre, — ó sarnento traidor, —
em nome da sua ira, e em nome do suor

que elle verte a chorar, na Terra, o chão antigo,
que faz córar a rosa e rebentar o trigo;
em nome dos seus mil cuspídos sacrificios,
do seu Calyx, da Cruz, da Esponja dos supplicios,
das suas mães sem pão, seus filhos no abandono
como um farrapo velho e como um cão sem dono;
em nome da Miseria, em nome da Innocencia,
de tudo que ha de humano e grita na consciencia;
em nome do Direito, em nome d'esta penna,
escuta a minha voz, a voz que te condemna: —

Tu foste, n'outro tempo, um homem justo, um crente,
forte, obscuro, plebeo, filho da santa gente
da plebe que trabalha, e com as mãos possantes
sabe arrancar da terra as eiras e os diamantes;
d'essa raça animal dos grandes infelizes
que são na sociedade assim como as raizes,
que em quanto estão no chão, na solidão, no escuro,
dando a seiva e o vigor ao tronco bem seguro,
vivendo humildes sempre, obscuras, silenciosas,
— estão as folhas no ar, altivas, gloriosas,—
olhando para o azul sereno das espheras,
todas cheias de flor nas verdes primaveras,
sendo a gloria da leiva e a sombra dos caminhos,
tendo as bençãos do sol e os canticos dos ninhos...

Sim, tu foste um plebeo — da raça antiga e rude, —
que trabalha no escuro assim como a Virtude.
Sim, tu foste um plebeo — raça obscura e sem luz, —
d'onde eu tambem saí, e d'onde vem Jesus.

Mas tu, Velho sem fé, mordeste-a como um cão.
Atraiçoas-te-a, sim, e riste como Cham
se riu do velho pae dormindo n'um caminho!...
Sê maldito como elle, e seja o teu espinho,
o teu espinho eterno, o teu voraz tormento,
ouvir-lhe sempre os ais e as maldições no vento...
Tu tinhas a teu lado outr'ora os homens fortes
das alas do Dever, todas as sãs cohortes
dos grandes corações, ferreos e verdadeiros,
que trabalham na sombra assim como os mineiros,
a lampada na mão augusta da Verdade,
para arrancar do lodo o ouro da Liberdade.
Tu tinhas a teu lado os corações latentes
dos heroicos plebeos, todos fortes e crentes,
todos filhos, como eu, da plebe, nossa mãe...
Mas tu, Velho sem fé, mas tu, plebeo tambem,
que ambicionavas já as pompas gloriosas,
sentiste o asco e o horror d'aquellas mãos callosas

que trabalham por nós noutes, dias inteiros,
na officina, no val, nas minas, nos outeiros,
e quizeste antes ser hoje o leproso Reo,
de que ser como eu sou — simples, leal plebeo.

Vergonha sobre ti, que tanto te abaixaste!...
Vergonha sobre ti, Velho, que salsujaste
a fronte d'ancião, a auréola sagrada
que seria por nós mais do que idolatrada,
teus louros d'escriptor, teu gladio justiceiro,
que chispava qual sol no elmo de um guerreiro,
terrivel como um deus, teus louros d'homem puro,
para os lançar, ó Velho, ao esgoto de um monturo.
Vergonha sobre ti e teus cabellos brancos!...
Vergonha sobre ti, que, como os saltimbancos,
foste lançar teu nome ao vento de uma feira!
Vergonha sobre ti, que como uma rameira
que vende os seios nús em réfece estalagem,
ao cobre da caserna e ao rir da tavolagem,
em quanto a mãe talvez jaz sobre um catre morta,
e o archanjo do Pudor geme e soluça á porta,
foste vender tua honra ao ouro de um senhor.
Vergonha em teus laureis, e sobre ti traidor
que quizeste antes ser rico, ministro, e nobre,
do que ser um *ninguem* — puro, plebeo, e pobre.

Vergonha sobre os vis apóstatas da Idea,
que negam como Pedro o fez depois da ceia,
na noute de Sião, o seu Rabí tres vezes!
Vergonha a quem entrega o Povo como as rezes,
que levam a matar, balando, ao matadouro!...
Vergonha a quem trocar seu nome pelo ouro,
sua auréola santa e o seu brasão de gloria
por um titulo em vida — e um pontapé da Historia.

Vergonha sobre vós, apóstatas rafeiros,
que vendeis vosso deos pelos trinta dinheiros,
por que Judas vendeu esse de Nazareth!...
Vergonha sobre vós, apóstatas sem fé,
messias sem pudor que andaes pelos caminhos
prégando aos corações, embebedando em vinhos
de gloria e de ideal, e que depois ao povo,
esse sublime Ancião de peito sempre novo,
o cachorro infeliz de todos os Tiberios,
açoutado de Deus, dos reis, e dos imperios,
mas que sempre enxotado – á chuva, ao vento, em pranto –
leva sempre o seu deos nas dobras do seu manto;
esse banido Ancião de todas as nações,
a quem vós arrojaes á pugna e ás sedições,

mas que um dia deixaes na beira d'um caminho,
como um cego sem guia, esqualido, sósinho,
n'um tôrvo temporal, — a errar de porta em porta, —
voltando embalde aos céos sua pupilla morta.

Vergonha sobre vós, ó vendilhões do templo!...
Vergonha sobre ti, que eu marco, para exemplo
de todos esses vis messias das ruellas,
mais vis do que ladrões, mais vis do que as cadellas,
que vão vender aos reis as suas convicções!...
Quiz craval-os na cruz, roxeal-os com vergões
do meu chicote em fogo, irado, justiceiro,
para que ao vêl-os nús, transídos no madeiro
da abjecção, do desdem, da vaia, da chacota,
ao escarneo, ao bofetão, á ponta vil da bota,
saiba o Povo afinal que é preciso escarrar
sobre o levíta infiel que vende o seu Altar.

II

Tu não sabes que gloria é ser pamphletario! —
É ser o que tu foste, o vento extraordinario
que agita as multidões como um canavial,
contra um farrapo regio, a purpura real,
contra os Ritos, os Reis, Symbolos, ou Tradições.
É ser o que protesta, o que alça os corações
n'um arranque de heroe, á torre do Direito;
é dar, qual pellicano, o sangue do seu peito
á plebe sua mãe, como elle o dá aos filhos.
É ser o que não és. — É não trocar os brilhos
d'uma libré real, d'um servo, d'um lacaio,
pelo seu Verbo, um gladio, e pela Penna, um raio.
É ser o que protesta — o que ergue uma lanterna —
na egoista escuridão, na escuridão moderna,
contra um Rei, um Tzar, altivo e omnipotente,
a favor do *ninguem*, da plebe, do innocente.

É ser elle sósinho o Verbo, o gladio, a penna,
a espada que degolla e o grito que condemna;
é ser elle sósinho, altivo, rebellado,
o grito do mineiro e o espectro do enforcado,
que vem correr de um leito o cortinado régio...
É ter esse condão, o enorme privilegio
de alçando as mãos ao céo, como sagradas palmas,
fazer gritar a espada e levantar as almas.
É vêr-se, ás vezes só, pobre de terra em terra,
na floresta, no val, nas rochas, ou na serra,
á neve, á chuva, aos soes, nas névoas estrangeiras,
nas selvas tropicaes, nas minas, nas geleiras,
pela neve polar, no exilio, nas ruinas,
— mas seja na prisão, nos gelos, ou nas minas,—
mal soar o seu nome — alevantar-se um peito
e gritar: — Elle é que é a Espada do Direito!

Ser pamphletario é — ser um pharol na noute,—
ser a pedra angular, patibulo, e açoute.
É ter todo um vulcão em lava no seu craneo,
toda a plebe agitar, do seu subterraneo,
como agitou Marat, — ou aguçar a espada —
contra os reis, como fez Rosseau, na agua furtada.

É estar sempre sósinho, altivo, no seu posto,
quando muitos teem medo e os mais voltam o rosto,
ser chamado um hereje — e as pallidas mulheres,
quando vêem surgir esses extranhos seres,
apertarem ao peito as timidas creanças.
É andar pobre, exhausto, humilde como as granças,
errante, só, banido, exhausto pela terra,
— mas quer seja na paz, ou quer seja na guerra, —
quer nos paços reaes, nas praças da cidade,
a sua voz clamar: — Alas á Honestidade!

É ser emfim tremendo, austero, altivo e bom,
frio como é a Lei, frio como Proudhon;
é tagantar sem dó os lombos dos heroes,
vender como Marat, na fome, os seus lençoes,
mas nunca se vender, mas nunca transigir...
É saber odiar, decapitar, punir,
e não se rebaixar nunca como um capaxo!
É ser a voz de ferro, é ser a voz de baixo,
que atérra a noute vil de um seculo maldito.
É ser a voz da plebe, é ser o grande grito
n'uma éra de luto, infame, ensanguentada
em que a musa do Amor quebra a Lyra dourada

e morre como outr'ora, amando, o Raphael...
E ter odio, é ter ira, é ter despreso e fel
contra uma horda vil de infames sacripantas.
É levantar ao céo livres espadas santas
todos os campeões das Alas do Rancor.
É gritar, é gritar: — « Eu sou o *Odio* — *Amor*,
« o Odio que ama o bem, a voz do que tem fome,
« a voz d'aquelle infeliz, a quem não dão um nome
« que morre n'uma estrada, ou morre n'uma lucta,
« sem bençãos e orações como uma prostituta.
« Sou a voz do *ninguem*, a voz do canavial
« que soluça, e não quebra ao rijo temporal,
« sou a voz do que chora, a voz do que suspira,
« o que ergue, alta, na mão, a cythara da Ira;
« o que chamou a si os *tristes* exilados
« sob as tendas de Cham, todos os enxotados
« que vagueiam na terra exhaustos e banidos;
« o que chamou a si todos os opprimidos;
« todos os que teem sêde assim como Ismael
« e tragavam na treva a sua cinza e fel. —
« Eu não sou como vós uma bexiga cheia
« de colera, de fel, de inveja que guerreia,
« e vem lançar á rua a sua roupa suja...
« Eu não sou como vós um *corvo*, uma coruja,

que me nutra a cevar nos que se vão ao nada!...
Eu chamei junto a mim toda a alma acidulada,
« tudo o que é fraco, chão, vergado de trabalho,
« tudo que empunha a enxada ou que levanta o malho,
« tudo que andam vendendo ha muito como as rezes,
« que vivem na abjecção e são chamados *fezes*,
« que chamam *povoleu*, ou que chamam *gentalha*,
« e gritei-lhes: — Ávante! É hora da batalha. »

Ora este hereje, pois, ora este pamphletario,
que assim sabe cuspir no biltre e o salafrario,
este homem do Dever, este homem do Direito,
que, em vez d'uma grã cruz, traz o seu Odio no peito;
que, em quanto toda a escoria, em toda a redondeza
dobra e encurva o joelho aos thronos e á realeza;
que, em quanto tudo quér ser despota e opulento
elle escolheu ser pobre, o exilio, o isolamento;
que, em quanto tudo pensa em Luxo ou nos ruidos,
quiz ser a voz da sombra e a voz dos opprimidos;
que, emquanto tudo adula e lisonjeia o Forte,
elle defende o fraco, e expõe o peito á sorte;
quando uns curvam-se ao Tudo, elle defende o Nada,
faz do Direito açoute, e faz da penna espada,

e diz a um rei, um Tzar, um déspota potente:
« — Senhor, vós sois o cedro olympico e inclemente,
« o vendaval da terra e a sombra dos Tiberios,
« o furacão da plebe, o açoute dos imperios,
« terror dos generaes, dos reis, dos condestaveis:
« — Eu sou, como Jesus, chefe dos miseraveis. »

Depois, erguendo ao céo, a sua penna eterna:
— « Vós tendes o *knut* — eu tenho esta lanterna.

Este homem inda que pobre, inda que perseguido,
roto, obscuro, plebeo, humilde, mal trapido,
inda que triste e só no seu isolamento,
ao pé do grande Tzar, n'este cruel momento,
inda que roto e vil, inda que maltrapilho,
— na terra imita Deos e é decerto um seu filho.

Assim foste tambem, ó Velho solitario!...
Assim foste tambem, grande pamphletario,
que soubeste elevar a eterna alma do povo.
Assim foste tambem quando eras puro e novo

e sabias alçar bem alto os corações,
quando eras um tagante e o deos das multidões
que vinham, em tropel, oscular teus joelhos...
Mas hoje tu o que és — escoria d'entre os velhos —
refúgo de traidor, ó renegado hostil?
Mas hoje tu o que és, — ó lixo impuro e vil —
alma atirada ao enxurro, alma aviltada e fraca?...

És o que se vendeu.— Tu és uma *cloáca*.

III

Ó seculo de ferro, ó geração ignáva!
que ouves Satan ladrar na noute do Evangelho,
no teu solo do mal, sobre teu solo em lava,
cáe a agua do céo como n'um poço velho!
Sim, a agua do céo que faz medrar a flôr
mal na cisterna cáe transforma-se na lama.
Tempo da podridão, do lixo, do impudor,
que fazes tu da voz, que em teu deserto clama?...
Que fazes tu da voz, que ouço ulular nos ventos,
prégando a Negação, n'um álgido arrepio,
que ouço clamar no escuro, em regougos, lamentos,
como um latir feroz de ruivo cão sombrio?...
Que fazes tu da voz dos teus poetas santos
que dão prantos de sangue ás tuas vexações,
e, do carro de fogo, arrojam os seus mantos,
que arrastam á Revolta o mar das multidões?...

Que fazes tu? — Tu ris — Tu vaes como a rameira
vender teu deos, teu céo, tua honra ao lupanar,
a Justiça tornou-se em corrupta onzeneira,
ri o padre em bordeis, chóram Christos no altar!...
O Desespero crú esparge o seu veneno
na taça d'ouro e onyx das jovens illusões.
O Odio faz ouvir o seu terrivel threno.
O Mal — com a tenaz — aperta os corações.
A virginal Poesia, a virgem d'alvas vestes,
ergue ao céo suas mãos, brancas como o alabastro...
Traz a Lyra na mão, tôrva como cyprestes.
Seu santo coração flammeja como um astro.
Só ella faz ouvir, n'um seculo corrupto,
sua Lyra de bronze, aos vendavaes da sorte,
só ella faz ouvir seu alaúde em luto
que dá notas reveis de exprobração e morte.
É só ella que empunha o seu tagante em fogo
como o açoute de ferro indómito de Deos,
para açoutar os reis, o falso demagogo,
e os ôcos charlatães dos reis e dos plebeos.
É só ella que faz na sombra secular,
na sua Lyra ouvir — não canticos d'amor —
mas as notas feraes que entornam o luar
da Ira, do Desdem, do Odio, do Rancor.

Achegae-vos a mim, tristes, lutuosas lyras,
que já tendes pranteado e que sabeis ferir,
quero em cordas de bronze os canticos das iras.
É preciso açoutar, flagellar, ruir!...
Deixae agora o amor e os lagos em bonança,
minae-me o despotismo, esse colosso rhódio...
Pela treva vibrae as notas da Vingança.
— Entre os máos dedilhae o *psaltério* do Odio.

Ó poetas do amor, deixae vossos idyllios,
alamedas em flor, os chorões que ama a sésta,
deixae a musa fresca e calma dos Virgilios,
n'uma éra de sangue inhóspita e funesta!...
Deixae de nos cantar o *tédio* e o desengano,
os sinos da quebrada, os loureiraes do valle...
porque o mundo talvez aguarda o seu tyranno,
e a terra vae parir algum Christo do Mal.
Deixae de nos cantar as nuvens da bonança,
e a flôr dos romanzaes, que a aragem faz bulir,
por que em breve virá a *hora*, sem tardança,
em que a espada tem voz, e as torres vão ruir.
Eu tambem vos cantei, ó cómoros relvosos,
lilazes da manhã... ó flor da amendoeira...
fontainhas rosnando... osculos ébriosos
da mulher que se amou, n'uma visão primeira!...

Tambem já te cantei, estrella do pastor...
ó danças na clareira... ó luar das marés...
mas hoje a minha voz é cava como a dôr,
terrivel como um dobre, ou o tribunal dos *Dez*.
Abandonei-te ó amor... Meu rir fez-se tregeito,
meu sonho hoje é rasão, só chóro quando érro,
gelado cirurgião, armado do direito,
faço a autopsia do mal com um tranquillo ferro.

IV

Pobre mulher sem pão!... quando, de porta em porta,
tendo batido em vão foste á do lupanar,
e ali deixaste a honra e a virgindade morta,
como noiva infeliz que levam a enterrar!...
quando foste bater, chagado coração,
aos palacios do Rico e que ninguem te abriu,
e o leito do bordel, quaes taboas de um caixão,
te sepultou em vida e teu pudor cingiu!...
quando, tendo sonhado um sonho aureo e esplendente,
illusões d'uma infanta e os sonhos d'um donzel,
viste tudo findar na enxerga repellente
do teu catre de infamia — o catre do bordel!...
quando tendo elevado ao céo teus magros braços,
como outr'ora Jesus o fez nas Oliveiras,
só achaste o silencio e o echo dos teus passos,
o chasco da cazerna e o rir das ribaldeiras!...

quando, ó loura mulher, no berço excommungada,
por um destino ferreo, inhóspito, infeliz,
por tua propria mãe talvez mercadejada,
pobre flôr que hão lançado ao paúl a raiz!...
quando foste forçada ás bacchanaes rasteiras,
e a despir e a laivar as brancas vestes tuas,
e a beber teu amor na lama das regueiras,
como os sedentos cães que vão beber nas ruas!...
quando, ó filha do povo, ó pobre filha impura,
que uma mãe não beijou, que um pae não protegeu,
achaste a Fome vil, loba de fauce escura,
n'uma rua immoral, por um pluvioso céo!...
quando, ó dahlia da dôr, planta dos enxurdeiros,
ó filha da *ralé*, exhausta, quasi exangue,
tu vaes servir de gaudio á noute dos banqueiros,
sentindo dentro em ti as lagrimas de sangue!...
quando, ó selvagem flor, ó poça do abandono,
sem lagrimas de mãe, sem osculos de irmão,
a Fome te obrigou qual magro cão sem dono
a buscar na enxurdeira o teu ascoso pão!...
dize, sabias já, rainha da enxurrada,
ave que não tens ninho e que empurrou a Fome
que ha entes como tu — raça vil, condemnada, —
que vendem seu pudor, que azinhávram seu nome?...

Dize, sabias já, loura infeliz sem pão
que um seductor gafou, ou que uma mãe vendeu,
que ha quem venda a sua honra, a gloria, o seu brasão,
sem terem, como tu, os chascos e o labeu?...
Dize, sabias já que, em quanto vaes na praça,
entre um circulo vil de mófas quaes facadas,
elles vão affrontando a multidão que passa,
em gloriosos trens de portas brasonadas?...
Dize, sabias já, ó branca meretriz,
que aos homens, como cães, cédes teu corpo nú,
que ha torpes malandrins, gloria do seu paiz,
mais vis do que os ladrões, mais combórças que tu?...
Tu não sabes talvez, ó lama apedrejada,
por toda a rua hostil, por toda a rua séria,
a distancia que vae dos *outros* ao teu nada,
ó tres vezes cruel! tres vezes vil Miseria!...
Porém eu, um rebelde ás praxes como espadas,
entre a mulher sem pão e os pífios cannibaes,
ó prostitutas vis, cadellas açoutadas,
ó *galdérias* da rua! — eu vos respeito mais.

V

Velho, escuta esta voz. — Eu não sei adular.
Frio como o destino eu heide-te escorchar
até te vêr em sangue os lombos aviltados.
No esgoto arrastarei teus louros ennodoados,
que jazerão no esterco infame das ruellas,
onde vagam á lua os ébrios e as cadellas.
Marcarei, para exemplo, ao mundo o renegado
que depois de haver rido e haver calumniado
uma esposa, uma mãe, um lar, uma rainha,
— no que ella de mais puro e mais sagrado tinha —
n'isso que dóe cruel, que mais o peito enluta,
depois de lhe chamar a *grande prostituta*,
nada achou mais abjecto e nada achou mais baixo
que ser do filho-rei o humilimo capaxo;
nada achou mais servil, para esponjar a offensa,
do que vender a penna e escoucear a Imprensa.

Lodo do homem vil, ó barro da paixão,
antro negro d'uma alma, ó rei da creação,
foi Satan que te pôz o diadema escuro!...
Póde-se assim sem dó enlaivar seu futuro,
macular para sempre a virginal gloria,
cuspir, gafar, polluir, as paginas da Historia,
e envergonhar a campa humilde dos plebeus
que foram os seus paes — e a pobre mãe nos céos —
matar seus louros mil — aviltação eterna —
como um padre que morre em chão d'uma taberna?
— És tu que fazes isto, ó alma! ó *alma ethérea?*
Acaso és tão medonha, ó livida miseria,
acaso és tão ascosa, ó magra Messalina,
que obrigas uma alma, essa porção divina,
essa faisca eterna, eterna claridade,
a esfaquear sem dó a pura heroicidade
do seu passado santo e virgem coração,
e pontapeal-o ao mar — no fundo d'um caixão?...

Acaso, ó Ouro, és tu — tu que nos fazes nobre?...
É tão terrivel ser — puro, plebeu, e pobre, —
é tão charro e chué ser simples mas honrado,
que quer o ouro infernal, que quer o ferreo fado,

que em certo dia vil — dia vil entre os dias, —
se atire uma risada ás santas utopias,
ás crenças virginaes da loura Mocidade,
á aureola ideal d'aquella santa edade,
e vendam-se os laureis e o Verbo que era o raio,
pela libré de um servo e os galões de um lacaio?
Não. — Não tem remissão esta incoherencia, ó Velho!
Já que tu foste exemplo e outr'ora foste espelho,
o teu crime é mais vil, nefasto, escandaloso!
Se tu ficas impune, um dia ou outro, um *gozo*,
faminto como tu, irá lamber o manto
do Symbolo Real, todo rociado em pranto,
e de rastos, no chão, beijar o pó do throno.
Por isso, vou marcar-te, errante cão sem dono,
e fundir-te com chumbo ao corpo essa colleira.
Vaes ouvir a Justiça — a augusta, a verdadeira,
a terrivel, a eterna, a antiga, a sempre forte,
—a que ouve e que vê n'alma,—a que condemna á morte
com seu dedo de luz no livro do Futuro,
a que arroja á gehena eterna do monturo,
a que, com ferro em braza, escreve os tristes fins
dos juizes Caiphás e os Escribas chatins,
e d'outros a quem hei de em breve tomar contas!...
Vaes ouvir a que pune as supinas affrontas,

a que gela no labio as phrases começadas,
que ha de julgar Thiers de cãs ensanguentadas,
pelas suas crueis, fataes carnificinas...
a que condemna os reis e as tropas assassinas,
e a que chama á concordia a alma universal.
Entra, ó sinistro réo.— Abriu-se o tribunal.

A PLEBE (alçando os braços, accusando)

— Eis aqui, ó Justiça, — ó minha mãe austera, —
tua filha infeliz, que traz preza esta fera,
este sinistro réo que vês acorrentado...
Elle, o vil me trahiu. — Elle é o scelerado
que de mim motejou, como Cham riu do Pae.
Elle era o meu bordão, qualquer soluço ou ai,
que abalasse o meu peito, o peito d'esta escrava,
vinha bater no seu. — O monstro não ladrava,
como hoje ladra, hostil, aos meus cabellos brancos.
Eil-o! elle aqui está, — o rei dos saltimbancos.

A JUSTIÇA

Calma um pouco essa dôr. — A Plebe grande e rude
deve ser tambem forte assim como a virtude.
Nem sempre á pena e á dôr o pranto fica bem!...

A PLEBE

Deixae-me soluçar. Eu sou a sua Mãe.

A JUSTIÇA (surpreza)

Elle é teu filho, ó Plebe? — Oh! deve ser suprema
a injuria que te fez, ou o crime que o algema.
De certo foi bem funda, extraordinaria a offensa,
bem terrivel, cruel, ensanguentada, intensa,
bem fundo e horrendo o golpe, insólito, mortal,
— pois que cita uma mãe seu filho ao tribunal.

A PLEBE

Bem grande sim que foi. — Escuta a minha pena.
Ouve primeiro, ó mãe. Depois julga e condemna.
Eu, sou ha muito a eterna, a grande foragida,
que vou de val em val, de mar em mar, varrida
como a Judea antiga, a escrava, pela noute,
chorando por seu Deus, sob o romano açoute.
Meus filhos tambem vão chorando pela estrada.
Ás vezes diz-me um: — « Ó minha mãe amada!
« já temos caminhado em vão de serra em serra.
« Temos os pés em sangue. — Á guerra, ó mãe, á guerra!

« Não temos vinho e pão, não achamos sustento.
« Negam-te em toda a parte o abrigo e o acolhimento.
« Não temos luz e lar, abrigo, nem vestidos.
« Não temos ar nem sol!... Vem aos montes subidos
« olhar como o sol brilha em rútila grandeza!
« Deus tambem para nós formou a Natureza.
« Não é só para um rei, um grande, uma rainha
« que a espiga dá seu pão e pampanos a vinha.
« Eu já sou forte, ó mãe, eu tenho as mãos grosseiras
« de pegar n'uma enxada e de malhar nas eiras,
« aspiro a transformar a minha enxada em lança,
« e tornar teu naufragio, ó mãe, n'uma bonança.
Ás vezes este filho energico e revel,
é um trigueiro aldeão: — chama-se Guilherme Tell;
outras, com seu olhar veste os simples e os nús,
é plebeu e poeta e chama-se Jesus;
outras é um tagante, um vento rijo e austero,
é um monge brutal e seu nome é Luthero.
Mas ás vezes tambem, — ó lastima vehemente! —
falla-me assim, Justiça, a bocca da serpente
d'um filho que eu creei aos peitos vigorosos,
com o sangue de heroes de louros victoriosos!
Falla-me em nome, sim, da colera e da ira
a bôca da Traição, a bôca da Mentira,

apontando-me além teu sceptro de brilhantes...
Eu soergo-me, então, assim como os gigantes,
a espada dos heroes empunho sem demora,
e, já lassa de andar, qual velho boi, na nora
da miseria, da dôr, da fome, da abjecção,
prégo a altiva Revolta á magra multidão.
Mas então o servil, o abjecto, o renegado,
vende-se a quem me tem o peito varejado,
na gléba sem luar, no pó do aviltamento...
Fico então, outra vez, no meu isolamento,
na minha escuridão chorosa, amarga, e séria,
outra vez a girar o alcatruz da Miseria,
outra vez a roer o pão amargo e escuro,
pela fresta espreitando a alba do futuro...

Foi assim que este fez, o indigno sacripanta.
Foi assim que cuspiu na minha fronte santa,
foi assim que escarrou nos meus cabellos brancos.
Foi assim que o villão, chefe dos saltimbancos,
expulsou sua mãe ao vento da desgraça;
foi assim que vendeu a sua mãe na praça,
enxotando-a de casa em pluviosa noute,
sob a chuva do céo, sob o graniso, o açoute...
Tudo isto o ingrato fez pela servil Cubiça.
Justiça contra o vil. — Justiça, ó mãe, justiça!

A JUSTIÇA

Miseria, infamia, e dôr. — Ó mundanal feitura,
barro do homem vil, ignáva creatura,
póde-se, acaso, assim cuspir em sua mãe! —
Póde acaso a Cubiça allucinar alguem,
por um pouco de luxo, um pouco de poeira,
que constranja uma alma ingenua e verdadeira,
um virgem coração, qual pagem branco e louro
que sonha no Ideal em finas torres d'ouro,
a achinellar sem dó as illusões de gloria,
sua auréola santa, o seu brazão na historia,
todo o seu Verbo em flamma, assombro da Cidade,
todas as convicções da loura Mocidade,
para arrojar tudo isto aos pés da sombra apenas
de um symbolo real eivádo de gangrenas,
e depois sem amor, sem nada que confórta,
a sua velha mãe lançar fóra da porta! —
Alguem acaso viu o sacrilégio enorme?...

A CONSCIENCIA HUMANA

Alguem viu. Alguem viu, — alguem que nunca dorme,
cujo olho sonda o mar e os fundos corações,
as insomnias dos reis e os sonhos dos ladrões.

Eu o vi, — sim o vi, — o grande scelerado,
toda a noute escrever, d'olhar allucinado,
pamphletos reveis na esquálida trapeira...
Eu o ouvi, — sim o ouvi, — chamar uma *rameira*
e *rainha assassina* á tragica reinante.
Eu o vi, d'olho acceso, indómito, espumante,
prégar a sedição, direitos, regalias,
e erguer a Plebe-Mãe ás altas utopias
que fazem levantar na praça os estandartes...
Eu o vi, com rancor, queimar os baluartes
do Respeito Real, e as ultimas trincheiras,
agachado, na bruma, assim como as toupeiras,
a minar, a minar, as monarchias vãs...
Depois — tambem o vi — sobre os régios divans,
reclinando-se já, com um prazer secreto,
contemplando os florões e os dourados do tecto,
com um olhar d'abbade ou satyro impudente...
exclamar: — « Isto é bom! — Sente-se bem a gente
« n'estes almofadins e entre estes reposteiros!...
« Gósto d'estes florões, gósto d'estes archeiros,
« que fazem reluzir as suas alabardas!...
« Afinal os plebeos carécem — é de *albardas!*
« Que querem elles *mais?* — Comer das ucharias,
« beber como uns toneis, vir ás estrebarias,

« e, algum dia, puxar pelas reaes carroças?...
« Eu nunca fui plebeo! — Mas sempre tive as bóssas
« do fausto, do poder, do luxo, da opulencia!...
« Gósto de ouvir dizer: — Saiba Vossa Excellencia
« que o espera á mesa já, El-Rei, Nosso Senhor!...
« Eu levanto-me então. — Como e bebo melhor
« que todo um refeitorio inteiro de bernardos!...
« Não sou como os plebeos que até devoram cardos,
« negro caldo espartano e sordidas raizes...
« Como melhor que os reis, mais que as imperatrizes!...
« Amo o Porto, o Tokay, e os tépidos manjares
« da ucharia dos reis que incensam bem os ares,
« e dilatam-me o ventre ainda mais que a Gloria...
« A Gloria é nome vão! — Um fumo só na Historia!
« Da gloria não se vive!... A Gloria é só chimera!
« El-Rei Ventre é que manda!... O Ventre não espera,
« por isso eu tenho um ventre assim como um abbade!...
« Eu amo a flôr da Carne, a rósea mocidade,
« e as faces de jasmim das reaes camareiras!...
« Sim — amo estes divans — eu amo estas roseiras,
« estas plantas ideaes, extranhas, capitosas,
« que me fazem sonhar noutes voluptuosas,
« como um luar d'amor, entre jasmins do Cabo...

« Ah! como ha de ser bom florir como um Nabábo,

« apertando, entre as mãos, as fórmas femininas,
« rosadas, juvenis, pallidas, alabastrinas,
« de uma mulher ideal que nos concede *tudo*,
« seminúa, a sorrir, n'um divan de velludo!... »

Eu o ouvi, — sim o ouvi, — fria Justiça austera. —
Aqui tens, ante ti, a encanecida fera,
que tanta vez ladrou contra os brasões reaes...
Aqui tens, ó Justiça, a escoria dos seus paes,
a lingoa da Traição, o labio da Mentira,
a penna tinta em fel que semeou a Ira,
o Desprezo, a Revolta, a Cólera, o Desdem.

Aqui tens quem laivou a Plebe sua mãe!...

A JUSTIÇA

Ha alguem que defenda o livido accusado?...
Ha alguem que alce um braço, um braço immaculado,
que não se tenha, nunca, achado em morticinios,
um braço recto e bom, puro dos assassinios,
derramados no chão dos campos inda quentes...
que não tenha, contra elle, a voz dos innocentes,
nem erga contra si a voz dos opprimidos,
ha alguem que alce um braço ao céo dos perseguidos,

cheio de convicção, ao meu terrivel ceo?...
Ha alguem que erga um braço, um braço em prol do réo?

A ORDEM (erguendo o braço)

Suspende-te, ó Justiça. — Eu ergo a ti meu braço.
Este réo que aqui vês não é um vil devasso,
um réles salteador de atalhos e caminhos...
Eu vou provar que elle é lacteo como os arminhos,
tão jasmineo, lilial, claro como as estrellas,
mais jáspeo e virginal que as onze mil donzellas!...
Provarei, ó Justiça, até á saciedade,
que este réo mesmo tem cheiro de santidade!...
A Plebe, sua mãe, é uma velha escrava,
tonta, hereje, demente, em cujo sangue ha lava
« de guerra e sedição contra as Instituições.
« Ella é que faz que Rl-Rei não durma em seus colchões
« o somno da innocencia, o somno bom do justo,
« e que até, vastos ceos!... faça o seu chylo a custo.
« Ella é que faz que a Industria erre paralysada,
« que o Commercio não durma... e a Ordem, transtornada,
« mande aos seus generaes, chefes, ou coroneis,
« que toda a tropa fique, em armas, nos quarteis...
« Ella é que impede e tráva a roda Progresso!
« Que dique lhe hei de oppôr? — Brádo, como um possesso:

« Vinde cá John Bull, Iberia, bons guerreiros,
« fuzilae-me sem dó a horda dos quadrilheiros
« que querem supprimir a gothica realesa...
« Enforcae-me quem cante a trivial *Marselheza,*
« e bérre, mais do que eu, as livres crenças suas!...
« Encarcerae, prendei quem erga a voz nas ruas,
« ou que ande a vadiar, nas praças, sem licença.
« Levantae uma forca enorme para a Imprensa,
« e ordenae, legislae, lavrae prisões secretas!...
« Guiae-vos por Platão — lançae fóra os poetas,
« que são os mais reveis, fataes agitadores.
« Guiae-vos por Platão — nem sempre cantam flôres!
« Tambem sabem cantar as notas de batalha,
« vibrantes quaes clarins, féras como metralha,
« e quando a Indignação a sua musa inspira
« não ha ferro que valha o ferro d'essa lyra! —
« No emtanto, não pareis. — Nada de transigencias.
« Relaxae, corrompei, comprae as consciencias,
« tudo que se vender, como um *banal farrápo!*...
« Da Lei faze almoéda e da policia um sapo.
« E sobre tudo, emfim, sem trégoas, nem piedade,
« ponde a saque e a terror as ruas da cidade,
« para prender, sem dó, a infame biltraria,
« d'essa *cáfila vil* da vã demagogia,

« d'essa *corja* da plebe, ingrata e auctoritaria,
« que, a pretexto de pão, bérra que é *libertária!* . . .

Ora tudo isto fez — sim, juro-o pelo Ceo!
para salvar a patria, este sublime Réo.

Tambem, Justiça, ouvi, n'este immortal litigio,
que n'outro tempo o Réo poz o barrete phrygio.
Oh doudas illusões da douda Mocidade!...
Quem póde erguer seu braço, o braço sem piedade,
contra o triste Ancião cheio de desenganos,
que amou, cantou, gemeu na lyra dos vinte annos!...
Quem póde erguer a voz, crúa como os destinos,
contra quem pranteou, ao lêr os Girondinos,
e a sua alma librou nos threnos dos Prophetas,
n'esses cantos de bronze! — As almas dos poetas
fazem desabrochar os batalhões da terra!...
Na primavera em flôr, os peitos pedem guerra,
aventuras, amor, cabeças de tyrannos!...
Mas depois vem a Fome. — Ah! vem os desenganos,
Miseria, Frio, a Dôr, o tragico Abandono,
veem a Insidia, a Calumnia, as tentações do Throno,
veem os dias sem sol, sorrisos, crenças, flôres,
veem os filhos sem pão, vão-se indo os desertores

deixando, em torno a nós, o vacuo e o isolamento.
— Então ao craneo diz a aguia do Pensamento:
« Por quem foi que eu luctei?—Por quem fui eu um forte,
« e a peito affrontei nú os mil baldões da sorte?...
« Por quem quebrei, venci, ruí os baluartes,
« desdobrando, na praça, á plebe, os estandartes,
« comendo o negro pão nos sólos estrangeiros?...
« Onde estaes, onde estaes, meus velhos companheiros,
« com os quaes conspirei no valle ou na montanha,
« cheio d'ancia, desdem, de ardor, e d'ira extranha,
« prégando o Verbo Novo ás multidões airádas?...
« Por quem fiz eu da penna o exemplo das espadas?
Por quem conjúras fiz, rubro, sanguinolento?...
Foi por ti, Solidão? Por ti, Esquecimento?
Por ti, Ingratidão?—Por ti, frio Abandono?...

Então — n'aquella noute arida, má, sem somno, —
escuta-se uma voz que entra como a rajada
na frieza e a nudez da tôrva agua furtada,
que bráda com fragôr: — *Combateste por mim!*

Quem és tu? Quem és tu?—Quem é que falla assim?...
— Mas fica muda a voz.—Cala-se e não responde.
O pensador, então, vae vêr onde se esconde

quem lhe causa um terror intérmino e suspeito,
como nunca sentiu nas cavernas do seu peito;
quer vêr o extranho ser, aquella voz interna...
Mas, cheio de terror — á livida lanterna —
n'um pávido arrepio, á luz baça e funérea,
— vê sentada, em seu lar, a furia da Miseria.

A JUSTIÇA

Ó Ordem, acabaste?

A ORDEM

Eu acabei, Justiça.

A JUSTIÇA

Quem é que quer entrar, por sua vez, na liça,
e á Ordem refutar o que ella diz do réo?...

OS PERSEGUIDOS

Somos nós, somos nós, que as nossas mãos ao céo
alçámos basta vez, nos asperos caminhos!...
Somos nós, que hemos visto o sangue dos espinhos

do abysmo nos caireis, nos lôbregos atalhos.
Somos nós, os fieis, os homens dos trabalhos,
levados atravez de um turbilhão maldito,
como errou Ismael, como o Judeo proscripto,
tisnado pelo sol vermelho das legendas.
Somos nós, somos nós, que errámos sob as tendas
do excommungado Cham, — na treva e no abandono —
ao destino, aos vaivens, qual folha vil do outomno,
que depois de girar do furacão á tôa,
vae rebolar do azul nos limos da lagôa.
Somos nós, — os fieis — que nunca vacillámos,
os bronzeos corações que nunca trepidámos,
ante os rostos dos reis e ante as espadas nuas.
Somos nós que, ao relento, á chuva, ao gelo, ás luas
das solidões austraes, nos carceres, nas minas,
lavrámos, contra os reis, com os punhaes, as sinas
sem quebrar os leaes, solemnes juramentos.
Somos nós que hemos visto a fome, a sêde, e os ventos
do exilio arrebatar os filhos degredados,
as esposas e as mães violadas dos soldados,
nossos rotos irmãos rasgados, sob o açoute...
Somos nós, os fieis, — os batalhões da Noute, —
que contra o ferreo, hostil destino triumphante,
temos o *Odio-Amor*, feito de um só brilhante.

A JUSTIÇA

Agora ergue-te, ó réo, d'esse affrontoso banco. —
Alça a fronte ante mim. — Faze teu olhar franco.
Responde justo e bem, sem ira, com clareza.
Manda ao teu coração dictar tua defeza.
E, se acaso és um justo, indigno d'essas dôres,
álça-te, ó réo! — Fulmina os teus accusadores.

O RÉO

Eu nunca fui da Plebe. — Eu não sou filho d'ella.
Eu não sei o que ládra a rábida cadella,
contra mim, amostrando os seus caninos dentes!...
Não sei quem ella é. — Não tenho taes parentes.
Não sei por que me cita a — *ládra* — ao tribunal.
Eu jámais conturbei a Ordem social,
jámais revolucionei as ondas populares,
nunca — nunca — ataquei a paz santa dos lares,
e a honra achincalhei d'uma leal Rainha...
Não fui eu que arranquei a espada da bainha,
não fui eu que escorchei as santas dynastias,
ao tagante revél dos chascos e ironias,
que sibílam no ar qual feixe de serpentes...
Jámais calumniei...

O ESPECTRO (surgindo, inabalavel) [1]

Mentes, ó velho. Mentes.
Mentes, velho histrião d'um throno gasto e ôco.
Mentes, — homem venal, — mentes, déspota louco!
Mentes — mais uma vez — indigno latrinario.
Tu foste, n'outro tempo, o auctor e o pamphletario
de libellos crueis na lôbrega trapeira.
Não negues que chamaste, outr'ora, uma *rameira*
á mãe do teu Senhor, á mãe de El-Rei teu amo!...
Não negues que chamaste um bom *veado*, *um gamo*,
de silvestre armadura, *e florida ramagem*,
ao pae do teu Senhor, que tem tua homenagem!...
Não negues — ante mim — que sou o teu Espectro,
que lapidaste o throno e achincalhaste o sceptro!...
Não me desmintas, não. — Vi-te, na agua furtada,
levantando o Direito e revoltando a Espada,
tendo acceso no olhar o sol da indignação!...
Não negues, ó Kain, que assassinaste o irmão,
e que tens ainda as mãos d'aquelle sangue quentes,
que foste procreado assim como as serpentes,

---

[1] *Espectro* era o titulo do jornal revolucionario que redigiu Rodrigues Sampaio.

e como ellas rasgaste o ventre a tua mãe!...
Não negues ser plebeo, não negues, com desdem,
tua origem humilde e a tua mãe escrava,
nem tambem, craneo vão, ter tido a santa lava
do Ideal e da Fé, do Justo, e do Direito!...
Eu sou o teu Espectro, á mesa, ou no teu leito! —
Eu sou o que te sondo os mais secretos passos,
onde quer que tu estás encontras os meus braços,
onde quer que tu vás — verás meu tôrvo olhar!
Eu fui teu companheiro. — Andei a rebellar,
e a revolver, comtigo, a flamma das paixões!...
Sou o cumplice teu das velhas sedições!
Ambos temos as mãos de sangue maculadas,
de ter, á nossa voz, feito arrancar espadas,
e gottejar na rua o sangue do plebeo...
Aquelle sangue brada, ah! contra nós, ao céo.
Aquelle sangue accúsa e clama contra ti! —
Vejo sempre esse sangue, eu vejo-o sempre ali,
jorrando, aos borbotões, em grandes cachoeiras,
encharcando a calçada e a lama das regueiras!...
Vejo o sangue fiel dos filhos da *escumálha*,
rudes heroes plebeos, levados á batalha,
pela luz do teu verbo e pela espada nua,
correndo, em borbotões, nos boqueirões da rua,

despenhando-se, ao sol, na vasa das valletas...
D'esse sangue plebeo rompem vozes secretas,
cubrindo os ais do mundo, os brados, e os lamentos,
como o carro de Deos e os bramidos dos ventos,
rosnando contra nós sotúrnas ameaças...
E o sangue plebeo diz:—«Em quanto, sobre as praças,
« corria, ao claro sol das luctas fratricidas,
« quando a Espada cantava e que ceifava as vidas,
« e, abraçados no chão, morriam os valentes,
« quando os peitos plebeos e os corações dos crentes
« alçavam para o ceo, para o vermelho espaço,
« junto com o seu odio o vingativo braço,
« mal sabia eu, então, que tu que me levavas
« á lucta, á guerra, ao ideal das gerações escravas,
« me havias renegar, infame, com desdouro,
e, ai de mim! ai de ti! — trahir-me pelo Ouro.

« Maldição sobre ti, que, com as ímpias mãos,
« sujas do sangue môrno inda de teus irmãos,
« dos paladins plebeos e os corações dos bravos,
« que quizeram morrer para não ser escravos,
« que, tentando egualar os campeões das lendas,
« foram rixar ao sol heroico das contendas,

« ousaste inda pegar na penna — então sagrada —
« para a entregar ao rei, como vencida espada,
« para escrever servís, ignóbeis florilégios,
« — e com elles manchar os reposteiros régios!...
« Maldição sobre ti, Velho! que ennodoaste
« a espada dos teus paes, e sobre mim galgaste
« para chegar do throno aos tragicos degraos...
« Has de ouvir minha voz no meio dos saráos,
« no meio das gracís duquezas decotadas,
« das camelias da Carne, ás luzes, esmaiádas,
« quaes rosas de Saron aos gélidos luares...
« Has de ouvir minha voz no meio dos jantares,
« no fundo do teu sonho e em meio dos festins,
« entre o tinir do copo e o ranger dos setins,
« nos carros, com brazões, de flexiveis mollas,
« entre o gemer da flauta e os trilos das viollas...
« Has de ouvir minha voz prenhe de vituperios
« perseguindo-te até da bruma nos mysterios,
« clamando contra ti, na voz de teus irmãos,
« quando o teu labio abjecto oscule as régias mãos,
« e a dextra, inda com sangue, ensanguentar a Corôa!...
« Eu serei, — ó traidor, — o cancro que te rôa,
« o dente que te morda, o espinho que te fira,
« o escalpello que te abra, assim como quem vira

á luz limpa do sol uma bexiga cheia,
« a lanceta que rompa a mais secreta veia,
« o pôtro que te dê o mais horrivel trato,
« o ferro em braza, o açoute, o caustico, o nitrato.

« Nunca te deixarei, sem trégoa e sem abrigo,
« nem nos paços reaes, nem mesmo a sós comtigo,
« nem nos risos da festa e os hymnos do respeito,
« na angustia do teu sonho e a noute do teu leito,
« nem mesmo sobre a terra, inanimado, exangue...
« Ha sangue em tuas mãos — em teus vestidos sangue!
« O sangue é que te lança a sua maldição.

O RÉO (caindo no banco, aterrado)

Sempre o Espectro cruel, sempre a eterna visão.

A JUSTIÇA

Condemnou-te o teu grito infindo de terror!
Confessaste a traição. — Trahiste-te, traidor.
Eis-te ahi, sobre o banco, abjecto e confundido!...
De nada te valeu ser cynico e atrevido,
de nada te serviu a tua astucia e arte...

— Agora erguei-vos, vós, Justos de toda a parte,
sublimes corações que nunca transigistes!...
Levantae vossa mão — Justos, Fortes, e Tristes, —
que tendes amassado o negro pão com pranto.
Agora erguei-vos vós, guerreiros do que é santo,
mineiros do que é vil, pedreiros do que é forte,
ferreiros que forjaes as armas contra a morte,
sobre a bronzea bigorna eterna da Virtude!...
Agora erguei-vos, vós, homens do campo rude
que atiraes vossa enchada ao solo da Justiça,
erguei-vos todos vós, fortes, que andaes na liça,
cirurgiões do Bem que hervaes vossa lanceta,
pedreiros que aluís o mundo á picareta,
carpinteiros que andaes serrando com a serra,
erguei-vos todos vós, Simples, que fazeis guerra
a toda esta ruina e *derrocáda* immensa,
e acercae-vos de mim — ouví minha sentença:

Já que, ó Velho, trahiste as convicções primeiras,
e enxotaste uma mãe, assim como as rameiras,
da qual se esquece o nome ao limiar da porta;
já que atiraste á vala a tua honra morta,
e atraiçoaste a plebe, a que te trouxe ao peito,
da que hão bebido o leite os homens do Direito;

já que atiráste á praça e á pugna teus irmãos,
e no sangue plebeo tintas ainda as mãos
foste vender-te ao rei a que insultaste a mãe...
eu lanço-te ao exterminio, á colera, ao desdem
de todo o homem de bem, de todo o homem honrado.
Toma lá a blusa infame do forçado.
Vou-te marcar na testa um grande R gigante,
feito com minha espada em brasa, flammejante,
que a todo o mundo inspire — odio, nojo, terror.

Vaes agora girar nas espiraes da Dôr,
e em seus cyclos crueis, como os degráos do Inferno,
que o Dante assignalou com o seu éstro eterno,
na viagem que fez á tragica cidade...
Vaes agora pisar as ruas da Anciedade,
subir a vil calçada amarga do Despreso.
Desde hoje és um forçado, um criminoso, um preso,
que tens — com ferro em braza — um R sobre a testa,
cuja vista faz asco e cujo bafo empesta,
— contra o qual, ao passar, todas as mãos honradas
vão arrancar, uivando, as pedras das calçadas...
Como outr'ora, Kain, com seu signal maldito,
tu vaes errar na Historia, ó vil, como um proscripto,
mettendo assombro e horror a quem te vir passar...
O Espectro é teu algoz — o que hade acompanhar

teus passos junto ao poste e escuro cadafalso,
curvado, abjecto, vil, a pé, preso, descalço,
cheio de lama, esterco, apupos, irrisões,
entre as vaias da plebe e as mil exclamações
de todo um povo hostil que sobre ti escarra...
Ali, tendo vestida a sórdida samarra,
tendo na testa o infame e caustico signal,
— eu condemno o teu nome á pena capital.

(Grava-lhe na fronte um R com a espada)

PRIMEIRO PERSEGUIDO (levantando um braço)

Maldito sejas tu — que tens escravisado
aquillo que ha de eterno, augusto, de sagrado,
—a Alma, o Verbo, a Penna, a Consciencia Humana—
Maldito sejas tu, que arguiste uma tyranna,
e has sido, contra nós, tyranno inda maior...
Maldito sejas tu, refúgo de traidor!
que a nossa execração te siga em toda a parte,
que o despreso desdobre em ti seu estandarte,
e te acorrente a Dôr qual velho boi na nóra...
que o Remorso te pique e fíra como a espora,
e a Vingança te siga os passos pelo escuro!...

SEGUNDO PERSEGUIDO

Maldito sejas tu, agora e no futuro,
maldito sejas tu nas bagas do teu pranto,
maldito sejas tu, em tudo que fôr santo,
no fundo do teu copo, e á sombra até no estio!...

TERCEIRO PERSEGUIDO

Maldito sejas tu, á chuva, ao vento, ao frio,
no teu caminho escuro e cheio de terrores.
Maldito sejas tu na primavera em flôres,
no entardecer do outomno, ou no luar d'inverno!...
Maldito sejas tu na terra ou no inferno,
que a execração do mundo echoe aos teus ouvidos,
que os abysmos da Dôr se encham de teus gemidos,
e a Eternidade perca a conta dos teus prantos...

A PLEBE (lançando-lhe o veo negro dos condemnados á morte)

Eu Plebe, — tua mãe, — que, aos lacteos peitos santos,
te alimentei do leite altivo dos heroes,
eu que a fronte te alcei á luz branca dos soes,
e te metti na mão a espada da batalha...
eu lanço-te este véo assim como a mortalha,

ultimo e vil lençol da tua tôrva gloria.
Para sempre terás o impropério da historia,
o despreso do mundo, a execração geral,
e já que me has negado, ó filho desleal,
e has seguido o infamante e tenebroso trilho,
eu nego-te tambem! — Tu já não és meu filho. —
Já não és meu amor, minha affeição mais terna....
És o que tens meu odio e excommunhão eterna,
e a quem lanço este véo de condemnado á morte...

(repellindo-o de si)

Vae, — ségue para sempre a tua infame sorte.
Vae, — ségue pelo escuro a tua horrenda estrada.
Que a minha indignação te fira como a espada,
e o meu Rancor se torne em tenebroso muro...

O ESPECTRO (empurrando o Réo)

A caminho! A caminho! — Á Forca do Futuro.

VI

Acabaste de ouvir a letra da sentença.
Talvez que, ó dictador, perseguidor da Imprensa,
te cause pouco abalo esta sentença augusta...
Talvez te cause riso e clames não ser justa
a ira que sacode as cordas de uma lyra.
Talvez, velho frascario, ó lingua da mentira,
chames ao verso fumo, e a tudo vãs ficções!...
Não. A lyra é sincéra — As novas gerações,
os homens d'ámanhã, os proximos vindouros,
hão de ver n'essa fronte, em vez dos verdes louros,
pela noute da Historia esse R flammejante.—
Elles dirão então: — « Acaso foi o Dante,
que te marcou na testa esse signal soturno?...
Quem foi o vingador, o látego nocturno,
que na fronte te abriu a inicial horrenda?...

E tu deves dizer: — « Na minha ignobil senda,
não foi o Dante, não, que eu vi, cheio de susto.
Não foi tão grande heroe, mas foi um homem justo,
que não quiz—em mim só—vibrar o açoute amáro.
Como outr'ora Molière, em seu sublime *Avaro*,
que gravou — com buril — um lutulento vicio,
elle quiz chibatar, em mim, esse flagicio,
esse cancro chué, moderno, escandaloso,
que faz d'um ente humano, um vil cachorro, um *gozo*,
salafrario venal, baixo arlequim de feira,
rasgando a cada passo a tela da bandeira,
e fugindo a alistar-se em legião contraria...
Quiz vergastar, sem dó, a moda latrinaria
esse abuso venal, galante, deleterio,
— d'hontem ser contra o Rei — hoje ir ao ministerio;
o abuso antigo e infame, o charro privilegio,
— d'hontem ser *petroleiro* — hoje um capacho régio.

Um homem nada é. — É simples grão d'areia
nos abysmos da Vida ou nas regiões da Idéa.
Mas o Principio é tudo. — É força alimentar
na consciencia humana, álerta, sem cessar,
a punição do mal, essa noção sagrada,
rubra como a Satan do Seraphim a espada.

Ah! tu julgas acaso, — ó dictador de gesso, —
que tu pódes travar a roda do Progresso,
encarcerando a Imprensa, á qual tu deves tudo?...
Tu crês, a um gesto teu, tornar o Verbo mudo,
e que todo o trabalho excepcional das Raças,
todo o calor do Genio, as guerras, as desgraças,
industrias, invenções, tudo isto que o céo cobre,
tudo que Fausto sonha e Galileo descobre,
todas as leis dos soes, Systemas, e Theorias,
— vão findar de repente, ás tuas portarias?...

Acaso crês que todo o labutar eterno
do Homem sobre o sólo, a melhorar o inferno
dos seus instinctos vis, das suas privações,
em guerra aberta ao mar, aos ventos, aos vulcões,
ao Infinito, ao Finito, á Besta, ás más paixões,
á Terra amarga e dura, á Treva, ao Inconsciente;
todo esse fermentar energico e vehemente;
toda a rebellião extraordiaria e séria,
do Diabo com Deos, da Alma com a Materia;
toda a guerra feroz e eterna contra o Abuso;
o scismar do que achou, primeiro, o Parafuso;
o cerebro do que achou o Esquadrio e o Camartello;
o que inventou a Lyra e cinzelou o Bello;

o que ergueu sobre a praça o primitivo Arco;
o que accende a Caldeira e o que arrojou o Barco
aos abysmos do mar com a primeira vella;
o que arredonda a Ogiva e rasga uma Janella;
o que inventa o Vapor e esbofeteia a onda;
o que descobre a Roda e o que inventou a Sonda;
o que quiz vêr os soes e inventa o Telescopio;
o que quiz ver o insecto e achou o Microscopio;
o que contorna o acantho em torno ao Capitel;
o que constroe a Estatua, a Valvula, o Cinzel,
a Columna, o Timão, o Escopro, mais a Serra;
o que bráda os virís protestos contra a Guerra;
Newton, que descubriu o gravitar dos astros;
Phidias, ao qual ninguem nunca seguiu os rastros;
Humboldt, o que correu todo o Cosmos inteiro;
Rouget de Lisle, o auctor do eterno hymno guerreiro;
Le Verrier que ao Céo deu mais outro planeta;
Orpheu, que fez a Lyra e Kempis, velho asceta,
que — em sua cella — agita a mystica alma humana;
o que descobre o Fogo, e o auctor do Ramayana,
n'aquella India mãe de gerações guerreiras,
onde erram os fakirs, á sombra das palmeiras,
n'esse Oriente, pae dos deuses indistinctos,
onde Jesus scismou perto dos terebinthos;

tu crês que esse animal das primitivas éras
que o Lume descobriu para assustar as féras;
o que fez a primeira e tépida Cabana;
o auctor da velha Mó, do Engenho, da Roldana,
da primeira Charrua e do primeiro Arado;
Juvenal, que varou Roma de lado a lado
com suas corrupções, crimes, e vãos delirios,
como a vã liturgia extranha dos Assyrios;
Platão, que ergueu á Alma um templo que é thesouro
mais vasto que de Nero a excelsa *casa de ouro;*
Durer, esse pintor preclaro e mysterioso,
que achou no Pantheismo o mais infindo goso,
e na tela onde pinta as folhas e as verduras,
entre os ramos desenha extranhas creaturas,
como os monges feudaes, minados pela *acédia*,
que dão todo o terror da alma da Edade Média;
Cervantes, o que ri, e faz errar a trote
toda a alma do Sul que encerra em D. Quichote,
emquanto o Fausto sonha em virgens de balladas,
e o abbade Rabelais se ri ás gargalhadas;
Euclides, que decréta as leis da Geometria;
a Chaldea que ao Céo arranca a Astronomia
e em torres collossaes, á luz das noutes bellas,
traça o claro roteiro eterno das estrellas;

Göethe que se fundiu na alma da Natureza,
que cantou o Diabo e a lenda da Belleza,
e a insomnia da Sciencia á lampada do Estudo;
Goya, que fez do mundo um soluçante Entrudo
de mendigos, truões, abbades, estudantes;
Rembrandt, esse senhor das trevas flammejantes;
Juvenal, que escarrou na *Venus Meretriz;*
Budhá, sereno mestre, indú, grave, feliz,
prégando um culto novo, entre o feroz gentio;
o que inventa o Compasso e o Leme do navio;
o que accendeu a Forja e inventa a Picareta;
o que primeiro aguça a ponta da Lanceta;
Vico, o que abre á Sciencia enormes horisontes;
Cook, que encontra céos, reinos, terras, e montes;
Dante, o rei do Terror do inferno nas vertigens;
Lamark, que descobre as animaes origens;
Aretino, que açouta os reis como lacaios;
Fulton, que acha o vapor, Franklin o pára-raios;
Camões, que salva um livro e a sua eterna gloria;
Thierry, o que cegou a trabalhar na Historia;
Espronceda, que canta o hymno da *Miseria;*
Bukner, o santo atheu da Força e da Materia;
Moysés, que fórma um povo, Isocrates, Isaias;
Strauss, o que anniquilla a lenda do Messias;

Menuisier, que sonda o mundo pequenino;
Miguel Angelo ancião, o Raphael d'Urbino;
Tacito e o seu rancor contra o romano solio;
Van-Eych, o que descobre e acha a pintura a oleo;
Kant, que abre á Rasão uma moderna estrada;
Koerner, que faz o hymno e o cantico da Espada;
Darwin, o que descobre ao mundo absorto e opaco
ser o Eden um mytho e o Homem um macaco;
Krishna, o que prégou nas regiões da Idéa
o mesmo que Jesus nos montes da Judéa;
Zoroastro, que elevou as almas para o Sol;
Shelley, que é um atheu, Petrarcha, um rouxinol;
Ary Sheffer, que pinta a lenda dolorida
do riso do Diabo e a dôr de Margarida;
Hegel, que assenta a Idéa em throno de brilhantes;
Fitche, que os homens torna aos deuses semelhantes;
Milton, que vê no Céo, Dante que vê no escuro;
Haekel, que vê no mar, S. João sobre o Futuro;
Pascal, que estuda a Causa e Cuvier o Effeito;
Voltaire, o que assassina em cheio o Preconceito;
Proudhon, o que acutila a gorda Ordem nédia;
Werner, que deu mais sangue ao peito da Tragedia;
d'Alembert, que povôa os mundos estrellados;
Lao-Tseu, que canta os canticos sagrados;

Berlioz, que inventou a musica do Abysmo;
o que achou o Alphabeto e a chave do Algarismo;
o que fez a Atafona e o que inventou o Malho;
toda essa lenda eterna e escura do Trabalho,
todo esse bom clarão que a santa Lyra entorna,
todo o fogo da Forja e os urros da Bigorna,
os silvos da Caldeira e a Roda do Progresso,
crês que isto — ao gesto teu — ameaça retrocesso,
e tudo volta atraz, cheio d'horror e medo
do dedo indicador do general Macedo,
ou então dos dragões dos regios pergaminhos:
— Hintze, *o que não ri*, e o Arrobas tres pontinhos?... [1]

Desillude-te, ó Velho. — O mundo não recúa.
A Historia ha de varrer teu nome para a rua,
como uma velha o lixo immundo na calçada...
Tu é que morrerás, tu, ó bexiga inchada
de colera, de fel, d'orgulho, de vaidade,
que eu despejei na rua, á luz da sociedade,

---

[1] Este governador, verdadeiro cretino, fez encarcerar o auctor por um soneto, e processou um jornalista, por lhe ter escripto o nome seguido de reticencias.

como quem lança o lixo ao pateo d'um saguão...
Desengana-te ó Velho. — Os reis em breve irão
curvados e servis, quaes rotos saltimbancos,
mostrar — de feira em feira — os seus cabellos brancos,
agitando a maroma, em vez do regio sceptro...
E tu, ó Velho, irás tambem mais teu *Espectro*
n'esse caminho inglorio e tragico tambem,
que se chama o abandono e o caustico desdem,
de tudo isto que fórma a *Opinião Geral.*
Mas o mundo, esse não! — No gyro universal
que traça em torno ao sol, com as demais espheras,
verá encanecer as legiões das Eras,
antes que role e volva ás regiões do abysmo.
Procura sempre a Luz. — Eterno magnetismo
o attrahe sem cessar áquella claridade,
como procura a alma a luz só da Verdade;
e — na ordem moral, — como umas verdes palmas,
estendem sempre as mãos as supplicantes almas,
pedindo em côro ao céo — mais luz, inda mais luz! —
Agora, — ó Velho, — emfim, que te cravei na cruz
da ira e do sarcasmo e te preguei os braços
no lenho do despreso, em meio dos devassos,
tu pódes continuar a tua errónea senda...
Segue o exemplo dos reis — manda-nos pôr á venda,

ou torna ainda mais vil a senda da miseria;
faze contractos vis para formar a Iberia,
debaixo de dous reis, n'um succulento almoço,
e arroja o teu pudor, — se acaso resta — a um poço,
lança o resto da honra ao nada da voragem,
e erige a Força em Lei, a Ordem em carnagem,
manda erguer uma forca e um poste a cada esquina,
faze armar para o povo o aço da guilhotina,
manda berrar, rugir, as bôcas dos canhões,
atulha, — a abarrotar, — os ventres das prisões,
dá que comer á Vala e á bôca da Enxovia,
senta a fome no Lar, o luto na Alegria,
torna inda mais crueis os ais que nos consomem...

Mas treme do Futuro. — Ouviste a voz de um homem.

A' Janella da Naná [1]

—A Xavier de Carvalho—

Tu vives em Paris, na nova Babylonia,
onde o Ouro dá a insomnia,
e aonde o *cotillon* desthronou a *mazurka*...
Mas eu, a rir tambem, encósto-me á sacáda
da Corrupção dourada,
— irónico, fumando o meu cachimbo á turca.

Em tempos de bohemia, eu cantei a trapeira,
para onde a costureira
gentil, deixou fugir muita vez seu canario . . .
Mas hoje, que em mim sinto um candôr menos lyrico,
ficou só o satyrico,
— ficou o Juvenal de um século frascario.

---

[1] Com o nome da Naná, a ruidosa *horisontal,* o auctor pretendeu designar a Corrupção Moderna,—que elle escalpella, a gume de tróça.

Por isso, me debruço agora a esta varanda,
vendo a lama nefanda
em que sorri a *cróia* e floresce o *alcaióte.*
Lama em que os proprios paes mercadejam as filhas,
por pratos de lentilhas...
— Sancho Pança, de trem, corneia D. Quichote.

Sei que dizem — bem sei — que sou grande *má lingoa,*
mas confessa que á mingoa
de assumptos immoraes não me falléce a veia!...
Como não rir, porém, d'esta farça patusca,
da grande sarrafusca
—de uns, por que teem *larica,* outros barriga cheia?...

Que pena não viver o caustico Cervantes,
que contou os brilhantes
feitos de D. Quichote, á janella do Sul?...
Vejamos pois — sem elle — o espectaculo insano,
emquanto além um piano
cacareja, uiva, e mia o velho *Barba Azul.*

O SENHOR DIABO

N'um *landau* côr de sangue e ouro, qual Nababo,
passa o senhor Diabo,
a sorrir e a fumar.— « D'onde vens Satanaz? —»
— « Venho — bráda Satan — com seu rir nada lêrdo,
piscando o olho esquerdo,
da real pagodeira o *Congresso da Paz!* — »

PASSA OFFENBACH

Passa o bom maganão, que foi um rei da orchestra,
e que a sorrir paléstra
com o grão Tartarin.— Vão ambos de caléche.
— « Onde vaes Offenbach? Vaes vêr a Dulcinéa? »
— « Não. Vou vêr *D. Idea*,
que ha pouco atropellou o grande rei Bobéche! —»

MUSICAS REGIMENTAES

Charangas musicaes estrondeiam.— São bellos
ao sol, os amarellos.
Marcham os esquadrões com um garbo boníto.
Com um ar marcial, olha as damas selectas,
um alfer's de lunetas,
que leva, na algibeira, um tostão e um palíto.

PASSAM PROCISSÕES

E' meio dia. Alto sol. Cheia de ouros e flôres,
passa a Virgem das Dôres.
Por um triz o andôr cáe. S. Braz esteve em risco.
Um caixeiro taful, luzente de pomadas,
pisca o olho ás creadas,
— hasteando o pendão do grande S. Francisco.

AIAS E BÉBÉS

Passam louras *bébés*. Trinam os rouxinoes.
Uma de caracoes
caíu ao tanque. O parque enche-se todo de ais.
— O pae agora está com a loura Prazeres,
a mãe com um alferes,
— a *bonne*, a derriçar com dous municipaes.

DAMAS FIM DE SÉCULO

Ao sol, no *macadam*, damas de ouro e velludo
riem — e dévem tudo
ao tendeiro, ao padeiro, ao carvoeiro, ao talho.
Para luzir no *asphalto* esta pompa indiana,
passáram a semana
a bacalhau, atum, feijão, e assorda de alho.

BANQUEIROS QUE EMIGRAM

Dez policias, ou mais, catrafílam no *asphalto*
um homem ruivo e alto,
uma loura gentil, uma aia, dous *muléques*.
— Por fim, uma banal miseria em tempos de hoje!...
Um banqueiro que foge
com a esposa do socio — e dez milhões em *chéques*.

PILÉCAS PARA OS TOUROS

Lá vão, todas a rir, de bordadas mantilhas,
da Andaluzia as filhas.
Que grácia! Que saléro! — O sol é um brazeiro.
Poeta e bacharel, tu que moras na Alfama!...
e amas esquiva dama,
ao lixo os *madrigaes!* — Faz-te bandarilheiro.

PRINCEZAS QUE FÓGEM

São uma, duas, trez. — Não tem conta as princezas,
que em laços de amor presas
fogem com capitães, dentistas, ou tenores...
Devia haver até, n'esta era de progressos,
só para ellas *expressos*,
automóveis, ballões — com *musica e licores*.

O REI DO CARVÃO

Sua Alteza, o Milhão.— Passa um grosso banqueiro,
que em Pangim foi negreiro,
e em Corfú estripou o socio com estóque.
Se elle é *Rei do Carvão*, o seu peitilho é branco,
o rosto jaspeo e franco...
—a alma é que é talvez côr do sombrio *cóke!*...

PALACIOS PELOS ARES

Um estadista inglez, n'um palacio de estallo,
almóça, com regallo,
seu bello bife em sangue e a amavel costelleta.
N'isto, *zás*, *traz!* Que foi?... Foge o palacio ás vistas,
por artes anarchistas,
vôa ás brizas o *lord* — e o seu bife á sargeta.

CONSELHEIROS E FADISTAS

O solemne Munhoz, lustre dos Estadistas,
passa.— E á porta os lojistas
berram *Vossa Excellencia!* — Elle tira a cartóla.
N'isto, um fadista vem, de lustrosa guedelha,
e gravata vermelha,
e espéta na Excellencia uma *naifa de molla.*

PASSAM POLITICOS

De grande calva ao léo, o velho Albergaria
corteja o Santa Iria,
que é trunfo eleitoral e é um terrivel *bicho*.
Dão apertos de mão, recúos, palmadinhas,
tagatés, risadinhas,
—que evócam ~~cerimoniaes~~ mandarins de rabicho.

PASSAM BACHAREIS

Passam vinte, cem, mil.— Dizem doutrinas sérias
que reinam as bactérias
e os bacillos gentís... dos quaes somos o hotel.
Mas quando ha de um Kock, um Yersin, um portento,
achar o grato invento
—de um sôro que nos livre a nós do *bacharel?*...

PASSAM CYCLISTAS

Vertiginosamente, as esbeltas cyclistas,
com trajos phantasistas,
vôam no liso *asphalto*... a rir... em bando airádo.
N'isto um *gentleman* cáe.— E eis que o saxonio bruto,
com flammante charuto,
queima de esbelta dama um sitio resguardado.

AS MACHAS-FEMEAS

Ninî passa a sorrir, labios côr de cereja,
vestida de vareja,
viciosa e franzina, ar de lyrio na lama.
N'isto, passa Sarah, mais do que masculina,
e a galdéria franzina
chispa, do olho glauco, uma lasciva chamma.

OS AMARICÁDOS

Passam, ao anoutecer, magros como funambulos,
equivocos noctambulos,
derreando os quadrís, com dengósas maneiras.
Teem a bacia larga e na garganta harpejos,
e os seus ricos desejos
— *seriam passear de brincos e pulseiras.*

OS HOMENS DO PANAMÁ

Eis os ladrões do *hig-life* — os *chics* salteadores,
que cantam quaes tenores
as árias da *chantage* e da burla o *rondó.*
Passam Cornelio e Arton, dous maráos de respeito,
que em vez do *dó do peito,*
— conséguem extirpar do nosso peito o dó.

COCOTTES E MAQUERAUS

Passam — com seus *lorgnons,* — as *cocottes* galantes,
com milhões em brilhantes,
deusas do *boulevard,* das *courses,* dos cafés...
Lá vão os rufiões das luxuosas loureiras,
cavalheiros de olheiras,
que são todos barões — e expiram nas galés. [1]

LÉO TAXIL

Eis o illustre *fumiste* herético e magano,
que riu do Vaticano,
mandando-lhe o infernal rabo de Satanaz...
Era a espinha de um peixe, algo longo e exquisito!
Mas do caso o bonito
—foi que o Papa a aspergiu... e que a *espinha* lá jaz.

---

[1] *Maqueran* é o rufião de *cocottes* e horisontaes. — O auctor n'este livro, para ferir a nota mundana, empréga frequentes estrangeirismos, na descripção dos typos do *macadam,* e dos heroes do *dandysmo.*

PASSA BISMARK

Passa o grão Chanceller com seu elmo de lança,
que nos traz á lembrança
um guerreiro da Cruz — de Satan, salvo seja!
Scisma, — ao lado o seu cão — com seu ar mais profundo,
em bombardear o mundo.
— Por isso váe beber cem *boks* de cerveja.

PASSA SALISBURY

Passa o conspicuo *lord.* — Cóça as suissas brancas,
como quem está em *pancas.*
Scismará no Transwal, na Russia, ou na sopeira? . . .
— E' na liga talvez que cingiu linda perna
de uma Avó assás terna . . .
de que um rei maganão formou a Jarreteira.

AFFONSO XII

Lá vae Affonso XII, o coronel *uhlano,*
folião e tyranno,
amigo de beber, de rir, de namorar . . .
Diz-se que um dia até — se a historia não é galga —
forçou uma fidalga,
nas barbas maritaes do esposo militar! . . .

O PRINCIPE DE GALLES

Rei dos *dandys*, folião.— Sob o seu ar sisudo,
passa em revista tudo
que usa saia *épatante*, ou florída *toilette*.
E, emquanto Chamberlain faz Albion mais ládra,
Guilherme augmenta a esquadra,
elle — gasto *mignon* — pompeia um bracelete. [1]

O TSAR NICOLAU

— Passa o grande senhor das regiões do Néva,
e ségue-o um rabo-léva
de cossacos, dragões, *boyardos*, gente fina...
Quando abraça Loubet, oscúla Bonaparte:
e os olhos teem tal arte,
—que, com um, chora a guerra,—e pisca o outro á China.

---

[1] Moda introduzida pelo principe.

HOOLEY

Eis um habil, ó Céos! — O rei da *Bancarrota.* —
Olhae que linda bota,
que *smoking* taful, que joias, que esplendores...
Tem palacios, *landaus*, florestas, equipagens,
irlandezas pastagens,
— e enviam-lhe pasteis e *bouquets* os crédores.

CECIL RHODES

Passa o illustre Cecil que é do Cabo o portento.—
É um bom cosimento
do Estadista, o pimpão, o *lord*, o D. Quichote.
Gentleman — decerto é malcreado e importuno
quem lhe chamar *gatuno*...
Mas por menos, — ó Céos — quantos vão ao garróte!

BOULANGER

O heroe de botequim, da farça, a cançoneta,
lá vae na besta preta,
entre *hurrahs*, saudações, o ladrar de *bull-dogs*...
Paulus cuida já vêl-o a dar-lhe omnipotente
um Sena de aguardente,
— que elle liba a sorrir, cantando, aos meios *grogs*.

ESTHERAZZI

Eis o famoso heroe, — eis o excelso frascario,
maganão, salafrario,
tira dentes, chatim, trapalhão, sem estima.
Para todos trahir no drama interessante
de Dreyfus... o birbante
e ingrato coronel até trahiu a prima!...

DUPATY DU CLAM

Que singular major! — Lá vae a uma entrevista
este official farcista,
feito *dama do véo* e de luvas tafues.
Léva n'uma algibeira umas brancas suissas,
solemnes, mas postiças,
um nariz de cartão e uns oculos azues.

DREYFUS

Eis o hebreo infeliz de um romance estrambólico! —
Tudo n'elle é symbolico:
roubos, chinfrins, banzés, gritos *morra o traidor!*...
Para nota jovial do drama endiabrado,
quasi que foi raptado,
— por certo official do Estado Maior!...

LABORI

Um tiro em Labori.— Depois d'esta desfeita,
tem a fortuna feita,
e eis um tiro que vale uns bons contos de reis!...
Apóz réclamo tal para a celebridade,
na aldeia e na cidade,
—quérem tiros... canhões... bombas, os *bachareis.*

POETAS CAMPANÚDOS

Passa a ôca legião dos poetas *phrasistas,*
que ingenuos capellistas
admiram, ao vêr-lhe a farófia e o grande ar.
E um d'elles bráda e diz, com gestos sobranceiros,
á rua dos Fanqueiros:
—*Não vale a Via Lactea a via de Picquart!*—[1]

---

[1] Junqueiro, n'um dos seus raptos rhetóricos, escreveu uma *phrase,* parecida, assás facéta. O auctor, sem emulação a alguem, entendeu dever ser implacavel com os *phrasistas,* os *declamadores,* os *decadistas,* os *nephelibatas,* e todos os corruptores do gosto, proclamando esta verdade esthética inabalavel, fonte de toda a progressão intellectual: —a *máxima clareza é a máxima belleza.*

MÁGICOS E CHARLATÃES

Trez *Sobrenaturaes* verbosos e sem dentes,
berram, n'um carro, ás gentes,
que evócam Satanaz, Anjos, Dominações.
Mas que *enguiço!* — Podendo *levantar* aos céos
Pharaós dos mausoléos,
—não *levantam* de um Banco uns charros *dez tostões!...*

ALMAS DO OUTRO MUNDO

Contam-se casos mil de espectros e avejões,
que, em tôrvos casarões,
québram pratos, crystaes, uivam funéreos pios...
Quanto a mim, os vejões que causam tal destroço
são inquilinos *no osso*,
— a que hão tirado a pelle aváros senhorios.

PASSA FUSCHINI

Passa Fuschini além, como o lyrio entre abrolhos,
o *côco* sobre os olhos,
tapando o resplendor sollar do seu nariz.
—«Em que scismas Fuschini, *homem da mulla russa*,
sob essa carapuça? ...»
— «*Scismo*, — e tossiu augusto, — *em salvar o paiz!*»

JACK, O ESTRIPADOR

Eis o preclaro Jack: — o que estripa aos milhares
damas de lupanares,
com um fidalgo aceio e sem sujar as botas.
Por que, — ó Jack! — em vez de em ruas besuntonas
estripar marafonas,
— o *spleen* não lhe deu para montar *agiótas*? . . .

ESQUELETOS EM BAHÚS

Sôam pregões, narrando o successo da *malla*,
achada n'uma valla,
contendo — caso atroz — um homem morto e nú.
E de tal guisa estão em moda os esqueletos
nos moveis mais discretos,
— que é hoje, com terror, que eu abro o meu bahú!...

O IRMÃO DO SANTISSIMO

Lá vae, de sacco em punho, o irmão do Padre Eterno,
quer de estio, ou de inverno,
de roto guardasol... balandráo encarnado.
Mas o caso é que intríga um cerebro profano
que o Altissimo ao mano
— não dê um guardasol menos esburacado! . . .

UM PRINCIPE TABERNEIRO

Dos pomposos Bourbons um dos varios herdeiros
é rei dos taberneiros,
e em Londres vende vinho, a não sei quanto o litro.
Que honra é para nós, plebeos, filhos de pobres,
bradar a entes tão nobres:
— *Salta, Alteza Real, de lá um decilitro!...*

CHINFRINS E BANZÉS

Sôam gritos, *hurrahs*, tiros, e bengalladas. —
Ha cabeças rachadas
de nacionaes, judeos, *gommeux*, de libertários.
Guérin mette-se em casa. — Eis cerca-o um regimento,
de *lúzio* sempre attento,
— mas elle, o *bon vivant*, tem perús nos armarios!...

O IRMÃO FLAMIDIANO

Eis o santo varão que violou um menino,
quando orava ao Divino,
segundo narram vis mariolões contra a Cruz.
Horrivel pêta. — Leão ha de canonisal-o,
n'um nicho enthronisal-o,
e ao meigo collo pôr-lhe o *bambino* Jesus.

CAVALLEIROS DO CRAVO BRANCO

Eil-os, cravos no *frack.* — Amam só as corridas,
as noutes mal dormidas,
o *foie gras... Chambertin...* e outros *cómes e bébes.*
Quão bom fôra—ó meu Deos—que estes ricos senhores,
e elegantes roedores,
fossem cavar, podar, mesmo ser algibébes!...

O CORDÃO SANITARIO

Mil soldados, ao sol, chispam armas brilhantes.—
Teem ordens terminantes
de chacinar a Peste — a velha harpía crúa.
Mas n'isto, eis que uma pulga, insecto bandoleiro,
vem, morde no trazeiro,
e empésta o capitão que está de espada núa.

O LYRICO LAMPREIA

Delambido, em sallões de fidalgas meninas,
falla só em *boninas,*
em *troveiros, missaes,* e em seu avô marquez.
O avô foi um porqueiro assás analphabéto.
Mas elle, mui selecto,
odeia a *corja vil.*— Só recíta em francez.

O AMANUENSE SUPÍCO

Supíco,— mui cortez,— suando em camarinhas,
leva o leque e as sombrinhas
das filhas e as irmãs do seu sub-director.
E, a respeito da atroz sangueira de um faquista,
trina como um flautista:
— *Na dama é vil bater até com uma flor!...*

O GENERAL CABREIRA

Com sua voz de trompa e espessa bigodeira,
o general Cabreira
passa, arrastando além, a fanfarrona espada.
E ao bacharel Garcez, de alva flor no casaco,
diz, com voz de cossaco:
— *A Canalha o que quer é farinha e mocáda!...*

O CONEGO SUSPIRO

Natural de Sinfães, louro, obeso, adamado,
cónego e deputado,
faz versos em latim contra o *impio* anarchista.
Nos beatos sallões da marqueza de Nellas,
toca flauta ás donzellas.
Recíta, meigo, o *Adeos.*— Dizem que ama um *fadista.*

O FANQUEIRO LEITÃO

O fanqueiro Leitão — á porta — entre lencinhos
de riscado, aos visinhos,
rácha o Governo e diz: — «Não me vae nada á *bolla!*»
E, ao filho que entra e anda em Selecta franceza,
préga a moral burgueza:
— *Rapaz, para trepar, faz-te um bom mariolla!*

O CAPELLISTA VARELLA

A abanar-se, ao portal, lenço branco ao pescoço,
o Varella mais moço,
vê vir Concha de trem, mostrando um lindo pé.
Más linguas rosnam d'ella em tom licencioso.
Mas elle, conceituoso:
— *A ter de ir para o Inferno, ir de seda e em coupé!*

O CONSELHEIRO VERISSIMO

Lá váe o Conselheiro Eleutério Verissimo,
mezario do Santissimo,
dos *Proprios Nacionaes* vogal exemplar.
Além de bom christão, bom chefe de familia,
páe da esbelta Cecilia,
rége, — com *discripção*, — na Baixa, um lupanar.

A MARQUEZA DE NELLAS

Senhoril, busto esbelto, altiva, muito altiva,
a Marqueza tem viva
zanga á gentalha vil... á banal *patuléa*.
Mas houve alguem que viu, ó sacrilegio ingente!
tombar-lhe o aureo pente,
do amante aos cachações... um moço da boléa.

O JORNALISTA GAIVÃO

O que transita além, todo de alva flanella,
luvas côr de canella,
fumando um *bréva* bom, com o padre Graínha...
é o grande Gaivão, auctor da phrase amena,
quando vendeu a penna:
—*Deos deu-me um dia a braza—eu cheguei-lhe a sardinha.*

O CAIXEIRO LINDOSO

Lá está elle ao balcão, as pôpas mui lustrosas,
todo expressões dengosas,
e, ácerca do retroz, fallando em *céos* e *lympha*.
Um dia que a peixeira injuriou D. Alice,
elle, poético, disse:
— *Se o goraz fosse meu, punha-o a seus pés, ó nympha!...*

O BACHAREL ALCOFORÁDO

Pomposo e bacharel. — Diz phrases aos creados,
ao moço de recados,
ao tendeiro, ao carvoeiro, e a um negrinho do Congo.
A's meninas tafues do capellista Testa,
jóga bombas como esta:
— *Minhas senhoras, Deos não é mais que um ditongo!...*

O DEMAGOGO FIGUEIRÓ

Eil-o, lá na trapeira, a roer sempre as unhas,
o ideal das lindas Cunhas,
que escréve, no *Trovão*, com o pseudónymo *Appio*.
O outro dia, escreveu este texto iracundo,
n'um artigo de fundo:
— *Após Proudhon, quem tem rasão é o larápio!* —

O TERRIVEL ARTHUR

Eis o encanto e o terror dos paes, as mães, as filhas,
e as bulhentas quadrilhas
de *marialvas*, tafues, amigos das bambóchas.
Mas, emquanto — o *Arthursinho* — aterra toda a gente,
elle, secrétamente,
résa, quando ha trovões, e tréme das caróchas.

O VIOLENTO FELGUEIRAS

De Seixo de Gatães natural e oriundo,
é um baixo profundo
deputado feroz que indignações arróta.
Na tasca de Gatães, orando aos eleitores,
ribomba: « Meus senhores,
Paris déve esganar Zola... esse idióta! — »

OUTRA VEZ FUSCHINI

Passa, outra vez, Fuschini, Estadista de cunho,
com uma albarda em punho...
e sempre o immortal *côco*, em cima do nariz.
«Em que scismas, Fuschini, *homem da capa parda*,
empunhando essa albarda? »
«— *Scismo.*— e scismou augusto,— *em salvar o payz!*»

PRINCEZAS DE CAFÉS

Camareiras reaes.— Déve ser de alto gosto,
n'uma praia, ao sol posto,
vêr essas mãos de lyz trazer-nos um sorvête!...
Em breve se ouvirá, n'algum café barato,
gemer um litterato:
— *Princeza de Astrakan, trága um cacharoléte!...*

COMBATES DE FÉRAS

Corre o povo em tropel.— Ha combates de féras,
de ursos contra pantheras,
de um touro e de um leão... bichos dos mais guerreiros.
Quanto a mim, fôra mais philantropica a idea,
que, em vez d'esta guerreia...
na jaula do leão brigassem *dous banqueiros.*

CASAMENTOS EM BALÃO

Sóbe ao ar um balão. — Sem receio dos tombos,
vão casar-se dous pombos,
que acham na terra hoje o matrimonio espúrio.
— Teem razão. — O pudor cóta-se hoje tão baixo,
que de prudencia acho
que o contraiam ao pé de Venus e Mercurio.

FECHO A JANELLA

Prefiro ir para o campo e tornar-me cabreiro,
cavador, rachador, ganhão, ou ovelheiro,
a estes gallões gentis.
Mas não ha *simples* já. Foram-se as almas lindas.
— Ála, emigremos pois. — Fujo para os Cabindas
de argolla no nariz.

TROÇA A' INGLATERRA[1]

— Á Mocidade Académica —

Carlos, rei inglez — rei folião!
patusco caçador, na caça activo,
que viveste a fazer a digestão,
a aperaltar-te, a rir, e a ser lascivo,
hoje estás morto n'uma tumba morta.
Porém, para o meu caso pouco importa!...
— Supponhamos que és vivo.

Foste o rei da bambócha — e régiamente
amaste a esturdia, o bródio, a bórga emfim.
Foste tu, mais os teus — honesta gente! —
que inglezando nos foram Bombaim...

---

[1] O auctor visa especialmente nas suas sátyras a Grã-Bretanha,— á parte os seus philosophos, os seus poetas, os seus sabios — por que, pelo seu espirito vil de *ganancia*, a considéra a principal representante de todo o capitalismo, abuso de força, egoismo e hypocrisia das actuaes humanidades.

rica terra de lindas pedrarias,
d'elephantes, bambús, d'especiarias,
e de bem bom marfim!...

Viveste, a rebolar-te na enxurdeira
da orgia do palacio, esse bordel.
E até narram que a tua jardineira...
Não digo mais... sei que não foi cruel.
Como el-rei, teu papá, que Deus lá tenha!
amaste pouco as guerras e a campanha,
mas muito as louras damas da Bretanha,
louras, de fina pelle!... [1]

Sonhei hontem comtigo, rei patusco,
rei *bon vivant,* alegre rei frascario!...
Vi-te surgir de noite, ao lusco-fusco,
das sombras funeraes do ossuario.
Sim: vi-te em carne e osso, todo inteiro,
entre os *dandys,* as damas, o barbeiro,
todo casquilho, lépido, palreiro,
mirando o vestuario.

---

[1] Este rei é Carlos II de Inglaterra, de que trátam as escandalosas *Memorias de Grammont,* e a quem o satyrico allúde, por ironia a um minúsculo rei, nosso contemporaneo, do mesmo nome.

E eu disse ao louro rei: — Tu que atrelaste
ao teu carro, os maridos, paes, e filhas,
se acaso lá da tumba aonde baixaste
sonhas nos pífios beberrões das ilhas,
ouve a surra que eu dou nas malhas pôdres
dos teus fieis patricios — esses ôdres —
e louros bigorrilhas:

Illustres borrachões da Ilha escura!
não é máo — dae licença — a Phantasia,
isso que vós não tendes, e o meu cura
prohibiu, n'um sermão, á freguezia...
Era um cura roliço e espadaúdo,
frascario, garanhão, e cachaçudo,
que muito bem bebia!

Sim, sabe bem phantasiar fumando,
para o tecto a mirar, de quando em quando,
repimpado e com ar de mandarim...
Sonha a gente que é turco entre palmeiras,
e vê cem bailadeiras,
louras, côr d'açafrão, negras, trigueiras,
— vindas do Mar Azul, da Núbia, de Pekin.

Atira a gente as espiraes de fumo,
para o tecto, phantasticas, sem rumo
involto em seu roupão e de chinello . . .
e de repente vê-se entre mimosas
chinezas fabulosas,
n'um barco de bambú cheio de rosas,
— sôbre o Rio Amarello.

E quão bella ha de ser uma chineza,
com sobrolhos pintados a nankin,
rosto da côr da porcellana chin,
fallando do poeta Manin-Fá . . .
olhando a lua sobre o rio santo,
gracil e linda como um colibrí,
dizendo meigas expressões em *i*,
e rescendendo as mãos a flôr de chá ! . . .

Tem um contra, porém, a Phantasia,
um certo contra — um tanto traiçoeiro.
Suppõe a gente que é sultão, e grita:
«— Traze, eunucho ! a sultana favorita,

essa de rir frécheiro,
essa que é rara como a Sulamita,
de trança côr do luto, e tez que imita
a flôr do pecegueiro!...»

N'isto retine, á porta, a campainha,
e eis que em vez da sultana ou da rainha
dos nossos sonhos,— entra o carvoeiro.

Tudo isto que aqui digo vem a pêllo
do birbante saxão — que um raio parta!
Vem d'um sonho que tive, um pesadêlo,
que vou contar, em rimas, n'esta carta.
Vi em sonho a Justiça
escaqueirar esse paiz corrupto,
Sodoma de carvão, sujo e perverso,
Babylonia de rolhas de cortiça,
patria de John Bull marão e astuto,
na borracheira immerso.

Acordei... Accendi o meu charuto...
Puz-me a fumar e a pôr o sonho em verso.

Ventrudo John Bull que o tolo admira,
porque será que o mundo te chasqueia?...
O céo nega-te o sol — e a lua, a filha
das folias da Noite, essa sereia
que fez amar Romeu, tossir Elvira,
e que á Mignon os laranjaes prateia...
na tua triste e nevoenta ilha
parece uma candeia.

Para onde vaes, a troça chocarreira,
caminha atraz de ti, tocando bombo.
Se trepas a algum monte, ou ribanceira,
o *cicerone* ri-se a cada tombo.
E montado a cavallo ou em jeríco,
vae a Galhofa atraz: — arre burríco!
a zabumbar-te o lombo.

Vós tendes — ó saxões! — mil alfaiates,
que tiram mathematicas medidas;
mas porque é que imitaes uns bonifrates
nos centros, nos salões, ou nas corridas?...

Com essas caras de feições tristonhas,
vermelhas, mas bisonhas,
e essas pernas compridas,
semelhaes umas comicas cegonhas,
que entram pelas bebidas.

E como vós bebeis!... Com tres mil pipas!
Por Noé, o borracho!— Pelas tripas,
de S. Martinho, o bachico varão!...
faz riso e gaudio vêr e ouvir cantando
o pirata normando,
da tôrva tasca a rebolar no chão.

Se Homero, farto de cantar heroes,
fez um poema á rã e mais ao rato,
se Sadí celebrou os rouxinoes,
e Tasso aos olhos verdes do seu gato
cantantes rimas fez...
se Hugo idealisou o burro e o sapo,
e sobre elles bordou aureo discurso,
com rico ouro francez,
se o Heine fez a epopêa do urso...
— porque é que inda ninguem cantou o inglez?

Portanto, ó bellas mui glaciaes do Norte,
e das nevoas eternas,
virgens d'olhos azues que dão a morte,
damas sentimentaes de magras pernas,
vinde ás janellas escutar, ás brisas,
o canto do estrangeiro...
que, á luz da lua que prateia a escarpa
não vibra a lyra, o violino, a harpa,
—faz dançar a John Bull, com um pandeiro.

Ouví meu canto, *ladies* d'olhar frio!
Rapaz! traze charutos!... Principío:

A BEBEDEIRA DA BALEIA

SONHO

É no Oriente, em Bombaim.

É no seu vasto porto, em frente do mar azul, coalhado de velas, que o sol clareia.

A imperatriz do Oriente, cingida de diadema, está sentada n'um pavilhão á beira-mar, ladeado de dois leopardos d'ouro.

Em torno do pavilhão *ladies* mimosas, *rajahs* faustuosos, plantadores de chapéos claros, fallam de fundos e assucares de beterraba. Aprumados *dandys*, rindo com as *ladies*, conversam sobre a *fashion*, o *hig-life*, o *turf*. *Miss* vaporosas ingerem sandwichs. — Suspiram os bambuaes.

JOHN BULL (com um metro, e um pandeiro)

Graciosa imperatriz do rico Oriente!
aqui tendes á vista, em vossa frente,
esta honesta baleia nunca vista...
É ingleza de lei, mas de tão nobre raça,
virtuosa e methodista,
que beberríca o lago do Nyassa,
bom proveito lhe faça!
— como esgóta um copinho um vil papista.
Apezar de ser peixe, aprendeu a sommar,
e somma como um anjo! — Agora vae cantar.

A BALEIA (a cabeça fóra d'agua, cantando)

Sou a grande Baleia, a grande Besta extranha,
que cantou S. João.
Sou eu que guardo a loura e virgem Grã-Bretanha,
que a livro do papismo, os sabios da Allemanha,
faço febre ao chinez... dyarrhea ao sultão.

A IMPERATRIZ (a Salisbury)

Que gracinha que tem! — Como é mimoso
este peixinho inglez...
Vamos, seja gentil, seja gracioso!
— Dê-lhe, *Mylord,* um calyx de Xerez.

LORD SALISBURY

Senhora, corro já. — Corro apezar de velho
melhor do que um petiz.
Tudo, tudo farei pelo algodão da Patria,
— e os couros do Paiz!

A BALEIA

O Papa póde ter mais templos ponteagudos,
nas não possue S. Paulo, a protestante egreja.
A Europa póde ter trophéos e mil escudos.
Mas ninguem como nós,—os saxões cabelludos—
conquistou mais regiões... nem bebeu mais cerveja!

A IMPERATRIZ

Que linda voz, que genio, que cabeça!
Que contralto distincto!...
Vamos, caro *mylord*, dê-lhe depressa
um copinho do tinto!

LORD SALISBURY

Senhora, corro já.— Corro apezar de velho
melhor que os vossos pagens.
Tudo, tudo farei pelo carvão da Patria,
as rolhas e as ferragens!

A BALEIA

Normandos e saxões, raças conquistadoras,
uniram, certo dia, ao sol, o seu destino.
E a beber e a cantar, sobre as náos vencedoras,
cruzaram todo o mar, á lua, e ao sol a pino.
Ninguem como nós sabe o amor das virgens louras,
e o cheiro espiritual... que ha no queijo londrino!

A IMPERATRIZ

Que deleite! Que voz! — Minha alma adeja
no espaço azul e franco.
Vamos, traga, *Mylord*, n'uma bandeja
um copinho do branco!

LORD SALISBURY

Senhora, corro já. — Corro apezar de velho
melhor que um rapaz novo.
Tudo, tudo farei pelo augmento da Patria,
— e o chouriço do Povo!

A BALEIA

Sou a grande Baleia, a Baleia aguerrida
que humilhei Portugal, mais os seus navegantes...

PORTUGAL

Pirata d'unha comprida!
Velha mãe de rapinantes!...
tu pediste a bolsa e a vida
á heroica raça abatida
d'onde saíram gigantes.
Mas ella — se foi vencida —
limpa ficou como d'antes!

Em catraios e ordinarios
barcos de mesquinhos lótes,
os teus avós,— os corsarios,—
rapinavam povos varios,
que ou eram fracos, ou zótes.
— Semente de salafrarios!
— Familia de galeótes!

Emquanto que as nossas náos
iam do globo aos confins,
vós, ó passaros bisnáos,
em charros navios máos,
roubaveis nossos marfins...
— Raça de louros maráos!
— Netos de ruivos chatins!

Nossa bandeira inviolada
não a sujou teu carvão,
milhafre d'unha afiada!...
Branca ficou nossa espada,
mas de preto o coração.
De ti não qu'remos mais nada...
— Nem rolhas, nem algodão.

LORD SALISBURY

Graciosa senhora, o que é que pensa
d'este mastim que ladra?
Que dirá lord Fife?... Sem detença
— corro a mandar-lhe a esquadra!

A IMPERATRIZ

Que ultraje!... O que ouvi eu? — Nossa bandeira
achavascou o ingrato.
Dê-me, *Mylord*, um calyx de Madeira!...
—*Mylord*, eu tenho um flato!

JOHN BULL

Se nos chamam, Senhora, em prosa e versos
bisbórrias, sanguesugas...
ai de mim, nunca mais estes perversos
—me compram as piúgas!

UM POETA SATYRICO (cerimonioso, mas mordaz, a *Pall Mall Gazette* em punho. — Corteja correctamente)

Desejas meu alvitre francamente,
Imperatriz do Oriente,
ainda que este alvitre o teu orgulho chóque?...

Pois bem. Vou-te dizer, sinceramente,
dama do Nevoeiro,
que John Bull nunca será guerreiro,
ou coisa que lá toque:
quer lance o torpedeiro,
quer maneje espadim, espadagão, estoque.
Nasceu, será, ha-de morrer fanqueiro,
—amarrado ao balcão, ao metro, mais ao *bok*...

(Cumprimentando)

Tens, Senhora, porém, muito dinheiro,
—e possues muito bom carvão de *coke!*...

Emquanto á gentil Besta... á deliciosa fera,
que encanta estes senhores,
sobre a bella esguichar, espadanar quizera
um repuxo de flôres.

Mas é força convir que do seu canto
o mundo está já farto!...
E está tão gorda esta louçã guerreira,
que faz lembrar bojuda cervejeira
—com as ancias de parto.

De ti, Senhora, dizem que és pirata,
e vibras, arrogante,
com ar brigão e gesto de faiante,
esquecendo que és dama e aristocrata...
uma linguinha, oh céos! não de brilhante
linguinha de mulher — mas das de prata.

Consente, em vista d'isto, ó graciosa
dama da Jarreteira,
Imperatriz-Milhão dengosa e esquiva,
princeza dinheirosa,
que tens a lingua pittoresca e viva,
que tinha a bella Angot que foi peixeira...
consente que te offerte — ó dama airosa —
este livrinho... do senhor Pereira. [1]

Dizem tambem sarrafaçaes bilontras,
más linguas viperinas!
pois que a Belleza e a Gloria tem seus contras,
e nem tudo são rosas,
para os heroes, as bellas, e as meninas...
que essas tuas victorias tão famosas
as compraste com libras *esterlinas*.

---

[1] Antigo *Compendio de Civilidade,* cujo auctor era João Felix Pereira.

Dizem, bem alto, e até se lê na Historia
que a tua fama se acha
gravada — não nas paginas da Gloria —
mas no *Deve* e *Ha-de haver*, no *Livro Caixa.*

Não teem rasão porém estes birbantes!
Supinos melcatréfes!...
Pois, porque ha-de um mortal expôr-se a guerras,
a escalar bastiões, a trepar serras,
a perder o nariz, tropas, e chefes...
se póde, em santa paz, e sem canceiras,
como Cesar ruir nações inteiras,
gastando as *louras*, sim... mas sem tabéfes?

Dizem tambem más linguas que és negreira,
e, nas regiões dos pretos que domínas,
ha surra, ha gargalheira,
ha sarrabulho, açoutes, e chacínas,
sangueira e mais sangueira...

Pois bem. — Mas que mais quer a bestial senzála
de borrachões patifes?...
Ralé de cannibaes, pretos captivos,
tão lanzudos, tão broncos, primitivos,
que inda hoje não sabem fazer bifes!...

Rosna-se mais que ha nobres d'Inglaterra,
segundo um jornal sério,
que, exhaustos já dos gozos do adulterio,
com as bellas gentis de louras tranças...
vão cevar em prostibulos londrinos,
mil caprichos suinos,
phantasias de bóde — entre creanças. [1]

Contam que ha velhos nobres debochados,
como os velhos bestiaes da antiga Roma,
com libras d'ouro ás pilhas,
que, se acaso estivessem em Sodoma,
quando Loth saíu quasi em camisa,
á pressa, e mais as filhas...
seriam pelo raio escaqueirados,
e feitos em estilhas!

---

[1] Calcula-se em *quatro centas mil* as pessoas relacionadas com a prostituição, em mais de *cinco mil* os lupanares existentes, além de uma infinidade de prostibulos de *creanças de ambos os sexos*, das quaes as mais novas contam apenas oito a nove annos.— É mathematico pois que a corrupção moderna tem em Londres a sua maior montureira.

Não teem rasão porém esses cretinos,
que nutrem contra o rico um odio velho
nos figados tigrinos:
—pois os nobres só cumprem o Evangelho,
dizendo: — *Vinde a nós, ó pequeninos!*

Tens tido bons poetas eminentes.
E Byron talvez,
que é o rei dos rebeldes descontentes,
bon vivant, seductor, trocista, e amigo
das ostras e do amor, do Porto antigo,
e o *Champagne* francez,
depois de Shakspeare é quem levanta,
como um raio que risca a treva e espanta,
da prosa do algodão o nome inglez.

Narram, porém, que por não ser discreto,
ser libertino, esturdio, vinolento,
e um tanto descortez...
apanhou, certo dia, no seu recto,
—pontapés de um cocheiro portuguez.

D'ahi vem todo o fel que elle vomita
sobre a lusa nação:
vem toda a sanha que o abespinha e irrita,
com que braveja e grita,
suas glorias destróe...
E é força concordar que tem rasão,
— que um pontapé n'aquelle sitio dóe!...

Tambem se queixa a extravagante China,
meio poeta e insana,
paiz cercado d'um extranho nimbo,
e onde o Imperador fuma cachimbo,
repimpado em divans de antiga porcelana...

Tambem se queixa o chin,
bisneto do Luar, irmão dos Soes,
que fuma em altas torres de marfim,
d'onde ouve os rouxinoes,
e habita, como os reis, mais as rainhas,
kiosques triumphaes com campainhas,
e telhados que imitam párasoes...

Tambem fulo e irritado,
o amarello chinez quasi feroz,
chegando á côr do rubro-alaranjado,
e a ter trovões na voz...
elle que é brando, timido, e acanhado,
e compõe, ao luar, casto e encruzado,
sonetos meigos em papel d'arroz...

tambem a China ingrata,
do alto de kiosques de bambú,
jurando pela Biblia de Confucio,
pelos manes de Fó, e mais de Yú...
braveja e disparáta
que não ha como tu maior pirata,
— nem maior bigorrilhas do que tu!...

E a rasão porque o chino barafusta
e em guinchos se desata,
é por tu lhe haver's feito guerra injusta,
pelo commercio do opio que os assusta,
— o dôce opio que adormece e mata!

Não tem rasão porém este bargante
maráo amarellado!
pois teu opio não é tão inclemente,
tão Nero e desalmado,
que faça adormecer e mate gente...
— visto que todo é falsificado!

(Cumprimentando as *ladies* inglezas)

Emquanto a vós,— ó timidas madamas —
Myladies feiticeiras!
que no peito accendeis tições e chammas,
capazes de abrazar as couraças guerreiras...
consentí que eu ás vossas formosuras,
offerte, com mesuras,
e com mil curvas, mil gentis maneiras...
um cofre raro de marfim e ouro,
todo cheio de *sodas*,
um thesouro,
— para curardes vossas *borracheiras!*

(Grande salsada entre as *miss* e as *ladies*. — Gritos, flatos, chiliques. — Velhas donas ululam, estranguladamente, *schoking! schoking! schoking!* — e desmaiam.)

A BALEIA

Calmae-vos, ó gentís! — O que importa um demente
lá porque vibra o metro?...
Portugal já não tem garra, musculo, e dente.
Foi um leão lambaz — hoje é um branco espectro.
— Deixa sentar-me, ahi, Imperatriz do Oriente.
— Mão fraca e feminil, dá-me cá esse sceptro.

(Senta-se no pavilhão, e põe a corôa do Oriente na cabeça.— Ebria, depois, começa a desvairar.)

Eis-me na Asia emfim! — Só quasi nada, um passo,
e formarei de toda a Turquia um terraço,
d'onde passe revista aos pachás e aos sultões.
Todo o Oriente será o meu macio leito!...
E a China me fará um cachimbo perfeito,
— de porcelana azul, para eu *fumar visões!*

Decifrarei do Pólo o glacial mysterio.
Farei da *verde Erin* um branco cemiterio.
Do Urso do Norte a pelle ha-de ser meu tambôr...
Saquearei, pilharei, cidades ás centenas,
e a ti,—aguia da França,—arrancarei as pennas,
— com que hei-de rabiscar meus *bilhetes de amor!*...

Porei — n'uma gaiola — a aguia da Allemanha.
Arrancarei a pelle aos teus leões, Hespanha,
para nos hombros pôr, quando quizer caçar...
Esgotarei a veia em mil raros caprichos.
E vós,—China e Japão,—dos sedosos rabichôs,
—fareis um *cachenez*, para eu me *abafar!*...

Albion terá do mundo a sujeição inteira.
O pescoço da Europa ha-de ter gargalheira.
Levantarei Sodóma e arrazarei Paris.
Atirarei—ao mar—da Turquia o turbante.
De Lisboa farei um oriental mirante,
—onde hei-de, ao pôr do sol, fumar e ser feliz!...

Sim.—Serei a ventruda e feroz *Besta d'Ouro*.
A Europa,— a trança esparsa,— em crystallino chôro,
virá trazer-me a c'rôa, o seu dourado nimbo...
E, entoando canções originaes e toscas,
a Africa,— essa negra,— ha-de enxotar-me as moscas,
—e o Sultão deitará tabaco em meu cachimbo!...

De Londres, capital da grande ilha saxonia,
farei a deliciosa e immoral Babylonia,
onde me rolarei, como no enxurro, o cão...
E, apoz tão dôce luxo e tantas mil fadigas,
com o ouro de mil cidades inimigas,
—mandarei levantar um templo ao *Máo Ladrão*.

A JUSTIÇA

Volta ao teu nada, ó monstro.—Alçaste a voz tão forte
que me irritei emfim.
—Portugal, vae tocar-lhe o seu hymno de morte.
—Embóca o teu clarim.

PORTUGAL

Acordae, ó Nações.—Matae a Besta ovante.
A hora já soou da Historia no quadrante.
Vinde arrancar á fera o calháo—coração.

A HESPANHA

Foste tu que chamaste?—Eis-me aqui, meu irmão.

A FRANÇA

Eis-me aqui. Eis-me aqui. — A favor do Direito,
—para servir d'escudo, aqui está o meu peito!

A IRLANDA

Demorei-me ao sopé d'uma rocha escalvada,
—para afiar melhor a minha aguda espada!...

A ESCOSSIA

Desci, toda esbofando, a encosta da montanha,
—para estripar á bicha a carniceira entranha...

OS BOERS

Deixámos nossos bois, relvados, e charruas,
—para vêr o seu sangue empapar estas ruas!...

A ITALIA

Deixei o meu bom sol, deixei minhas ruinas,
—para ouvir o seu berro estrugir as collinas...

O URSO DO NORTE

Venho—a uivar e a rugir—galgando *steppe* e vargem,
porque aspirei no ar um bafo de carnagem...

(A Baleia é morta. — O Urso do Norte põe a corôa do Oriente na cabeça.)

JOHN BULL

Coitadinha, morreu! — Os povos triumphantes
cevâram seus desejos.
E agora, nunca mais, os pífios, os tunantes...
comprarão os meus queijos!
Morreu, morreu, ás mãos de vís caudilhos.
Porém, se o seu olhar já não tem brilhos,
nem pasmo e terror mette...

(Soluçando)

as barbas servirão para espartilhos,
e da cabeça, que espantava sete,
d'esta fronte genial — que pena, ai ricos filhos! —
farei *espermacéte.*

O SALAMALEK [1]

— Monólogo de um diplomata —

I

Falla um *attaché*, de flôr na botoeira, e monóculo assestado.

Eu chamo-me Cortez—e sem bravâta,
o cortesão *dandysmo* é o meu dote!...
— Sou bacharel formado e diplomáta.
— Sou do *salamalek* o sacerdote.

Comecei, conquistando a Formosura,
que é o que ha de mais gracioso sob o Céo!...
Sou Bonaparte, o Cesar da mesura,
Gengis-Khan.— o Alaríco do chapéo.

---

[1] O *Salamalek* é um symbolo d'este seculo, de Pekin, e da Arcada.

Se os féros generaes, heróes de cunho,
passam os reinos e as nações á espada,
eu, mais humano — de chapéo em punho —
conquisto os corações, á *barretada!*

Fui cortez ao nascer.—Na fôfa cama
berrei pouco... Era a nata dos *bébés.*
Attreito ao bello sexo, ao seio da ama
já fazia innocentes tagatés.

A ama éra hespanhola... Róseas côres!
Caramba, que saléro!... Nada baixa.
Eu éra da andaluza os bons amores.
— Comia-me com beijos a *muchácha!*...

Quando as aulas cursei, das creançadas
éra o terror o mestre de latim.
Eu fiz-lhe,— mal entrei,— dez barretadas,
a pé quedo, na porta, logo assim...

— Faz uma serie de barretadas vastas, seguidas e profundas —

Era um velho casmurro, calvo, e rúde! —
D'elle acerquei-me ao pé, dei-lhe os bons dias.
Depois, pedi-lhe novas da saude
da mulher... das irmãs... tios e tias.

Passou a grossa mão pela tez fina
da minha face... e disse de mansinho:
— Sente-se... e ábra a grammatica latina.—
Gósto de si!... Paréce bom mocinho!

Tinha óculos e as barbas todas russas.
De palmatoria em punho, affogueádo,
choviam bolos, soccos, carapuças.
—Em mim nunca!—Era sempre premiado!

Fazia, atraz dos outros, mil caretas.
Dáva sopápo, cachação, e murro.
Mas aquelle em que eu dava as cacholêtas,
punha-lhe o mestre os orelhões de burro!...

Fui p'ra Coimbra,— e fiz a formatura,
de monóculo, luvas, rindo, em *break*.
Fui bacharel formado na mesúra.
—Tomei capello no *salamalek!*

Tangi guitarra, aos lumes das estrellas.
Fiz bachanaes de orgiaca memoria.
Cortejei damas... donas... e donzellas,
com barretadas que inda hão de ir á Historia.

Em vendo uns olhos garços e brilhantes,
rápo do meu chapéo, curvado e attento,
pois que as damas, p'ra mim, sendo galantes,
—chamo-as todas do meu conhecimento!

Sendo tempos de exame, com presteza,
seguia os lentes, com discretos passos...
Fazia-lhes mesuras, á chineza,
—e, á moda turca,—que é cruzando os braços!

—Nunca arredava pé da sua porta.
—Doentes, ia vêl-os logo ao leito.
Tambem, levando eu vida tão torta,
—ganhei todos os prémios no Direito!...

—Deixa cahir o monóculo—

II

Aprendí a Etiqueta toda á risca.
Sei solemnes mesuras a capricho:
— de cócoras, no pó, que é á mourisca,
— ás recúas, qual china de rabicho.

— Chapéo baixo, e ar conspicuo, a um conselheiro.
— D'ar risonho, ao credor que não sorrí.
— Todo curvado, em S, se é banqueiro,
em cuja casa ha *five ó clok tea.*

— C'um dedo só, a um livido pelintra.
— Com dous, a um conhecido: — *Olá! Olá!*
— Vasto abraço ao que tem *chalet* em Cintra,
onde se dança o *cotillon*... e ha chá.

— Imita estas mesuras —

Quando, uma certa vez, fui a um concurso
era membro do jury um petulante
velhóte, mais selvagem do que um urso,
— carvão que nunca se fará brilhante!...

A um concorrente a consul para a Italia,
vi-lhe rolar frio suor afflicto!...
Eu cá, dir-se-hia Cesar, em Pharsália,
Napoleão intrépido no Egypto.

E era uma scena original de estudo
olhar-me a mim, e ao velho, em taes momentos.
— Elle lá a fitar-me, façanhudo.
— Eu de cá... a fazer-lhe cumprimentos.

— Corteja conspicuamente —

Fui approvado. — A besta féra feia
transformei em pudim, em fôfa nata.
Na rua, deu-me o braço, e flauteou: — « Creia
que ha de ser *muito fino* diplomata! »

Em momentos fataes, o Lamartine
diz-se que erguia a loura fronte ao céo.
Roía as unhas o immortal Rossini.
Cesar cantava — eu tiro o meu chapéo.

Cortejo a egreja, mesmo até fechada,
e o meu gordo prior, com um sorriso...
Sempre polido, *dandy*, e á barretada,
— espéro ir da Embaixada ao Paraizo.

Certa vez, n'um noivado da Realeza,
na rua estando os batalhões formados,
eu almejava vêr bem a Princeza...
— mas ha municipaes bem malcreados!

E aquelle, ao pé do qual eu procurava
um cómmodo logar, n'uma ampla praça,
disse-me féro, com facundia brava:
—*Arréde-se!... São ordes!... Ninguem passa!...*

Tive um rasgo de génio!— Aos dignatários,
que levávam *erachats* com pedrarias,
nobres... barões... supinos funccionarios,
desáto a fazer vastas cortezias.

Cortejava de todas as maneiras,
com ar conspicuo, *rapapés* de marca,
embaixador's... princezas estrangeiras...
— sem esquecer, é claro, o Patriarcha!

E elles lá, debruçavam-se, açodados,
das carroagens com brazões d'estallo.
Cortejávam ministros... deputados...
— e até mesmo os correios a cavallo!

Os que em roda de mim se achávam perto,
e até mesmo os que estavam a distancia,
murmurávam, de labio boquiaberto:
— *Que relações!... Que vulto de importancia!*

E o soldado, o Cossáco quarteleiro,
olhando para mim, ciciou baixinho,
com mellico sorriso feiticeiro:
— *Vôcellencia...* aqui tem um logarsinho!

Foi o que eu quiz.— Cheguei-me sem demora,
o Nuncio cortejei do Santo Papa,
e ví bem a Princeza esbelta e loura...
que aqui, força é dizel-o... achei guapa!

III

—Assésta o monóculo—

Mas não é isto só! — O meu chapéo
é escudo, é broquel, pavez, guarida.
Depois de Jehovah no azul do Céo,
juro-o aqui — só a elle devo a vida! —

Amava eu certa dama, como a espiga
loura das messes... de roliças ancas,
e eis que o marido entra, e nos lobríga,
ó Céos, como o direi?... em roupas brancas!

Avança para mim, fúlo, inimigo,
vermelho, irádo, rábido, plethórico,
com um estoque enorme, mais antigo
—que o machado de pedra prehistorico!...

Eu, desarmado, a situação bem vi
não me era nada favoravel, franca,
só, sem punhal, ou a espada do Antony,
chapéo de sol, chave do trinco, ou tranca...

Lobriguei meu chapéo — e tive um chóque!...
Corro a elle, embracei-o como escudo,
e eis que coméça, entre elle e o enorme estóque,
tôrvo duello pavoroso e mudo.

Fincando o pé, os botes aparava,
ràpido e lesto, recuando os passos,
defendendo o nariz da fúria brava,
o ventre, o coração, pernas, e braços...

— Imita um duello, com gestos rápidos —

O Menelão tinha uma pericia rara,
e no chapéo enorme furo fez...
Quando eu o erguí, a defender a cara,
— em vez de ter dous olhos, tinha trez.

— Léva o chapéo á face, qual mascara de esgrima —

Fui sempre recuando até á escada —
da escada para a rua dei um salto,
e achei-me, ás trez e dez da madrugada,
em camisa... ceroulas... chapéo alto.

Fui preso por ultrajes á decencia.
Um policia arrastou-me ao *chelindró*...
Mas fiz mesuras taes, tive eloquencia,
com voz tão flébil como pão de ló...

que mandaram-me em paz.— Um mais vegete,
nariz da côr da chamma de um archote,
deu-me umas calças... outro o seu collete...
e o chefe, aos hombros, pôz-me o seu capóte!

— Deixa pender o monóculo —

IV

Vou concluir,— narrando uma conquista —
a ultima que fiz, que foi de *arromba!*
Era uma rica herdeira, ideal valsista,
cabello em ondas... garço olhar de pomba.

Já estava promettida a um sábio inglez,
que viajava, e que era irmão de um duque,
o qual fallava o árabe, o chinez,
— sanscrito, hebraico, e até o *volapuk.*

Mas envergava um trajo mui mal feito!...
Lembrava o rosto medieval carranca!
— Eu, luvas côr de grão... camelia ao peito,
polainas... fato de flanella branca.

Assentava-se o sabio sempre á margem
da cadeira... entupído... as mãos nas pernas.
Eu,— como *dandy* — em cortezã linguagem,
em que mettia minhas phrases ternas!...

O sabio só fallava de supinos,
e grammaticas turcas e malaias.
Eu citava romances... figurinos...
— o *hig-life*, o *sport*, ditos finos, praias...

Atrapálha-se o sabio, contrafeito,
e o seu *côco* rebóla no tapete.
— Eu, pallido e terno... a mão no peito...
supplíco, á dama, a rosa do corpete.

Em certo baile, entontecida e langue,
embrenhei-me — com ella — no jardim,
puz um joelho em terra, e á lua exangue,
alçando a mão para ella, orei assim:

— Ajoelha-se, e põe o monóculo —

« Amo-te!... És branca qual luar n'um lago!...
Teus cabellos são mil doiradas settas!...
Lança em minha alma a aza do Affago,
que em teu caminho espalharei violetas...

« Não vês tu como o olmeiro abraça a vide? —
Como ella, une-te a mim, Vide dourada!
Senão, antes, meu bem, que eu me suicíde,
— vamos valsar no baile da Embaixada! »

— Levanta-se —

Ella sorriu. — Casei. — Vivemos, rindo.
— Gósto de vêr seus dentes jaspeados!...
Tráto-a porém, com um respeito infindo.
Dou-lhe *Dom e Excellencia*... ante os creados.

Acha-me graça e *chic!* — E como ao fundo
porém de tudo, nunca o Bem se lógra,
facto assombroso e excepcional no mundo!...
— por mim apaixonou-se a minha sógra.

Depois d'isto, na Africa abrazada,
— posso-o jurar, sem erro e vãos discursos! —
se a féra comprehendesse a *barretada*,
domaria eu leões, giboias, ursos.

NOTA FINAL.— Entrei em muitos dramas
loucos, de amor, sem apanhar tabéfes.
Bateram-se — por mim — ao socco, as damas.
Fui sempre amado d'ellas e meus chéfes!...

Sou rico e requestado.— E, com franqueza,
quem recite, em sallões, como eu, não ha,
e offérte á loura... á ethérea baroneza...
com mais mimo, uma chavena de chá!...

Satanaz,— diz-se — na moderna data,
tornou-se Ermita... e tenta assim os bons.
Erro crasso! — Está hoje diplomáta.
E márca muito bem os *cotillons!*...

Vou para as praias! — Mas da illustre salla
fáço um *salamalek* ao bello sexo,
o mais loução... mais *chic*... o grande galla,
que é assim: — em accento circumfléxo.

— Rasgadissimo *salamalek* sensacional.—

O Salvador [1]

—AO DR. JULIO DE MATTOS—

Lá vem o Salvador — diz a dama do paço,
ao espelho penteando o seu cabello de ouro.
Lá vem o Salvador — diz á Forca o baraço.
Lá vem o Salvador — diz na gaiola o louro.

Lá vem o Salvador — diz, com gaudio, o Monarcha
aos pagens, aos barões, aos duques, aos valetes.
Lá vem o Salvador — bradou o Patriarcha...
E sentiu-se peor da sua *diabétes*.

---

[1] Esta satyra é allusiva ao reaccionario Martens Ferrão, quando foi chamado de Roma, n'uma crise politica.

Lá vem o Salvador — piou n'um cemiterio
um tôrvo noitibó á coruja visinha.
Lá vem o Salvador — diz, com ar de mysterio,
com os olhos no céo, suspirando, a Rainha.

Lá vem o Salvador — disseram, assomadas
nos balcões do palacio açafatas gentís.
E cochicham baixinho, ao ouvido, entre risadas:
— Que feio Salvador e que grande nariz! —

No emtanto elle caminha e marcha gravemente,
qual Cakía-Muní, o sábio, no Indostão.
Santa Reliquia traz do pescoço pendente,
que em Roma abençoou o Manitú-Leão.

Foi Leão-Manitú, — um bonzo escaveirado, —
roído de jejuns, e magro até ao osso,
que, ao saír dos lençoes, inda não barbeado,
a Reliquia do Céo lhe deitou ao pescoço.

E disse o Manitú, — com entono profundo —
a Reliquia embrulhando em certo papel pardo:
— « Caminha, filho! Vae!... Escacarás o mundo,
a garra do milhafre e o dente do leopardo! »

E o Propheta partiu, sereno como um justo,
sem saber se o ar queima ou se o bulcão açouta...
Porém, não sei porque... n'este momento augusto,
— lembrou-se de comer figos de capa rota.

Mas resistiu e foi-se. — E, por montes e balsas,
viajou, viajou, para onde tinha d'ir,
sempre a Reliquia ao pé, fosse enfiando as calças,
ou fosse pondo o seu barrete de dormir.

Que Reliquia será, — disse a montanha ao cedro,
que tanto intríga a Europa e causa a Albion espanto?
— Será algum queixal que cahiu a S. Pedro?
— Um bico, uma aza, um pé do Espirito Santo?...

Que Reliquia será, — disse ao pampano a vide —
que beija o Salvador, com tal unção e fé?...
Que Reliquia será? — disse Abdul-Hamid,
cachimbando, ao luar, o doce *narguileh*.

Que Reliquia será? — disse o chin encrusado
em um sophá azul todo de porcelana.
Que será? — diz, na aringa, o negro tatuado,
olhando um chimpanzé comer uma banana.

Que Reliquia será? — disse um sabio Valachio
cravando o sábio olhar sobre o azul infinito.
— Será o osso sacro, ou a trompa d'Eustachio,
o occiput quiçá de Santo Benedicto?

Que será, que será? Por mais que conjecture
nada posso atinar, — D. Victoria diz.
Que será? — diz, franzindo o cenho Salisbury.
Que será? — disse Fife, a coçar o nariz.

Porém, quando bateu o Missionario ao paço,
e a Reliquia amostrou no salão amarello,
suspensa fica a côrte e El-rei um bom pedaço,
vendo saír do embrulho, ó assombro! — um chinello.

Sim, — um grande chinello — um chinello insolente,
que lhe déra Leão, Tocha da Christandade,
para açoutar com sanha e rabiosamente,
com gana, até ao sangue — a *D. Liberdade.*

O Lyrio do Lupanar

—AO DR. BERNARDINO MACHADO—

Que fazes tu, creança, á chuva, n'essa esquina,
tranzida, a olhar além?...
És tão mimosa, loura, anémica, franzina,
toda um melindre, um ai, que se o relento vem...
póde gelar-te, ó flôr, ó setinoso fructo!
Mas tu choras, Lili?... Lili, estás de luto?...
Lili, já não tens mãe?...

Lili d'olhos azues, que é das risadas francas
que se ouviam cantar?
Lili, que é do setim roseo das faces brancas,
teu rir quaes pratos d'ouro, ou tymbales no ar?...
Narra ao meu coração os ais que te consomem.
Mimo d'olhos azues, abala um peito d'homem
vêr taes olhos chorar!

Porém, reparo agora: — uma mulher do enxurro
falla comtigo e ri...
Passou um valdevino, e ouvi bem o susurro
de um beijo enxovalhar-te a jaspea tez, Lili...
Ó melindrosa flôr, orphã d'affectos ternos,
ai de ti, se rolaste ao horror dos sete infernos!
Ai de ti! ai de ti!

Quem foi que te vendeu?... Foi tua mãe, um dia,
cançada de aguardar
teu pae que vinha tarde, ou ebrio d'uma orgia,
sem ter deixado pão... nem lume para o lar?...
Quem foi que te vendeu, meiga pequena doce,
seraphim do bordel... branco alfenim do alcouce...
anjo do lupanar?

Quem foi que te vendeu, gracíl pequena loura,
loura da côr das eiras?...
Quem foi que arremessou tua cantante aurora
ao catre do bordel e ao lodo das regueiras?...
Quem desnastrou, á chuva, o ouro d'essa trança?...
Quem traficou comtigo — alva e gentil creança
de tímidas maneiras?

Quem foi que te vendeu?—Não tua mãe, decerto!—
Acaso existe alguem
que tenha um jaspe assim, um ai, um lyrio aberto,
e o lance para o enxurro, aos pés do deus Vintem?...
Não.— A charra mulher que foi vender-te á praça,
ao cobre do plebeu e ao rir da populaça,
não é, nem será mãe!

Quem te mandou, á chuva, ó tremula innocente,
vender-te a quem passava?...
— Escravatura branca ignobil do Occidente!
mais abjecta que a negra e ainda mais escrava,
para deixar assim laivar estas creanças,
onde tem a Justiça então suas balanças,
e a Lei a sua clava?

O que é que fazes tu, Ordem! — ó dona séria, —
que empurras á prisão
o rugido da fóme, e o uivo da miseria,
que ousam vir á ruella a mendigar o pão...
e deixas traficar, nas ruas, ás esquinas,
as creanças gentis, as jovens messalinas,
que andam de mão em mão?

Rapariguita loura, ó lyrio sem raizes,
tens rôxa e fria a tez!...
Porém que importa agora a Thémis e aos felizes
que o teu corpinho trema ao frio e á timidez?...
Por estes tempos maus de criticas finanças,
Thémis foi chatinar o ouro das balanças,
a Lei dorme talvez!

Eu creio até que a Lei, deusa de antiga raça,
vingadora de heroes,
teve um impeto e quiz vir proteger á praça
os orphãosinhos nús.—Foi-se a vestir... Depois,
sentiu tão rijo o vento a buzinar no tecto,
que de novo metteu o seu nariz correcto
debaixo dos lençoes.

Lili então narrou, com voz sumida... um ai...
travando-me da mão,
que jámais conhecera em toda a vida o pae,
e a triste mãe dormia, ha tempos, n'um caixão.
Foi posta n'um convento a educar d'esmola...
e ahi, n'esse pombal, antro, caverna, escola,
um padre, um padre, então...

Um padre, ó mães, um padre a polluir a infancia!
Um padre a conspurcar,
sem pena e sem rebuço, a angelica ignorancia,
que não sabe o que é céo, mas que o fundiu no olhar...
Um padre,— cauto e doce.— a argamassar o crime
de chafurdar no escuro esta creança... um vime...
no chão do lupanar!

Monstruosa Corrupção hysterica e moderna,
tu que ha tanto caminhas,
de nevrose em nevrose, á podridão eterna,
não te bastavam já as victimas que tinhas...
nem teu abjecto rol do incesto e do adulterio,
faltavam-te ainda mais os gozos de Tiberio:
— os ais das creancinhas! [1]

---

[1] A depravação moderna, esse cancro repugnante e antihumano, exercida sobre creanças *de ambos os sexos*, está provado arithmeticamente que é mais monstruosa que todo o meretricio romano, asiatico ou do Baixo-Imperio.—Veja-se, a pag. 249, a nota sobre o britannico e hybrido chavascal.

Sabaoth,—deus do raio,—ó pezadello e assombro
dos prophetas judeus!
tu que assolaste outr'ora, e que tornaste escombro
o Mar Morto, com fogo e colera dos ceus,
porque, irritado agora, ó Vingador, não lanças
sobre estes gaviões rapáces das creanças
algum raio dos teus!...

Pobre Lili, jámais a esp'rança de um marido
far-te-ha rosar de pejo!...
Jámais tu ouvirás dos filhos o chilrido.
Jámais verás, n'um berço, o sol do teu desejo.
Jámais o embalarás, cantando as velhas rimas...
Nenhum noivo, ai de ti! dar-te-ha, pelas vindimas,
o seu primeiro beijo!

Lili não durou muito.— Exhausta, um dia, á tarde,
morreu n'uma caminha.
Morreu, qual tenue luz que bruxoleia e arde,
como ave que, ao morrer, esconde a cabecinha...
morreu, como uma flôr truncada pelo norte...
E a sua mansa voz, ao approximar-se a morte,
inda era mais mansinha!...

Morreu qual passarinho — herva rasteira e ingloria
n'um carreiro sem luz.
Tinha uma tosse rouca e a lividez marmorea
d'um rostinho, em marfim, d'um éthico Jesus...
Tinha uma tosse rouca, estrangulada, frouxa.
E fazia chorar vêr a magreza rôxa
de seus bracinhos nús!

Morreu qual sopro, um ai, um coração que secca
no escuro, sem ninguem.
Morreu, tendo estreitada ao peito uma boneca,
que fôra,— em seu viver,— primeiro e ultimo bem.
Com ella, eu a enterrei n'um caixãosinho d'ave...
E Lili, morta assim, levava um rir suave
d'uma tristinha mãe!...

Ó creanças gentis, garrúlos passarinhos,
vossa inquieta estroinice,
vossos risos pueris, mais musicaes que os ninhos,
dão mocidade á alma, e a alagam de meiguice!...
Ó palreiros abris, vós sois, louros traquinas,
azas do nosso amor, as rosas das ruinas,
sol da nossa velhice!

Avesitas joviaes, sois a reminiscencia
da nossa infancia em flôr...
Vossos louros anneis frisados da innocencia
são cadeias que mais soldam ainda o amor...
Sois os risos do lar — e em horas de desgraça —
vossos bracinhos são a cruz a que se abraça
a nossa grande dôr!

Dizem que vós fazeis um tal motim que alegra...
mas que é insano e atroz.
Porém, quando morreis, e uma cruzinha negra
vos tapa o caixãosinho, e os paes se sentem sós...
quando estão mudos lar, parques, jardins, terraços,
e o ar nem de vós traz leve rumor de passos...
então, choramos nós!

Assim morreu Lili, — n'esta era ferrea e dura
d'insanias crapulosas.
Ninguem váe visitar essa cruzita obscura.
Ninguem pendura n'ella as plantas graciosas...
O Globo continuou impavido e tranquillo.
A Ordem — séria dona — a fazer bem o chylo.
E o Sol a pintar rosas.

Carta a um Nabábo

—AUTOPSIA DE UM RICÁÇO—

Tua vida é um romance de aventuras,
de subtís, passionaes caricaturas,
que faz desopilar...
Começaste por ser um gandaieiro
noctambulo... vadio... aventureiro,
espécie de bohemio errante ao cheiro
dos réstos de um jantar.

Habitavas, então, uma mansarda,
de côr incerta, mas tirante a parda,
pelas agoas do céo...
E ali, então, as sordidas aranhas
fiávam-te cortinas bem extranhas,
mais finas do que as góthicas bretanhas
do bom rei Meroveo!

Porém sentindo, ás brizas penetrantes,
pelos jejuns, as pernas cambaleantes,
e as faces transparentes...
viram-te as praças, ruas, as esquinas,
florído charlatão de pernas finas,
rasgádo gesto, ás gerações latinas,
arrancar-lhes os dentes!...

Dos caninos, maláres, e os incisivos,
baixaste ao ventre e ao peito... aos orgãos vivos
de todo o corpo inteiro.
Com mixordias, e unguentos, e pomadas
beldroégas e hervagens complicadas,
foste do reino, as villas, as estradas,
o mais vil curandeiro!

Eis que um dia, porém, a Medicina
faz-te prender, e de maráos malsina
unguentos e discursos!...
Perdeste o riso jovial e franco!
E então pintado de vermelho e branco,
baixaste a roto e magro saltimbanco,
e arengávas aos ursos!

Quiz, porém, tua então mofina estrella
que partísses um dia uma costella
no aéreo trampolim...
E eis-te de novo, de nariz ao vento,
mais magro que o cadaver de um jumento,
ceando estrellas... nuvens... ao relento,
pária como Kain!

Diz-se porém que amávas os gatúnos,
com casto amor de irmão — e que entre os túnos
gosávas sympathias.
Tinhas com elles attenções galantes...
Eras o pae e a mãe dos rapinantes...
E por isso baixaste, e outros moinantes,
ao chão das enxovias.

Por haver escaládo um ruim muro,
foste parar ao *Continente Escuro*...
Cousas que a sorte arranja!
Cruzaste a terra adústa das serpentes,
das palmeiras gentís, largas, frondentes,
tão suaves e bellas... nos poentes
em que o céo se alaranja!...

Ali, coitado, desterrado e triste,
que anceios de perús tu não sentiste,
vivendo na *piranga!...*
Mas um dia tiveste uma aurea idéa!
Foste dos cáfres a infernal sereia...
e armaste uma baiúca toda cheia
de *cachaça* e missanga.

Se o pincel de Velasquez eu tivéra,
que traços immortaes aqui não déra,
com sal attico e brilhos!...
Como eu pintára a sórdida bodéga,
e os negros matulões, á cabra céga,
rolando, ébrios, nos toneis da adega,
ornados de vidrilhos!...

Mas em que lingua universal pintára
a picaresca farça alégre e rára?...
No franco, ou o *volapuk?*
Só na lingua commum do globo inteiro,
cantára a orgia, o vil *landum* tasqueiro,
e, de espeto e avental de cosinheiro,
tu, regendo o *batúque!*

Enriquéces depressa, e a Sorte gráta
faz-te esposar uma gentil muláta
com um chorúdo dóte...
— Eis-te depressa e em breve transformado!
Ninguem mais viu, no gesto teu rasgado,
o bohemio, o tasqueiro, o ex-forçado,
e o antigo galeóte!

Anciando inda mais ouro, inda mais prata,
transfórmas-te em negreiro... e eis-te pirata,
que a Cubiça assim quér!...
Pártes n'uma galéra embandeirada,
e em certa costa da Africa ignoráda,
vendes tudo: — o navio, a negralhada,
os filhos, a mulher.

. . . . . .

Hoje és o *Millionario* de mais fama
que o mundo do Ouro e da Finança acclama,
com seus aureos clarins.
Do teu passado nem *nevróse* ou susto!...
Dormes o somno biblial do Justo.
És o Nabábo omnipotente e augusto
em leito de rubins.

Ninguem vê atravez do Millionario
o ex-negreiro, o tábido frascário,
de processos maráos...
Por um pouco te põem n'uma redoma!...
Manda-te o Papa saudações de Roma.
E as claras Dignidades da *alta gomma*
convidam-te aos saráos.

Tens fechada na mão toda a Finança.
Mackay,— o *yankee,*— Rotshild em França
proclamam-te: — o *Eminente.*
E ao passar's, em *landeau*, nas avenidas,
as mundanas do *hig-life* enlanguescidas,
palpitando as pestanas, commovidas,
sorriem, suávemente...

Ceias, ao som de músicas amenas.
Dormes em leito de setineas pennas.
Calcas jasmins, tomilhos...
Emquanto, ao longe, em voz dolente e cáva,
retinem ais de uma *vendida escrava*,
e agúdos rásgam esses céos de lava
os gritos dos teus filhos!...

Post Scriptum

Fugi hontem, á tarde, para a aldeia
longe das almas vis de cal e areia,
que o Egoismo desflóra!
— Fugi ao Vicio, ao Luxo, e ás suas régras.
Colho acácias, jasmins, amóras negras...
E ouço—em vez dos clarins,— as toutinegras,
na aleluia da Aurora.

Lisboa

— A Silva Lisboa —

Decerto capital alguma do Occidente
tem mais affavel sol ou um céo mais clemente,
mais collinas azues, rio de aguas mais mansas,
mais banaes procissões, mais pallidas creanças,
mais egrejas e cáes — e vargens, onde a esteira
seja, em tardes d'estio, a flor da larangeira!...

A Cidade é garrida e esbelta de manhã. —
É mais sonora então, mais limpida, mais sã.
Com certo ar virginal ostenta suas graças...
Ha vida, confusão, murmúrios pelas praças.
— E ás vezes, em roupão, uma violeta bella
vem regar o *craveiro* e assóma na janella.

A Cidade é beata: — e, ás lúcidas estrellas,
o Vicio, á noute, sáe aos becos e ás ruellas,
sorrindo, a perseguir burguezes e estrangeiros...
E, á fôsca e dubia luz dos baços candieiros,
— em bairros immoraes, onde se dão facádas,—
rolla, ás vezes, o vinho e o sangue nas calçadas.

As mulher's são gentis. — Umas frágeis, morenas,
graves, sentimentaes, amigas de novenas,
ébrias de devoções, relêem as suas *Horas*.
— Outras fortes, virís, os olhos côr de amóras,
os labios sensuaes, cabellos bons, compridos,
— ás vezes, por enfado, enganam os maridos!

Os burguezes, alguns são gordos, chãos, contentes,
amantes de Cupido, egoistas e indolentes,
graves nas procissões, nas festas, e nos lutos.
Bastante sensuaes, bastante dissolutos,
mas devótos christãos!... e, em mysticos momentos,
— tendo ainda crueis saudades dos conventos!

Viciosa, ella se apraz n'um somno vegetal,
adversa ao Pensamento e contraria ao Ideal.
Mas, mau grádo assim ser viciosa e egoista, á lua,
como Nero tambem, dá concertos na rua.
E, em noutes de verão, quando o luar consola,
— põe ao peito a guitarra e a lyrica viola.

No emtanto, a sua Vida é quasi intermitente.
Chafurda na inacção, feliz, gorda, contente.
E, eclipsando as acções dos seus navegadores,
abrilhanta a *batota* e as *casas de penhores*.
Faz guerra á Arte, á Acção, ao Ideal... e, ao cabo,
— é talvez a melhor amiga do Diabo!

Carta a um Lyrico Pandilha [1]

— AUTOPSIA DE UM MAQUERAU —

Meu lyrico patife:
acabam as gazetas
de a noticia me dar, por suas mil trombetas,
que déste um bom jantar.
Foi um festim do *tom*, segundo aqui se espalha!
— Saúde pois a ti, ó lyrico canalha!
ó rei de Lupanar!

---

[1] Falleceu ultimamente em Paris, feito *maquerau*.—Veja-se, no *Mephistopheles no Cemiterio,* o epitaphio d'este degenerado.

Uma gracíl cantora, a joia dos contraltos,
tem-te agora por conta — *Os macadams* e asphaltos
invéjam teus cocheiros.
Tens gravatas, *landeaus*, e *jockeys* mui casquilhos.
— Saude pois a ti, ó rei dos peralvilhos!
ó rei dos batoteiros!

De monóc'lo no olho, em S. Carlos, austero,
pousávas de censor mais feroz do que Nero
ás *divas* italianas...
Hoje tens, aos roldões, beijos, libras e notas.
— Saude pois a ti, ó chefe dos janotas!
ó rei dos safardanas!

Não tinhas que jantar, mas tinhas sempre luvas,
casacas a primor que davam-te as viuvas,
e as combustiveis Lolas.
Agora ceias bem, trincas affaveis bifes.
— Saude pois a ti, ó lyrio dos patifes!
ó rei dos mariollas!

Viste Veneza á lua, e as deliciosas planuras
de Milão, *Monte Carlo*, o jardim de aventuras,
e dos aureos *casinos*.
Reinas no lupanar e nos sallões dourados.
— Saude pois a ti, ó flôr dos deboxados!
ó rei dos malandrinos!

Vibras o *dó* do peito, em concertos patricios,
concertos da *alta gomma*, e sempre em beneficios
das rôtas multidões.
Reunes assim Christo ás tuas dissonancias.
— Saude pois a ti, ó flor das elegancias!
ó rei dos intrujões!

Marcas, como ninguem, o *cotillon* nas sallas.
Mercadejas com tudo, honras, venéras, gallas,
duquezas e *cocottes*.
Entras, como um sultão, nas alcovas galantes.
— Saude pois a ti, chefe dos nigromantes!
ó rei dos alcaiótes!

Nos concertos *choisis* das duquezas mais finas
cantas, olhando os céos, plangentes cavatinas,
velhos solláos guerreiros.
Trafícas com o Amor e rís das paixões santas.
— Saude pois a ti, chefe dos sacripantas!
rei dos alcoviteiros!

Post Scriptum

Nauseia o Ouro ovante, a ignóbil tavolagem,
e o Luxo de hombros nús.
Emigremos d'aqui! Vamos para o selvagem!...
— Ali, onde a hostia Sol váe n'um pallio de luz,
talvez que se ouça Deus na religiosa aragem,
que balouça os bambús!...

O Bicho da Seda e o Verme

Couraçada de seda, esplendida, gloriosa,
passaste, com desdem, por mim, flôr de Judá.
E eu disse, a suspirar, baixinho: Alma orgulhosa,
— um verme te vestiu e outro te despirá!

Jornalistas e Litteratos

— A Domingos Guimarães —

N'este atroz fim de sec'lo a Arte metallisou-se.
O Pensamento abriu loja de cambios.— Fria
correcção commercial. Ao domingo enluvou-se.
Tornou marçanos maus litt'ratos de agua dôce.
Administrou jornaes como uma mercearia.

Muita *pose* e pomada.— Escutam-se os tamancos,
comtudo, batucar no seu ar *directorio*.
Bico Auer no jornal. Peitilhos muito brancos,
Reporters com missão de limpar mesas, bancos,
— fazer locaes de estrondo e varrer o escriptorio.

O Ideal fez-se cifrão.— O sonho favorito
estampar no jornal quarenta mil retratos...
descrever, com paixão, adulterios bonitos,
em que hajam gritos, ais, tiros, e faniquitos.
—*Seis incestos por dia!... Oitenta assassinatos!...*

Telégrapho e vapor!... Que esplendidos inventos
se se trata de bem narrar um homicidio!...
O Suicidio já teve os seus aureos momentos.
Perdeu hoje o valor. Mas, com ternos lamentos,
—nada faz render bem como um bom parricidio!...

Eis que atravessa o asphalto o *Reporter* fumista.
— Frack negro e *plastron*. Luvas da côr de palha. —
Photográpha, desenha, escreve, é romancista.
Critíca, é traductor, *sportman*, cyclista.
Varre o jornal tambem.— É o que mais trabalha.

Lá vem o bacharel que recíta ao piano.
— Monóculo e *bom tom*. Polainas e charadas.—
Mais atraz o amador que canta de soprano.
E logo o *massador*, que, com voz de tyranno,
nos declama, a berrar, *endeichas* nas escadas.

Faz surgir em tropel todos os locatarios.
— Burguezes semi-nús. Beldades em roupões.—
Alguns véla na mão. Todos com trajos varios.
Receiam que haja fogo, ou que sejam sicarios
com ferragens fataes... barbaças de ladrões!...

E o infeliz que aturou a lyrica estulticia,
que as *trovas* escutou, vae, entre dous malsins,
sem poder escrever a madama Felicia,
entre ais de mulherío, empurrões da policia,
— Apollo amaldiçoar, no pó dos estarins!

Eis que outro typo surge. É o *poeta-coveiro*.
— Olheiras e caixões. Epitaphios e esquifes.—
Traja sempre de negro e tem ar de salgueiro.
Mas depois de enterrar, em verso, um bairro inteiro,
— nos cafés, dos jornaes aos *reporters*, dá bifes!

Sua Excellencia assoma: — É o *litt'rato curioso*.
— Trovões de Victor Hugo em saráos familiares.—
Um grande ar theatral. *Pose* de desdenhoso.
Agita pés e mãos, e declama, rabioso,
em noutes de *soirée*,— cousas patibulares.

Passa o Hugo da Baixa, o vate de *almanachs.*
— Faz nos albuns *croquis,* bucólicas, paisagens.—
Ama o estrondo, o *plaquet,* os banaes *bric-à-bracs,*
e declama Ruy Blas aos amigos basbaques,
— involto n'uma azul coberta de ramagens.

Passa o verboso Ordaz, que berra em toda a parte,
que *rácha o ministerio,* e sóva a patria minha,
que, segundo Camões, *é de Venus e Marte,*
patria que, quanto a mim, no que respeita a Arte,
da que entende melhor — é a *Arte de Cosinha.*

Lá vae o historiador d'esta nação do Gama,
que foi tão longe,—á India, á Persia, á Arabia,—um dia
civilisar o preto, o cafre, o Gungunhama,
e deixa tripudiar o *fadista* de *Alfama,*
— florir os cannibaes do sertão *Mouraria!*

Logar ao minucioso e ao Reporter perfeito :
— Diz que elle é sacerdote e a Imprensa é um facho. —
Sonda e rebusca tudo. Olfato fino e geito.
Descréve a alcova, o pote, o pucaro, o leito,
— palpa, cheira os lençoes, e examina-o por baixo.

Eis o *Entrevistador* dos grandes dignatarios:
— Sobrecasaca preta, enorme, até aos pés.—
Occulta-se em bahús, gavetões, ou armarios.
Sonda segredos mil. Enverga trajos vários.
— Faz de bispo, doutor, ou limpa-chaminés.

Um d'estes quiz sondar mysterios importantes,
e occultou-se,— subtil,— no cano de um fogão.
Na salla entra o Ministro e mais dous visitantes.
Manda lume accender. Escutam-se ais cortantes.
Fica um torresmo o heroe,— martyr da *informação!*

Passa o aspirante a auctor. Espessa ganforina.
— Faz noticias theatraes. Manta de grandes riscas.—
Valiosas relações na sociedade fina.
Celébra annos do *hig-life* e ama uma bailarina,
a que,— em vez de *foie gras*,— offerta ceia de iscas.

Não perde uma *première*, um circo, uma corrida.
— Jámais de um Redactor viu a côr ao dinheiro.—
Sempre escreveu de graça, á pressa, de corrida.
Quando expira afinal,— ganhou, em toda a vida
menos que o engraxador e que o seu aguadeiro!

Eis o Crítico em vóga em *restaurants* baratos:
— Autopsia do Ideal. Lentes de grandes fócos.—
Já chamou asno ao Dante e a outros pífios litt'ratos.
E, com gestos fataes, — no *José dos Pacátos,*—
ameáça escachar o sultão de Marrócos.

Este é o eterno *Esp'rançoso.*—Apparencia prophética.
— Peitilhos côr de sol. *Plastrons* de phantasia.—
Declama nos cafés sobre a Ethica, a Esthética,
a Physica, a Prosodia, a Glotica, a Phonetica.
— Perde a reputação se escrever qualquer dia.

Carta a um Naturalista

Tu, que encerrado ahi, em meio das paisagens,
vês florir os trigaes, os vergeis, as almargens,
como um bom hollandez as suas pradarias...
Tu, sabio e sonhador, que amas as cotovias,
e sorrís aos pardaes, á pomba, ao melro, ao gaio,
e outros passaros mais que alegra o sol de Maio,
como sorria, outr'ora, atravessando as vinhas,
S. Francisco de Assis, ás suas andorinhas...
Tu, que por ellas tens o paternal cuidado
do extranho original commendador Machado, [1]

---

[1] Veja-se a noticia de Champfleury, nos *Excentricos*, sobre o commendador portuguez Gama Machado, o *doutor das aves*. Tornára-se tão benemerito á população aláda, pelos serviços prestados, que muitas vezes, atravessando Paris, os transeuntes pasmados assistiam ao espectaculo curioso de verem bandadas de andorinhas, e outras aves, seguirem-o, volteando em roda das abas do seu colossal chapeu.

esse poeta sabio, e esse sabio poeta,
que vivia em Paris, como outr'ora um Asceta,
n'uma trapeira azul, radiosa agua-furtada,
que era asylo e hospital de toda a passarada...
Tu, simples, sóbrio, bom, sonhador da Sciencia,
escuta o meu sentir sobre a actual decadencia:

A profunda anarchia em que se encontra o mundo,
d'este sec'lo no fim, vem do erro crasso e fundo
do homem contrariar a santa Natureza.
Sonda-me bem Paris. O que vês? — A torpeza
das vís questões Dreyfus e o Panamá nojentas,
todas essas chinfrins suppurações sarnentas,
procedem de um mal só: — o Ouro de bom tóque,
deus de ventre amarello, o insaciavel *Moloch*.

Gozar, eis o ideal. — Gozar, eis a suina
febre que enlaiva tudo.— Eis a fome canina!
Mas não gozar o *bem*, não os gosos singellos
da lavoura, do lar, dos trigaes, dos bacellos,
da póda, ou da debulha, a esfolhada, a enxertía...
Tudo isso cheira a sol.—Viva o Champagne e a Orgia!

O proprio homem do campo, o rude vinhateiro
deixou-se hypnotisar por esse deus arteiro,
e já transforma o filho, o serrano crestado,
que podia talvez na leira ou no vallado
ser um bom lavrador asisado e discreto,
n'um ministro imbecil e um bacharel inepto.

A cidade, meu caro, arruina hoje a aldeia.
Vem d'ahi todo o mal. — Á lavoura escasseia,
necessario é convir, a vocação e o braço.
D'ahi todo o mau estar e o perpetuo embaraço
que cresce sempre mais, co'a Fome e os seus horrores,
— *de haver mil bachareis por uns dez lavradores.*

Feliz do semeador... clamou o bom Virgilio,
se conhecesse os bens do seu campestre idyllio,
soubesse o bem estar da pastoril aldeia!...
Sim feliz, digo eu, esta alma de sol cheia,
que vive a labutar, entre os bois pachorrentos,
á calma, á chuva, aos soes, aos granizos, aos ventos,
sem ter cuidados mais que o chão da sua leira,
— o seu gallo, os seus bois, sua vacca leiteira!...

Feliz se elle cuidar apenas no plantío,
ou na monda, ou na sácha, o capim do pastío,
no cortelho, o olival, nas suas arribanas...
feliz se curar sempre, em todas as semanas,
desde a treva ao sol nado, ou da aurora ás trindades,
— no seu agro, o seu horto, e as suas novidades!...

Feliz se viver sempre entre as suas balseiras,
sem ter mais outro afan, mais nenhumas canceiras
do que a prole crear, bem como a ave os filhos;
sem cubiçar ao mundo os viciosos brilhos,
seus metaes e *plaquets*, as suas maraválhas,
o apparato, o renome, os laureis das batalhas,
a orgia e seus *cancans*, o *asphalto*, o *régabófe*,
—tudo que encurva a espinha ou que arruina o bofe—
e que entregar depois, n'uma tarde de outomno,
casta, mansa, lirial... no derradeiro somno...
sua alma a Deus mais chã, mais branca, verdadeira,
que a alma de um trapista e a alma de uma freira,
a essencia do tomilho e as carnes das creanças,
— ou o leite claro e bom das suas cabras mansas!...

Uma tola instrucção, uma falsa sciencia,
precipíta n'um vácuo a inepta decadencia,
que sacrifica sempre o que é bom ao que é bello,
—uma vinha a um *chalet*, e uma granja a um castello.
Ha n'esta era infernal, *em que o Luxo allucina*,
mais velludos, *chifons*, crystaes, lácas da China,
vieux sèvres, setins, rendas, xarões, vidrilhos...
— do que trigos na arca e na atafona milhos.

Para cúmulo, emfim, o Capital egoista,
como o asno de Buridan, asno de curta vista,
açambarca o metal, desequilíbra tudo.
—Fabrique-se o *moiré*, fabrique-se o velludo,
rendas da côr de espuma, aéreas *musselinas*,
talhas originaes, bizarras, bysantinas,
moveis finos de Boule, os *tafetás* mais raros,
amaveis *bibelots*, *landeaus* fôfos e caros,
e quando, um dia emfim depois de tantos faustos,
a Ruina apontar os celleiros exhaustos,
seccos os milharaes, estéreis os vallados,
os *dandys* e *mignons* comerão seus brocados,
e as damas do *bom tom*, louras, gentis, *coquettes*,
— em vez do seu *foie gras* — roerão as *toilettes*.

Continúa tu, pois, na Thebaida singella
da tua aldeia azul! — Chega á tua janella,
a vêr, pela orvalhada, as frescas camponezas,
cheirando a trevo e a sol, a feno, a framboezas,
cantando, de manhã, junto aos beiraes das fontes!...
Alarga o teu olhar pelas fragas e os montes,
que parecem no Azul bibliaes prégadores,
abençoando a luz e as conceições das flores,
e os riachos, ao sol, patriarchaes, felizes,
palrando á pomba, aos cães, ás hervas, ás raizes...

Cáva, sácha, medita: — e, sem recear a insomnia,
deixa a onda da lama atascar Babylonia.
Estuda o insecto, a flor, os passaros, as plantas,
com esse sabio amor das simples almas santas...
e, erguendo os teus leaes grandes olhos suaves,
sorrí aos rouxinoes, ás calhandras, e ás aves,
como sorria, outr'ora, atravessando as vinhas...
— S. Francisco de Assis ás suas andorinhas.

A Emilio Zola

Bazaine causou-me asco.— Estherazy nauseia.—
N'este final de drama extranho e suggestivo,
paréce-me escutar uma odiosa alcatea
de lobos, esfolando um corpo quente e vivo.

Paris,— essa fornalha onde se cose a Idéa,—
dá-me ás vezes o ar de um povo primitivo:
outras, como o ondular de um corpo de sereia:
— Theodóra, a Imperatriz, de olho verde e lascivo.

Apoz as legiões triumphantes de Constancio,
vem-me á idea o deboxe e as ceias de Byzancio,
com canções de Catullo, ao fundo o céo em braza...

Mas, n'esta lama vil em que e Impudor se arvóra,
tua voz rasga e alégra o Azul, como, na aurora,
buzínas matinaes.— Passa da Alma a aza.

O Sonho da Consciencia

—A Teixeira Bastos—

O sonho da Consciencia é uma edade séria,
em que ninguem mais roube a outrem seus terrenos,
Pró Civilisação — que é nos reis uma léria!

O sonho da Consciencia é que, por pejo, ao menos,
os imperiaes ladrões não fallem em Justiça,
— ao mandar enforcar os ladrões mais pequenos!

O sonho da Consciencia é que o Luxo e a Cubiça
não fáçam desprezar sáchas pódas, videiras,
— o sulco da charrúa, ou do arado a rabiça!

O sonho da Consciencia é que as nações guerreiras
roubando, encontrem quem castigue a biltraría,
como acham os ladrões, moinantes, ribaldeiras.

O sonho da Consciencia é que se arme um dia
um recto Tribunal, presidido por sabios,
que julguem as nações com sapiencia e energia.

O sonho da Consciencia é que dos reis os labios
não fallem em *Progresso*, a mascarar matança.
— Fallem com a Rasão, como em tempo dos Fabios!

O sonho da Consciencia é realisar a esp'rança
do mundo transformar n'uma campestre aldeia,
— sabia como Platão, simples como a creança.

O sonho da Consciencia é matar a sereia
que se chama a Riqueza—e do Luxo o grande ovo—
d'onde sáe todo o mal que na terra enxameia!

O sonho d'ella—emfim—é que os *tristes do povo*
formem, com os cavões, sabios, justos, poetas,
— um mundo de inteireza, espiritual, e novo.

SEGUNDA PARTE

MEPHISTOPHELES NO CEMITERIO

A Visão do Cemiterio

I

Estendeu-se — ante mim — um vasto cemiterio.
Cemiterio gigante.
— Era o luar da côr de um marfim velho e sério
d'um Christo agonisante.

II

Um silencio glacial, mystico, anceádo, intenso,
pesáva, cavo e fundo,
na cinerea extensão do cemiterio immenso,
tão vasto como o Mundo.

III

As gotas do luar escorriam leitentas...
contas de um collar frias!...
nas cruzes sepulchraes e as campas macilentas
das tumbas alvadias.

IV

Pairáva nos covaes, e em toda a circumf'rencia
da dormente região,
a phosphorica luz, verde phosphorescencia,
que sáe da podridão.

V

A esses glaucos clarões, dançando, n'um embate
funereo, aládo, e bello,
os cravos tinham sangue—e o lyrio o branco mate—
da folha de um cutello.

VI

Abriram-se, de chofre, aos clarões do luar,
as alvacentas lousas.
E eu vi, — cheio de horror, — a ignóta e singular
germinação das Cousas.

VII

Vi as rosas gentis sugarem luxuriantes,
as chagas e as feridas.
Belladonas fataes as entranhas hiantes,
e o sangue dos suicídas.

VIII

Vi o lyrio sugar as carnes côr de cêra
que ceifára a chloróse.
Vi florir o jasmin nos pulmões que roêra
a hostil tuberculose.

IX

Dos castos corações vi nascer as acácias.
Dos tristes o cypreste.
E as hortenses azues das entranhas violaceas
que apodrecêra a peste.

X

Vi medrar o lilaz nos labios das creanças,
e nas tenras mucosas.
—Abriam, triumphaes, no sangue das matanças,
as dahlias gloriosas.

XI

Fabricava a camelia o setim sem defeito
n'aquelle esgoto mudo.
—Á gangrena tirava o esbelto amor-perfeito
o seu melhor velludo.

XII

Casavam-se os leaes perfumes innocentes
dos resedás amenos,
ás flôres tropicaes das regiões mordentes,
que destillam venenos.

XIII

Moscas verdes, azues... insectos faiscantes
voejavam nas flôres,
sugando á corrupção aromas estonteantes,
e o mel aos seus horrores.

XIV

Invadiu-me um torpôr subtil e absorvente,
languido e extranho, ao cabo...
Eis que ao longe enxerguei—n'um clarão d'ouro—em frente,
rindo, o *senhor Diabo.*

XV

— Mephistoph'les, era elle! — Escutei-lhe a ferina,
a sagaz gargalhada.
— Era elle, o senhor da barba hostil, caprina,
mais da pluma encarnada!...

XVI

Chamou pelo meu nome o Critico cortante,
das lendas côr do lume.
E assim me interpellou, com seu rir semelhante
a um vidro, a um aço, e a um gume:

XVII

— « Visto que já fizeste autopsias e sondagens
na *Carcassa moderna*,
toma um carvão e traça epitaphios nas lagens.
— Faze a autopsia eterna!...

XVIII

« Faz realistas paineis.—Por baixo d'estas cruzes,
que sobrepújam vicios,
disséca os senhor's Reis, das orgias ás luzes,
dando festins patricios.

XIX

« Escalpella tambem os senhor's Bispos nédios,
com douradas estolas,
em santas bachanaes, para matar seus tedios,
melodiando violas!...

XX

« Escalpella as paixões das damas com polvilhos,
mais as da aurea *Regencia*,
dando beijos *mignons*, nas ruas de junquilhos...
fazendo a reverencia.

XXI

« Disséca a Pompadour,— a empoada sereia —
rufiões e Rainhas.
—Levanta um templo, um drama, um palacio, uma ceia,
em quatro ou cinco linhas! —»

XXII

Dizendo isto,— a rir,— mil nomes designava.
E, com a adunca mão,
Mephistoph'les tambem epitaphios riscava,
nas campas, a carvão.

XXIII

Assim fiz.— O escalpello enterrei sem abalo,
por velha noute fóra,
té que a alva raiou.—Ao longe, um *negro gallo*
annunciou a Aurora.

EPITAPHIO DE MORNY

Repousa ahi d'este perpétuo entrudo
luzente saltimbanco!
Nos paços, nos sallões, luxuoso e mudo,
tu foste um rico album de velludo,
— *com as folhas em branco.*

EPITAPHIO DE UM MAQUERAU

Aqui jaz um taful bandálho aristocráta
que deu em *maquerau.*
Traficou com o Amor como um turco pirata.
Foi rei do *macadam*, furtou colher's de prata.
— Mas comtudo ninguem atou uma gravata,
como este púlha atou!

EPITAPHIO DE UMA COCOTTE

Como era bom pompear,— em carros á Daumont,—
sensacionaes chapéos!
Mas lá no céo christão que falta de *bom tom!*
— Não se usa lá carmin, pó de arroz, nem *lorgnon,*
nem se bébe Bordéos!...

EPITAPHIO DE BISMARK

Ensanguentaste a Europa—e a Allemanha de guarda
pozéste a este quartel.
Com sangue das nações ajuntáste ouro em barda.
— Agora, espectro nú, ao vêr-te sem a farda
que dirá S. Miguel?...

EPITAPHIO DE OFFEMBACH

Como ninguem tiveste esse dourado nimbo
da gloria popular.
Riste como ninguem. — E, ou nos céos ou no limbo,
de vez em quando vem, fumando teu cachimbo,
ser rei do *boulevard!*...

EPITAPHIO DE UMA CANCANISTA

Deosa do pé subtil, com revoltas piruetas,
ganhaste a gloria vã.
E agora, lá nos céos, ao som das cançonetas,
— és capaz de tentar os barbádos Prophetas,
com saltos do *can-can!*

EPITAPHIO DA MONTESPAN [1]

Quando tocar nos céos a Cólera Divina,
a biblial trombeta,
e Deus te accúse e chame *infame Messalina!*
tu, alçando a gentil figura de vinheta...
increparás a Deus com voz firme e argentina
— *de faltar á etiqueta!*

EPITAPHIO DE GRAMMONT

Repousa aqui Grammont, das damas paladino,
rival de Satanaz.
— Patusco, jogador, borrachão, libertino,
— roubaria a mulher do proprio rei Pepino,
— ou furtaria ao jogo os dobrões de Mandrino,
com ar de bom rapaz!...

---

[1] Michelet chama á Montespan, *tonnante et triomphante.*

EPITAPHIO DE UM GOVERNADOR [1]

Sob esta campa marmórea,
eil-o o feroz, *ferocissimo*.
Não dorme, não... Foi á Gloria
— catrafilar o Altissimo.

EPITAPHIO DE UM REAL PATIFE

Meu frascário taful, de rubros labios grossos,
e luvas amarellas!
das honras virginaes fizéste mil destróços,
tua alma fez lembrar o bordel de Olivellas.
—Fenda-te um raio a campa—e em teus dispersos ossos
ourinem as cadellas.

---

[1] O conselheiro Arrobas, que foi célebre pelo seu auctoritarismo.

EPITAPHIO DA RIGOLBOCHE

Deosa da bachanal, foste a amavel Naná,
ruidosa do *bom tom!*...
— E, se acaso, nos céos, se baila como cá,
decerto já piscaste um olho a Jehovah,
dançando o *cotillon.*

EPITAPHIO DE UM IDEALISTA

Tu que — na azul trapeira — a sonhar velhos mythos,
e o *Nirvana* ideal...
ergueste o olhar ao céo, como os heroes sanscritos,
— vês acaso florir nos lágos infinitos
o *lóto* espiritual?...

EPITAPHIO DE UM GATUNO

Aqui jaz um bom gatuno,
que das pêgas era alumno,
e a que o mundo votou asco...
Era estrangeiro, era básco!

E quando foi a enforcar,
vendo a triste irmã chorar,
ou por costume, ou por chasco...
— furtou o lenço ao carrasco.
Aqui jaz um bom gatuno,
que das pêgas era alumno,
e a que o mundo votou asco!...

EPITAPHIO DE UMA MUNDANA

Rainha dos sallões, mais formosa que as lendas
feéricas do Erin!
o que te ha de affigir n'estas horas tremendas
é apparecer a Deus, sem *peignoir* de rendas,
— e sem pôr teu carmin.

EPITAPHIO DE HERCULANO

— Grande homem — sem orgulho ou vão enfeite,
que depois de escrever, fizeste azeite!...
apesar de te haverem sepultado
entre reis e rainhas d'alto estado,
n'um túmulo tão góthico e tão rico,
— *ahi jazes, triste e só*... como o Eurico!

EPITAPHIO DE NAPOLEÃO

Revolto é teu velar n'essa crypta funérea,
té raiar a manhã!...
Quem te perturba assim?—As derrotas da Iberia,
as chammas do Krenlin, as neves da Siberia,
—ou a tragica sombra ensanguentada e seria
do duque de Enghien?...

EPITAPHIO DE UMA INFANTA

Jaz aqui uma linda aristocráta,
de linhagem real, que, sem bravváta,
descendeu de D. Sancho, o *Povoador*...
Foi no amor assazmente democráta.
—Tanto amava um barbeiro e um diplomáta,
um rei como um tambôr.

EPITAPHIO DE NAPOLEÃO III

Jaz aqui o histrião que enxovalhou a França,
alma de lodo e barro!
—Que dirá elle a Deus, ante a horrivel balança?...
Talvez, como em Sédan, nos campos de matança,
accenda o seu cigarro.

EPITAPHIO DE BRUMMEL

Aqui jaz o gentil Brummel *enfastiado*,
que ás *ladies* deu vertigens...
Morreu este taful canalha idolatrádo!—
— S. Pedro, guarda o Céo, ferrolha a cadeado
bem as *Onze mil Virgens*.

EPITAPHIO DE LADY HAMILTON [1]

Dorme, ó Camelia de ideaes cabellos,
Setim de olhos dormentes!...
Que fria neve e malcreados gellos!
Tu que davas ao corpo mil disvellos,
mostras agora os dentes amarellos...
— *e não tens pós de dentes!*

---

[1] Lindo e perigoso corpo conhecido pelo nome de Emma Lionna.

EPITAPHIO DE THIERS

Tu que venceste os magros rebellados,
tu que honrou a Fortuna,
que escutas tu, de olhos apavorádos?...
« *Nas velhas torres, sem que o vento zuna,*
« *chorarem tôrvos sinos desolados*
« *os mortos da Communa!...* »

EPITAPHIO DE UM CLOWN

Ria,— em deslocações, entre punhaes,— no almejo
de um ouropel devasso.
Saltava, a gargalhar, com burlesco despejo.
Mas amou uma vez — e eis matou-se de pejo
o lyrico palhaço!

EPITAPHIO DE WAGNER

Com teu canto immortal aplacaste os destinos,
os Germanos e os Francos.
Fizeste enternecer inimigos ferinos!
— Cantôr do *Lohengrin,* compões agora hymnos,
n'um lago de luar,— onde ao som de violinos,
passeiam cysnes brancos!

EPITAPHIO DE RICHELIEU

Eis o rei da Elegancia e das noutes viciosas,
o grande feiticeiro!
Ao mesmo tempo foi, com fallas preciosas,
das amantes reaes empoádas e airosas,
— garrído embaixador, todo cheirando a rosas,
o mestre e o alcoviteiro.

EPITAPHIO DE D. FRANCISCA DE SABOYA [1]

Dórme Cambórça, ahi, — n'essas geladas
táboas do teu caixão! —
E ahi, n'essas góthicas arcadas,
escuta sempre as lúgubres passadas
do *triste prisioneiro*... inconsoladas,
nas lagens da prisão!

---

[1] Esposa de D. Affonso VI.

EPITAPHIO DE CAMBRONNE

Ligaste o nome heroico a um palavrão eterno,
da tua vida ao cábo.
Mas, se acaso Satan te empurrou ao Inferno,
— que vocábulo então realista e moderno
não ouviu o Diabo!...

EPITAPHIO DE UM COMMENDADOR

Morreu Commendador da Austria e mais da Hungria,
e reinos estrangeiros.
Mas nunca commandou esquadra ou companhia.
— Commandou, com valor — uma tabacaria
na rua dos Fanqueiros.

EPITAPHIO DE OUTRO

Um tendeiro aqui jaz Commendador
de várias ordens mil e de arreganho...
Houve uma só a que não deu valor:
— *Foi á ordem do Banho.*

EPITAPHIO DE PAGANINI

Que é feito, ó mestre ideal, do rei dos instrumentos
que fazia chorar?...
Que é feito do violino onde anceávam lamentos,
ladainhas, paixões, rezas, enterramentos,
— e espectros, com punhaes nos corações sangrentos,
que erravam pelo ar?...

EPITAPHIO DE NINON DE LENCLOS

Com sedas orientaes, sobre chão de mosaicos,
pompeaste ouro e sardónias.
Riste de padres, reis, arcebispos, e laicos.
Tivéste azues pavões, talhas raras, begónias.
— Agora temes Christo e os seus santos hebraicos,
e Satan dá-te insomnias.

EPITAPHIO DA MAINTENON

Catholica pagã, preciosa beata
da Biblia do Diabo!
tu foste uma amazona e uma habil acrobáta,
que montaste o Rei Sol — silvando uma chibata,
que tinha a Cruz no cabo.

EPITAPHIO DE LADY MACBETH

Ó tragica Macbeth agitada e sombria,
tôrva rainha vã!
não tem todo o Oceano agoa que láve um dia
o sangue d'essa mão pequenina e macia...
— o sangue de Duncan!

EPITAPHIO DE LUIZ XIV

Aqui jaz o *Rei Sol*, que como um sêco tojo,
espedaçou os fracos.
— Caçou almas christãs como lobos n'um fojo.
— Abateu femeas, reis, philosophos, e Grachos.
— Mas hoje escorre pús, e os seus olhos, que nojo,
são dous grandes buracos!

EPITAPHIO DE VEUILLOT

Defendeste Jesus com um rancor de mouro,
ó rei das regateiras!
Dorme ahi, ó cisterna aonde o sol pôz ouro.
— Repousa ahi, emfim, velho tambor sonoro
de um palhaço de feiras!

EPITAPHIO DO REI DO PETRÓLEO [1]

Aquelle que ganhou mais ouro do que Apelles,
que Phidias e Platão,
o que o Mundo aquentou, sem fogão e sem pelles,
— agora não possúe nem um *phosphoro réles*,
que risque a escuridão!

EPITAPHIO DA RAINHA DOS DIAMANTES [2]

Roubaste a amantes mil,—melodiosa e com geito—
diamantes e rubís.
Foi de nacar e ouro e esmeraldas teu leito.
— Mas os que fitam hoje esse corpo perfeito,
tápam logo o nariz!

---

[1] Célebre millionario americano.

[2] Célebre *cocotte* tambem *yankee*.

EPITAPHIO DE UMA ACROBÁTA

Saltando em teu corcel, nas almas dos galantes,
causaste mil abálos.
Mas hoje, a rir—caveira—aos cyprestes ondeantes,
tu confessas, sem dó, que achaste os teus amantes
mais vis que os teus cavallos!

EPITAPHIO DE UM POETA POBRE

Aqui, n'esta campa rasa,
jaz um meigo sonhador,
que viveu sempre sem casa!
Fitando as nuvens e a lua,
sonhava em myrthaes em flor,
nas duras pedras da rua!...
Morreu de penas de amor,
em manhã de névoas frias,
por joven de tranças pretas,
que vendia violetas,
e era irmã das cotovias...
Morreu de penas de amor,
em manhã de névoas frias!...

EPITAPHIO DE UM ALCAIOTE

Jazes ahi — marão — mais vil que o pó e a traça,
do que o lameiro e os lixos.
Trez filhas tu vendeste ao rei quasi de graça.
— Só te faltou vender essa pôdre carcassa
que faz nauseas aos bichos!...

EPITAPHIO DE CHATEAUBRIAND

Repousa, na Bretanha,—ahi, na rocha algente,
onde rouqueja o mar.
Mas, ás horas leaes e tardas do poente,
não sonhes, Chateaubriand, nas ruinas do Oriente.
— Sonha no mar, no céo, no Ideal transcendente,
e em azas a voar!...

EPITAPHIO DE UM «ESCROC»

ui jaz um marquez, com avós nas cruzadas,
que em sallões foi piráta.
Guardáe vossos anneis, ó Santas maceradas!
— Cuidado, ó Mãe das Dôr's, nas tuas sete Espadas,
se acaso são de prata!

EPITAPHIO DE LAUZUN

Repousa aqui Lauzun de famosa lembrança,
e árbitro dos janótas.
— Folião, *petit crevé*, muito gentil na dança,
correu pelos sallões que as princezas de França
descalçavam-lhe as botas.

EPITAPHIO DE OSSIAN

Tu tens a tua campa em meio de nevoeiros,
bardo heroico e leal! —
Pois bem. Sonha ao luar nos espectros guerreiros
da raça de Morven!... leaes e verdadeiros...
nos filhos de Fingal!

EPITAPHIO DE LUIZ XV

A lenda diz que tu, as pernas cambaleantes,
em devassos jardins...
tomavas banhos mil de sangue de creanças.
— Muita cautella pois, Santas de louras tranças!
Fechae os Cherubins!

EPITAPHIO DO SAPATEIRO BARBADÃO

Aqui jaz Barbadão, judeu de praça,
    que teve a alegre chança
de ser pae de uma hebrea de tal graça,
que em vez de deitar sollas... fez a raça
    dos duques de Bragança.

EPITAPHIO DE CORA PEARL

Jazes aqui loura e gentil figura,
    preclára e nunca vista!
Foste uma rara e olympica esculptura.
Deveste muito a Deus e á Formosura...
    — *e inda mais á modista!*

EPITAPHIO DE D. JOÃO V

Repousa ahi, ó Salomão das freiras,
    Salomão de Odivellas!
Em vêz do côro das gentís doceiras,
piam corujas, aves agoureiras...
— Sobre o teu craneo aranhas tecedeiras,
    fiam-te bambinellas.

EPITAPHIO DA CONDESSA DE SALISBURY [1]

Creou-se a Jarreteira, essa ordem nobre e antiga,
entre jarrões e espelhos...
por teu real amante apanhar tua liga.
— Teu esposo porém foi uma outra cantiga:
apanhou dous chavelhos!

EPITAPHIO DE UMA BURGUEZA

Tu almejaste ter uma casa elegante,
com uns *stores* tafues.
Agora ahi a tens, lá n'esse Céo distante.
— Tem agoa, jardim, gaz, guarda portão, mirante,
gelosias azues.

---

[1] Formosa antepassada do actual duque e estadista inglez, lord Salisbury.

EPITAPHIO DA POMPADOUR

Marqueza polvilhada, elegante, catita,
topéte alto, hombros nús...
no enigmatico *além* que anceio é que te agita?
— Dançar o *menuete*, ou ser a favorita
de Satan ou Jesus?

EPITAPHIO DE CATHARINA II

Tu não pódes dormir sequér alguns instantes.
— Horrenda é tua insomnia!
Atravez nuvens, céos, basilicas distantes,
e os beijos immoraes dos teus milhões de amantes,
— ouves, em toda a parte, os gritos arquejantes,
dos mortos da Polónia!...

EPITAPHIO DE CASANOVA

Eis Casanova, o rei de acções aventureiras,
maráo e jogador.
— Encarcerado, a rir, seduziu carcereiras.
— Fugiu com cortesãs, abbadessas, e freiras.
— E foi tão habil mestre em limpar algibeiras
como em cartas de amor!

EPITAPHIO DE BUCKINGMAN

Ó romanesco heroe de romances saudosos!
n'essa prisão mesquinha...
da campa, onde occultaste affectos mysteriosos,
— lembra-te inda o sabôr, entre os rosaes cheirosos,
do beijo da Rainha?...

EPITAPHIO DE BERLIOZ

Dorme ahi, Berlioz, cantor das luas calmas,
e das revoltas más!
Eu ergo ao céo da Arte as mãos, como umas palmas,
ao ouvir, no canto teu, as tragedias das almas,
e o rir de Satanaz!...

EPITAPHIO DE UM DESCONHECIDO

Jaz aqui ao abandono um suicidado,
que nem um nome tem! —
Quem foi elle?... Algum sábio mallogrado?
Um mystico idealista envergonhado?
Um doudo, um crente, um triste, um revoltado?
— Não o sábe ninguem.

Se elle obrou bem ou mal, ninguem decida.
— Seu nome é um mysterio.
Queima-lhe o sol a ossada escandecida.
Todos fógem do livido suicida.
— Négam-lhe até seis palmos de jazida
no chão do cemiterio.

Négam-lhe o pranto que dão sempre ás dôres
as ceifeiras do Sul...
Riem, passando ao pé, os vãos doutores.
Riem, ao sol, lameiros rosnadores.
— E ri, em cima até, dourando as flores,
impassivel o Azul.

Um rico máo que odeia o orgulho nobre,
para o lado escarrou.—
Nenhum nome sequér seus ossos cóbre.
Da egreja o sino não tangeu um dóbre.
— E o cão amigo, que acompanha o pobre,
nem mesmo o acompanhou!...

EPITAPHIO DE JESUS

Teu tumulo em Salem está cheio ou vasio?
Guarda o teu corpo, ou não?
Mysterio! — pois ninguem o ábre ou já o abriu,
desde quando Magdá em lagrimas o ungiu,
e achou um coração.

EPITAPHIO DE PILATOS

Eis Poncio.—Fez em Cáprea, entre as mãos de Tibério,
papel das meretrizes.
Proconsul em Sião, por destino funéreo
sentenceou Jesus, para salvar o Império.
— Acabou magro, calvo, errante, expulso, sério,
tendo horror aos juizes.

EPITAPHIO DE JEHOVAH

Este pomposo Ancião dos psalmos e parábolas,
e outras amaveis fábulas,
perdeu o raio e jaz na tumba azul do Espaço.
Mataram-o. Quem foi? — O Homem, misero ente,
armado unicamente
de uma penna, um tinteiro, e um caderno de *almasso.*

EPITAPHIO DE SATAN

Eis o Rebelde antigo e o altivo Impenitente.
— Eis o *Espirito Máo*.
Batalhou contra Deus, no Azul resplandecente.
Na Edade Média foi o Riso independente.
— Acabou borrachão, poeta decadente,
calvo, velho, e marão.

TERCEIRA PARTE

FARRAPOS TRAGICOS

FARRAPOS TRAGICOS

Leitor: — aqui, n'esta ultima parte d'este livro, — depois de haverdes assistido á autopsia e á comedia do Ouro e do Velludo, eu pretendi que assistisseis á *tragedia do Farrapo*.

Depois de vos ter feito passar em revista os reis, os apparatosos generaes, as lindas mundanas, as *cocottes*, os financeiros, os diplomatas, eu pretendi que desfilassem, ante vós, os filhos *das hervas*, os maltrapidos, os noctambulos, todos os banidos, todos os excommungados sociaes. Com o meu bisturi de critico e a minha lanterna de cabouqueiro, eu desci ás desesperações subterraneas, ao sub-solo d'esta civilisação magnifica, preciosa, caiáda, dourada, e pintada, e á luz d'esta lanterna, enxerguei figuras macilentadas e tragicas, torcidas e convulsas, realissimas e humanas: — e, comtudo, parecendo creações extravagantes da allucinação ou da hystéria. As proporções, já grandes porém, d'este livro, não permittem uma vasta exhibição do cosmorama subterraneo.

Na *Estatua de Job*, nas *Memorias de um Pária*, no *Abandonado*, apercebereis, todavia, o espirito de toda esta galeria crepuscular... maré lodacenta de almas, que eu quizera, e espéro exhibir um dia, ululante e bramidora. Hugo descreveu com

pincelladas de flamma e sombra os *Miseraveis*. Mas que bibliotheca inaudita e incomparavel se não faria, se os heroes esfarrapados podessem escrever as suas proprias Memorias, as memorias da servidão e do esgoto!... Nas *Memorias de um Pária* eu tentei traduzir o soluço e o desabafo da servidão humana mais antiga:—lêde-as, traduzem ainda a mesma servidão: a mesma historia do preconceito e do farrapo.

A autopsia d'este caiádo mundo, ainda barbaro,—apesar da sua theatral civilisação, da sua diplomada sciencia, e das suas charangas regimentaes,—não seria completa, sem estes desesperos lividos, estas noutes esguedelhadas, estes suores na penumbra, estes *farrapos tragicos*. Tragicos quer dizer que mordem os punhos nas mansardas, que soluçam esfomeados, que desespéram e enlaivam de sangue a scena, como heroes perseguidos e vencidos nos tablados sem nome. Tragicos quer dizer farrapos pallidos, noutes sem lume, pateos humidos, bêcos e hervas sem sol. Tragicos quer dizer que escorrem sangue nos melodramas do suicidio, das revoluções, do monturo, do lixo: farrapos humanos que cáem, agonisam, invectivam, e maldizem.

Eis o que dizem conselheiros graves que só declama a paixão biliosa dos arruaceiros. Mas, no fundo, é a critica lúcida e fria do escalpello.

A Estatua de Job

—A José Bonifacio—

Atravessei, scismando, a cidade maldita,
á hora em que o sol cáe nas torres e bandeiras,
e se espalha no Azul uma paz infinita...

Atravessei seus caes, seus bêcos com rameiras,
seus bairros immoraes com bulhentas tabernas,
seus jardins, ao rumor d'agoas e larangeiras...

Enojado e fugindo ás podridões modernas,
sentei-me nos degráos de uma egreja arruinada,
e o espirito alcei ás vastidões eternas...

Velha a egreja era já. — Toda êrma e escalavráda.
Seus Santos de granito e os seus velhos Prophetas
todos sujos do pó, da chuva, da nortáda...

Satan, n'um coruchéo, ria dos bons Ascetas,
e de um calvo Ermitão de barbas prateadas,
— que o lixo, a chuva, o pó, tinham tornado pretas.

E eu disse a Satanaz: — « O teu riso escarninho,
— se existes afinal — lembra um dóbre funéreo.
Faz-me o effeito de um cão a uivar n'um caminho!

« Deixa o calvo Ermitão magro, cavádo, sério.
Fugiu, calado e só, ás multidões sonoras.
Pois deixa-o. — Frúa em paz o silencio e o mystério!

« Tu ris, ó Satanaz, dos Céos, todas as horas.
— Mas quem póde contar as lagrimas malditas,
que enlaivam os degráos do Abysmo onde tu móras?

« D'esse antro de afflicções, que a lenda diz que habítas,
quantas vezes, na dôr sem fim, te desconsólas,
e aos astros, teus irmãos, soluçando, não gritas?...

« Tu ris, sem compaixão, dos suspiros das rôllas,
dos magros Ermitães, das nuvens, das estrellas,
das loureiras chorando aos cantos das violas...

« Mas quem não tem na alma uma éça com vellas?...
Quem não tem, dentro d'ella, um jardim ao abandono
com um lago onde ha lodo e folhas amarellas!...

« Tambem eu já descrí de tudo com entono.
Tambem eu já neguei *Esse* que sobrepuja
todo o esplendor dos soes... rodas do aéreo throno.

« Chamas ao velho Azul uma baiúca suja.
Ris das constellações! — Mas teu rir te adoenta!
— Dentro da tua alma esvoaça uma corúja.

« Tens a irónica face amargosa e odienta.
Teu riso faz lembrar o ébrio valdevino,
que chasqueia o trovão, o graniso, a tormenta...

« Nem todo o Riso é são! — Tambem riu o Aretino.
Troçou o povoléo D. Quichote sublime.
— Aristóphanes riu do Sócrates divino!

« A sátyra flagella, esborôa, redime,
quando a recta Verdade é que empunha o escalpello,
e o recto bisturí é que esposteja o crime.

« A sátyra forjei dura como um martello.
A sátyra vibrei como uma picareta,
com que báte um pedreiro os muros de um castello.

« Mas abriu-se cá dentro uma chaga secréta.
Forçada a olhar a Morte e a acompanhar enterros,
— a minha alma vestiu uma samarra preta.

« Á força de entranhar o escalpello nos erros,
de descer aos paúes da viciosa Cidade,
alfurjas, lodaçaes, calabouços com ferros...

« a alma enchí de amargura até á saciedade!...
— Nas prisões, hospitaes, tavolágens, nas minas
a escalpellar o Mal, gastei a mocidade.

« Fechei minha alma ao amor e ás pombas das collinas.
— E agora eis-me aqui só, tão frio e carcomido,
como os rotos degráos d'esta egreja em ruinas!...»

Mal isto terminei... exhalando um gemido...
uma vasta, sonóra, horrenda gargalhada
sacudiu de Satan o peito denegrido.

« Este magro Ermitão de barba prateada
— retorquiu-me Satan — não é um casto Ermita.
É o patriarcha Job da Escriptura Sagrada.

« Tem inda o mesmo ar de tristeza infinita,
os farrapos, a lépra... e até o mesmo fraco
de expandir na estrumeira a sua angustia afflicta.

« Se é certo proceder o homem do macaco,
e hoje ganhar milhões... Job continúa pobre,
— coçando a eterna lepra ao mesmo eterno cáco!

« Esta túnica rota, em frangalhos, que o cóbre
é a mesma que usava, em eras patriarchaes,
e a qual inda hoje traz, com ar gentil e nobre!...

« Ó homens histriões!... Ó risiveis mortaes!
por que é que vós ergueis castellos de theorias,
se tudo é lixo, pó, caruncho, nada mais?...

« Por que veio Jesus, com palavras macias,
fallar de céos azues, de soes agasalhados,
se Job tósse de noute, e as manhãs estão frias?...

« Por que estás sempre, ó Job, de olhos extasiados
a contemplar o céo impassivel e opáco,
—cuidando haver um Deus, pae dos esfarrapádos?...

« Em vez do Padre Eterno invóca antes a Bacho.
Pois precisas calor.— Ou róga então ao Christo,
— que te cúre essa sarna e te dê um casáco! »

Assim Satanaz riu.— Mas, ao ataque imprevisto,
Job calado ficou, com seu ar transcendente,
de paciencia, dôr, e heroicidade myxto.

Continuou a fitar o Azul resplandecente,
onde agora o luar surgia humano e claro...
espalhando um clarão côr de um seio excellente.

Eis ouço um grito agudo.— Em torno ólho e repáro
que uma branca mulher corria, espavorida,
qual gazella fugindo a cães de agúdo fáro.

Vinha toda de medo e de frio transída,
a branca saia rota em lama ennodoada,
a trança, em ondas, solta, ao vento sacudida...

Saltou sobre os degráos da egreja arruinada.
E agarrando-se a Job, o Patriarcha antigo,
abraçou-se a seus pés, em lagrimas laváda.

« Ó grande e excelso Job dá-me aqui um abrigo!
— soluçou a infeliz — Vem prender-me a Justiça.
— Não me deixes prender, nobre Job, meu amigo.

« Não roubei por ser ladra, ou só por vil cubiça.
Roubei, por que não como, ha quasi quatro dias.
— Não sei por que é que a Lei seus cachorros me atiça!

« Sou a lama,— bem sei — exposta ás vaias frias,
aos chascos da *Ralé*, ao rir do *povoléo*,
a qual se calca aos pés, ao saír das orgias.

« Na minha fronte, sei, trago infame labéo.
Mas fui logo, á nascença, exposta n'um montúro.
— Nunca tive uma mãe que me apontasse o Céo!...

« Ninguem me deu, no mundo, um beijo casto e puro.
Affiz meu branco corpo ao mau trato e á pancáda.
— Bátem meu coração qual calháo vil e duro.

« Sou a lama, a rameira ás turbas apontada.
Passo noutes a errar, á chuva, sem ter ceia.
Passam-se dias, Job, em que não como nada!...

« Não tenho ás vezes luz, com que accenda a candeia.
Vou então vaguear debaixo das biqueiras.
Tenho fome.— A Lei vem e arrasta-me á cadeia! »

Assim ella gemeu.— Tinha doces maneiras,
brancas, pequenas mãos, as fallas muito mansas,
desoito annos só, e suaves olheiras...

Desnastrára-lhe o vento as suas louras tranças.
E, em seu olhar se lia um certo enleio ignoto...
a vaga inquietação receosa das creanças...

Tapava com as mãos o seu corpete roto.
E o seu alvo vestido, enlameado como ella,
dir-se-hia um cravo branco atirado no esgoto.

N'isto, rúge um clamor mais forte.— A sentinella
alarmou-se e gritou, como se o inimigo
pretendesse invadir a incauta Cidadella.

Dir-se-hia que assolára o mundo extranho p'rigo.
— Era a Justiça Humana, entrajada de lobo,
que vinha a ovelha humilde arrastar ao castigo.

Era a Justiça, a Lei.— Ella fizéra um roubo.
E o pedaço de pão que roubára a mesquinha
faltaria, ámanhã, aos banqueiros do globo.

Então, ao vêr a infeliz que a turba se avisinha,
abraçou-se inda mais aos pés do magro Santo,
soltando do seu chôro anciada ladainha.

Lia-se, em seu olhar, um doido medo e espanto.
E ao vêr, perto de si, os ferros, as espadas,
ajoelhou, poz as mãos, como em creança... em pranto.

As Virgens celestiaes estavam angustiadas.
Os Anjos, Ermitães, os Prophetas sombrios.
Satan, no coruchéo, dava largas risadas.

— Mas, então, o bom Job, cujos olhos macios
sempre estavam nos ceus e nos astros cravádos,
ás geadas, aos sóes, aos relentos, aos frios...

Elle que, de Satan aos ultrajes reiterádos,
não respondera nada, absorto, sonhador,
vendo a magra mulher batida dos soldados...

Elle que desfiára o rosario da Dôr,
na sua terra de Hús, sentado na estrumeira,
leproso vil, cuspido, alvo de asco e de horror...

baixou o olhar então, com piedosa maneira,
e, agarrando a infeliz com seus braços d'estatua,
chegando-a ao coração — defendeu a *rameira*.

O Velho Palacio

(Symbolismo)

—A Theophilo Braga—

Houve outr'ora um palacio, hoje em ruinas,
fundado n'uma rocha, á beira mar...
d'onde se avistam lívidas collinas,
e se ouve o vento nos pinhaes prégar.
Houve outr'ora um palacio, hoje em ruinas...

N'esse triste palacio inhabitavel,
as janellas, sem vidros, contra os ventos,
bátem, de noute, em côro miseravel,
lembrando gritos, uivos, e lamentos.
N'esse triste palacio inhabitavel...

Só resta uma varanda solitaria,
onde médra uma flor que bate o norte,
sacudida da chuva funeraria,
lavada de um luar branco de morte.
Só resta uma varanda solitaria...

Bate a flor entre as grades, oscillante,
pedindo orvalho aos céos desapiedados,
e á brancura da lua, soluçante,
fallando de desejos sempre aládos.
Bate a flor entre as grades, oscillante...

Como n'essa varanda apodrecida,
em minha alma uma flor tambem vegéta...
toda a noute dos ventos sacudida,
intima, humilde, lyrica, secreta.
Como n'essa varanda apodrecida...

Váe tu, ó minha dôr, a esse palacio,
e arranca-lhe essa flôr!... Váe, sem tardança.
Como um guerreiro audaz do velho Lacio
arranca-a... e calca-a aos pés, porque é a Esp'rança.
— Váe tu, ó minha dôr, a esse palacio!...

Memorias de um Pária

— Ao dr. Assis Brazil —

É então aqui, que tu queres enterrar e limitar a tua missão, Mestre?...

Petruccelli de la Gattina.

Não sei se vós sabeis, vós que acaso me lêdes,
— se acaso alguem me lêr !... o que é na India um pária?
É o maldito que soffre o escarro, a calma, as sêdes,
mais vil que o charco, o lodo, o barro das paredes,
sem chóça, lar, nem pão — *uma alma solitaria !*

Almas que haveis amádo imagens illusorias,
— talvez que vós choreis, ao lêr estas Memorias !...

Nasci em Benarés, e fui da honrada casta
dos *vaishiás!*... Sempre fui sóbrio, affavel, singello.
Hoje estou pobre, enfermo, arrastado, a alma gasta.
Um punhado de arroz, quasi sem sal, me basta.
Mas sem vaidade o digo... era assás rico e bello.

Vivia sem paixões, lutos, odios, nem máguas,
n'uma bahia azul, junto de humanas aguas.

Um dia,— dita ou fado! — eis que encontro no banho,
núa, rósea, sorrindo, entre esbeltas palmeiras,
a bella Civatrí, de perfil grave e extranho,
de olhos castos, leaes, mais brandos de que um anho,
peitos... leves jasmins, transcendentes maneiras.

Immoveis garças reaes fitavam os lameiros.
— Vinha um suave olôr dos mangaes e coqueiros...

Civatrí pertencia á casta aristocráta
dos Brahmanes, feroz, dominadora, altiva,
casta que trucidou o heroe do *Mahbarata*,
que predomina audaz, púne, aniquila, e mata,
como o deus do terror e do exterminio — *Siva*.

Punha a tarde uns listões rosados nos paúes.
— Triumphavam, ao sol, grandes pavões azues.

O Amor,—deus que é creança e traz sceptro de flores,—
mas cujas frechas são mortaes e envenenadas,
trespassou-me ali mesmo, ao vêr taes esplendores,
e a alma me triturou... com dulcissimas dôres...
no negro almofariz das almas condemnadas!...

Pastavam sobre a herva os búfalos selvagens.
Um claro e meigo azul adoçava as paisagens.

N'isto, enorme serpente, uma das mais gigantes,
(o terror me empedrou e emmudeceu a falla!...)
saltando de um juncal, as fórmas elegantes
de Civatrí cingira... e, os seus anneis possantes
cerrando mais e mais, tentava estrangulal-a.

Caía a noute... O luar branqueáva as collinas.
Ouvia-se o chacal chorar entre ruinas.

Passado o meu assombro, ágil como a gazella.
á serpente corrí, que era monstruosa e linda.
Com um gume glacial de uma tempera bella,
pelo meio a trunquei, e em breve os troços d'ella,
saltando ambos no chão, tentam unir-se ainda.

Civatrí desmaiára, em meus braços, insana.
—Saía dos bambuaes uma ternura humana.

O que direi depois?... Que phrase rendilhada
vos poderá pintar, doces emoções minhas?...
como ella agradeceu, melindrosa e enleada,
olhos baixos no pó, sorridente, rosada,
tapando os seios nús com as brancas mãosinhas!...

Pelo macio Azul não palpitava uma ave.
O luar infiltrava uma emoção suave.

Ah! não a maculei! — Amámo-nos depois,
como se amam visões na casta mocidade,
como amáram, outr'ora, os sublimes heroes,
que iam bater-se, á luz de outros longinquos soes,
vivendo de um olhar... de um sonho... uma saudade!

O seu olhar boiava em minha alma, sem magoas,
como o *lotus azul* nas religiosas aguas!...

Mas um dia seu pae, um Brahmane orgulhoso
da sua casta altiva, encontrou n'isto agrávos.
Embuscou-se e mais dez, em um palmar umbroso,
e contra mim, feroz, de sangue sequioso,
mandou-me chacinar pelos seus dez escravos.

Toda a noute jazí, n'um verde leito de heras,
exposto aos vís chacaes, aos búfalos, ás feras.

Aos rosados clarões da aurora matutina,
alguem por mim passou, e estacou um momento.
Era um joven zagal da próxima collina,
que as chagas me lavou em agua cristallina,
que me deu mel e arroz, e restituiu o alento.

Entrei no meu palacio, extenuado, exangue,
riscando os meus xarões e mosaicos de sangue.

Desde esse dia atroz eu protestei vingança
a essa casta oppressora e verduga do mundo.
Ah! maldita essa audaz e funesta lembrança!...
Elles ficaram, rindo, a pompear na abastança.
Eu desci á abjecção... roto, aviltado, immundo.

Desde essa hora fatal, execravel, maldita,
rollei pelos degraus da anciedade infinita!...

Desde que me empolgou essa idea nefasta,
a vingança ateou inda mais meu amor.
De noute, nos sertões, n'uma clareira vasta,
prégava a independencia aos meus irmãos de casta.
— Tornei-me sedicioso e fiz-me agitador.

O luar empoáva os grandes bosques sérios.
Ouvia-se o chacal carpir nos cemiterios.

Mas não achei senão um rebanho dormente,
sem nervo de revolta e alento decidido!...
O Brahmane aterrava este povo indolente.
Tinham terror do *Indra*, o deus resplandecente,
Brahma, Siva, Vishnú... sempre o *desconhecido!*

Estes homens do Luxo, inertes, graves, mudos,
tinham-se effeminado assim como os velludos!...

Um dia, entre esquadrões de lanças e azagaias,
dos Brahmanes me achei no tribunal impuro.
Saqueáram meus bens, meus palacios, alfaias.
Fui expulso da casta, entre apupos e vaias.
Crivado de irrisões, acordei n'um monturo.

Desde essa hora funesta, iniqua, extraordinaria,
deixei de ser alguem... e passei a ser *pária!*

Não houve para mim mais leis e immunidades.
Fiquei sem ter direito a uma cabana, um horto,
sem direito a transpôr os muros das cidades,
expulso dos casaes, expulso das herdades,
—peor do que um reptil, mais vil do que um cão morto.

Desde esse dia atroz... dia de luto e tedio,
— assentei-me no *val dos prantos sem remedio!*...

Supportei, desde então, mil ardencias no estio.
Não podia possuir balseira ou sementado.
E, se alguem me tocava os farrapos no fio,
ia lavar-se cem, ou mais vezes, no rio
da deosa *Bavaní*... em o Ganges sagrado.

Chumbára-se ao meu craneo uma implacavel lousa,
na qual podia lêr-se: — *aqui jaz uma cousa!*

Fizeram-me curvar ao oppróbrio mais nefando,
aos mistéres mais vis e occupações mais crúas.
Nem poupáram sequer meu amor miserando!...
E a esbelta Civatrí viu-me, um dia, chorando,
de rastos, a varrer os dejectos das ruas.

De rastos, a chorar minhas sinas contrarias,
seu olhar distinguiu-me, entre os meus irmãos párias...

Não. Não ha mister vil, quando o peito é honrado!
mas eu mudo fiquei qual palacio sem dono...
Ella pousou em mim seu terno olhar vellado,
e mais branca ficou do que um jasmin nevado,
pendido em seu hastil, n'um pôr de sol de outomno.

Seu labio desfolhou um sorriso transído,
mais tenue que o setim do seu branco vestido...

Ah! não lastimei nunca o vêr-me despojado
dos bens que possuíra, e que adora a Cubiça!...
O que mais me doeu foi vêr-me rebaixado
ante o meu puro ideal... vencido e derrotado
pela amargosa mão de uma crúa injustiça!

Se dóe o aviltamento injusto a uma alma séria,
mais dóe que o nosso amor veja a nossa miseria!...

Desde então odiei as cidades funestas,
seus prejuizos vãos e suas leis sevéras.
Busquei unicamente as mattas e as florestas,
onde móra a serpente e o leão dorme as sestas,
— no meio dos juncaes e no meio das féras.

Habitei nos paúes, comí raizes, cardos,
e evitei o homem mais que as onças e os leopardos!

Havia n'esse tempo um *Muní* assás raro,
um rei de Benarés, que era o assombro das gentes,
que fugira, como eu, ao mundo egoista e avaro.
— Era o grande Budhá. Era o Budhá preclaro.
— Vivia a meditar em cousas transcendentes. [1]

---

[1] *Muní* significa ascéta, penitente, doutor mystico. O Budhá foi chamado *Çákia-Muni*, que significa *Muni* da casta real dos *Çákia*.

Inerte ás tentações e a toda a humana prova,
— explicava aos fieis uma doutrina nova.

Este rei desprezára, um dia, mil amantes,
palacios, pavilhões, musicas de bailadeiras,
seus jardins com leões, seus pavões deslumbrantes,
e fôra meditar, em regiões distantes,
cavado de jejuns de semanas inteiras.

No meio de regiões montanhosas e graves,
— perdia-se em visões, mais aládas que as aves.

Resolvi procural-o entre as florestas bastas,
onde elle se occultava á multidão profana:
narrar minhas crueis tribulações tão vastas:
persuadil-o a pôr fim á divisão das castas:
a prégar no Indostão sua doutrina humana.

Só essa nobre voz, que extasiava os eleitos,
podia vir plantar a Concordia nos peitos!...

Desde que isto intentei, por essa India fóra,
eis me ponho a caminho, em busca do *Muní*.
Caminho, do sol posto até raiar a aurora.
Corro todo o Indostão, penétro até ao *Ellóra*.
Vejo o Ganges, o Sind, Krichna, Godaverí.

Dormem, sobre um pé só, os lúgubres pernaltas.
— Macacos colossaes saltam nas hervas altas.

Atravesso, de noute, ás luzes das estrellas,
enormes plantações e florestas gigantes.
Faço ante mim fugir rebanhos de gazellas
de olhos sentimentaes : serpentes amarellas
cravam-me, entre os mangaes, seus olhos coruscantes.

Percorro o *Ellóra* todo e enxergo, em seus confins,
o deus *Siva*,— feroz,— com olhos de rubins.

Que vezes succedeu, pelas noutes de rosas
d'esta India tão gentil e cheia de esplendores,
que atravessando, acaso, as campinas graciosas,
eu vertesse, ao luar, lagrimas silenciosas,
cheias de ancia e paixão, contra os seus oppressores!...

Encontrei afinal o *Muní*, ave rara,
nas lyricas soidões do rio Narançára.

Encontrei-o, sentado em meio dos seus crentes,
discipulos fieis, dous d'elles assás velhos.
Tinha uns olhos leaes, doces, resplandecentes.
Fallava grave e brando, em periodos cadentes,
encrusado, a scismar, as mãos sobre os artelhos.

Saíam mil rumor's inefaveis e infindos
dos lindos tulipaes e os doces tamarindos.

Tomando-o então de parte, eu narrei-lhe, turbado,
o rosario cruel das minhas agonias:
a aventura fatal de um amor mallogrado:
meu viver erradío, inclemente, agitado:
— minhas noutes, talvez mais mortaes que os meus dias!...

Narrei isto, gemendo, á terna melopea
da agua cadente e triste a queixar-se na areia.

Depois, clamei: — «*Muní!*» *só tu, com a eloquencia*
divina, a crentes mil e ás multidões arrastas!...
Espalha pela India a espiritual sciencia.
Vem pôr um termo, emfim, á horrivel dissidencia
das caducas noções, dos ritos, e das castas!

«*Sob a mão colossal dos Brahmanes indús,*
jaz toda uma nação de espoliádos e nús!...

«*Deixa o sonho, Muní!...*» *Só o teu vasto nome,*
só tua vasta alma inclita e verdadeira,
aos famintos de luz podem matar a fome!...
Só teu alto saber, teu prestigio, renome,
podem formar da India uma familia inteira!

« Abaixa os teus reaes olhos compadecidos
a toda uma legião de escravos e opprimidos!...

« Tem dó de nós, Muní!...» Troca as suaves flores
do sonho pela Acção, mais seus crueis espinhos!...
Vem remir afflicções de ovelhas sem pastores.
Congréga, sob ti, todo um povo de dores,
como a arvore frondosa abriga os passarinhos!

« Esparge sobre nós que a Oppressão estióla
o teu verbo de amor!... Purifica e consola!»

O Budhá tinha ouvido a minha narrativa
cravando em mim o olhar, enternecido e attento.
Outras vezes alçava a fronte pensativa
á abobada azul, de uma côr clara e viva,
cheia de mansidão e de enternecimento.

Escorria o luar nas folhas das figueiras.
— Cubria um veu de prata as calmas sementeiras.

Depois, quando, por fim, lhe desdobrei, vehemente,
meu plano social, minhas visões futuras...
na sua nobre voz espaçada e dolente,
o *Muní* retorquiu apenas, simplesmente,
tendo o profundo olhar immerso nas alturas:

« Urge educar primeiro as almas, meu amigo!
« Em breve me verás.— Breve serei comtigo! »

Afastei-me d'ali desolado e abatido,
vendo os meus torreões azues desmantelados!...
Cuidei tudo no pó, cuidei tudo aluído,
e atravessei, chorando, e o peito sacudido
por um soluço atroz, os arrosaes prateados.

Batia a areia o mar com seus doces emballos.
Ia alto o luar. Já cantavam os gallos.

Toda a minha Illusão se esvaíra qual fumo!...
Meu lindo bergantim tão dourado e perfeito
ruira sem timão, sem vellas, e sem rumo!...
Faltou-me, desde então, todo o meu nobre aprumo,
e um vazio glacial se fez dentro em meu peito.

Fallído de illusões, cavado de agonias,
determinei, sem dôr, pôr um termo aos meus dias!

Com o peito convulso e prenhe de gemidos,
cruzei os arrosaes, baldíos, sementeiras.
E um dó me enterneceu, ao vêr tão opprimidos
esses tristes aldeões na gleba envilecidos
pelos padres indús, pelas castas guerreiras.

Pobres filhos sem pae!... rebanhos gemedores,
esfolados, sem dó, sempre por seus pastores!...

O Ganges é na India um rio cuja veia
é larga como o mar, e em mil ribeiros canta.
N'esta India ritual, de tradições tão cheia,
sua agua lava o mal, sára as chagas, aceia,
redime o peccador... é agua clara e santa.

Resolvi acabar minha vida cansada
no seio humano e bom d'esta agua sagrada!...

Era chegado o dia em que de varias partes
acorrem, em tropel, ali os peregrinos.
A todos, agua santa, os teus favor's repartes,
e o rico, o plantador, homens de officios e artes,
a ti vão, mais as mães e os filhos pequeninos!...

Eis que escuto anafís, trompas, clarins guerreiros.
— São principes indús, graves, sérios, trigueiros.

Um ruidoso clamor enche o terreiro vasto,
o vasto largo, a praia, e as aguas religiosas.
— Veem serranos villões, inda cheirando ao pasto:
donzellas virginaes, de um perfil doce e casto:
bailadeiras cantando e enchendo o chão de rosas.

Indolentes *rajahs,* em cima de elephantes,
resplendem como sóes, mitrados de brilhantes.

Dentro da agua sagrada, assombrando os profanos,
resôam dos *munis* extranhas ladainhas:
— são ermitães indús, cheios de desenganos.
Alguns, sobre um pé só, résam ha já dez annos:
— magros, as mãos no ar, cheios de hervas marinhas.

Outros fitam os céos, calvos, immundos, velhos.
— Teem raizes nos pés, hervas sobre os joelhos.

No meio do estridor das notas discordantes,
de mil diapasões que distráe e entontéce,
das turbas, dos *munis*, vendilhões ambulantes,
cornácas, e *fakirs,* dos pregões dos feirantes,
um canto sôa no ar e as almas amollece...

Um chôro musical sáe dos bambús maguados.
— São párias semi-nús, cantando, olhos cerrados.

São *párias* como eu!... São miseros mesquinhos,
curvados, a suar, n'um labor sem esp'rança,
que, malditos como eu, jámais terão carinhos
de familia, de mãe, consócios, e visinhos,
ou mulher emballando um berço de creança!...

Ao queixoso rumor das somnolentas aguas,
elles cantam seus ais, espálham suas máguas.

A emoção que sentí, porém, não se descreve
quando perto avistei a Civatrí suave!
Era ella... Civatrí, de cinta fina e breve,
pescoço de marfim, pisar aéreo e leve,
corpo de tenra flor, gentis maneiras de ave.

Agradeci, então, á minha infausta estrella,
poder morrer fluctuando, e olhando os olhos d'ella.

Dispunha-me a tirar os meus rotos vestidos,
e no rio afinal pôr côbro a tanta mágoa,
quando se alça no ar um côro de rugidos
de fanáticos vís, uivando, entre alaridos:
— *Morte ao pária, que quer manchar a santa agua!*

Um brahmane clamou, com um desdem profundo:
— *Mate-se o cão sarnento!... Á morte o cão immundo!*

Prostraram-me por terra, e, a golpes deshumanos,
pretenderam findar meus ultimos momentos.
Não tentei disputar a vida aos meus tyrannos.
Para quê?... Se ella fôra um lenho sobre oceanos,
sempre á lei do tufão, sempre ao rigor dos ventos?...

Que importa ao infeliz, que ninguem ama ou chora,
que finde o seu penar, mais hora, menos hora!...

Sómente Civatrí, olhando o meu martyrio,
lastimava da plebe as sanhas iracundas.
Sómente ella torcia os seus dedos de lyrio,
em quanto a vil ralé me atirava, em delirio,
lama, pedras, calháos, as fézes mais immundas.

Em quanto o povoléo me enchia de doéstos...
vi o pranto alagar os seus olhos honestos.

Não!... Não lastimei nunca a Fortuna inconsciente,
seus faustos, seus setins, que o aváro deplora!...
Mas o que sangra mais uma alma pura e ardente,
o que mais cáva e dóe... é vêr-se injustamente
ultrajado e abatido ante a mulher que se adóra.

O que mais me doeu e ulcerou meu tormento,
— foi só que *Ella* assistisse ao meu aviltamento!...

Por duas vezes já... (aponto-o com tristeza!...)
a mysteriosa mão da hostil Fatalidade
me collocára ao pé d'essa irial belleza,
em crueis condições de uma extranha baixeza,
em crueis condições de uma infinda anciedade.

Decretára o cruel fado dos miseraveis
que eu desceria, ante ella, ás trevas implacaveis.

Encontrava-me assim á mercê dos dementes,
estirado no chão, qual damnoso sicario,
quando sôam no ar mil gritos estridentes,
e entre clarins, pendões, guerreiros, penitentes,
eis que um homem surgiu radioso e extraordinario.

Entre flautas, oboés, clarins atroadores,
— eis que surge o Budhá, cercado de esplendores.

O *Muní* regressava ao seu reino e ás formosas
terras de Benarés, entre aldeões aos milheiros.
— Seguiam-o *fakirs* em filas numerosas.
— Bailadeiras e aldeãs offertavam-lhe rosas.
— Dançavam-lhe na frente os zagaes e ovelheiros.

Tudo almejava ouvir o verbo dos seus labios:
— *rajahs*, *fakirs*, *munís*, doutos, plebeos, e sabios.

Mas o calmo Budhá, grave, sereno, absorto,
avançou para mim, sobre o pó estendido,
cheio de contusões, semi-nú, semi-morto,
e lançando-me o olhar qual benção e conforto,
cruzando ambas as mãos... deu um cavo gemido.

Brilhava a agua, ao sol, como serpente extensa.
— Saía dos juncaes uma harmonia immensa.

O *Muni* levantou um dedo imperativo
ao ar, depois bradou, em tom grave: — « Meus filhos!
« por que assim maltrataes um ente inoffensivo?
« Cuidaes que existe, acaso, um Deus pomposo e altivo,
« que o sol faz para os reis, e nega-o aos maltrapilhos?...

« Enganaes-vos. — O sol, recto, bom, justiceiro,
« doura o *lotus* azul e a pôça do enxurdeiro.

« A agua é, como o sol, um dom da Natureza,
« que todos devem ter e ninguem ficar falto!...
« Porque é que a recusaes? — Pela vossa avareza.
« Roubarieis tambem o bom sol á pobreza,
« se o não pozesse Deus, lá nos astros, tão alto!

« Se o sol não rutilasse a uma tão grande altura,
« darieis ao infeliz... sómente a sombra escura.

« Por que é que vós bateis, com sanha extraordinaria,
« no pária malfadado, ao qual basta sua magua?...
« Quem vos diz que ámanhã Deus vos não torne em pária,
« e não morraes, talvez, n'uma esteira ordinaria,
« sem ter um grão de arroz, nem um pucaro de agua?

« Não bataes no infeliz, nos párias, nas cadellas.
« — Olhae, com mais amor, as chagas que as estrellas!

« Quando virdes na estrada um velho cão sarnento
« não o enxoteis do sol.— Tratae-o com amor!
« Cuidaes que acaso o tigre é maior que o jumento?
« Tudo soffre e dá ais!... O lyrio, o insecto, o armento,
« são tambem, como nós, nossos irmãos na Dôr!

« Quem arrancar o espinho ao pé de uma leôa
« faz uma rara acção — uma acção clara e boa! »

O *Muní* avançou para mim, com ternura,
e erguendo-me do pó, estendeu-me em ramagens.
Pôz supplicante as mãos, com infinda doçura,
e bradou-me: — « Perdôa á turba egoista e dura!
« Ó pária!... ó meu irmão!... perdôa a estes selvagens! »

Dizendo isto, ajoelhou, e — cousa extraordinaria, —
o sabio, o santo, o rei... lavou os pés ao *pária*.

Depois que elle os lavou, ante os povos pasmados,
enxugou-os Budhá em preciosos linhos.
Depois ergueu a voz, e, em termos sublimados,
narrou ás multidões meus lacrimosos fados,
meu dormir nos sertões, nas sarças, nos caminhos.

Á lenta intonação das suas phrases calmas,
luar de compaixão amollecia as almas...

O Budhá relatou meus destinos escuros
tão cheios de amargor... tão cheios de desdens...
meu viver nivelado aos bichos mais impuros:
vivendo em tremedaes... dormindo nos monturos:
roendo o negro pão que disputava aos cães.

Sua piedosa voz tinha uma uncção paterna.
Saía dos bambuaes uma dolencia terna.

Não se ouvira jámais, n'essa India formalista,
ninguem chamar *irmãos* aos rotos e indigentes.
Não se vira jámais nenhum evangelista,
— dos *rajahs*, dos *munís*, dos principes á vista —
lavar de rojo os pés aos *párias* repellentes.

Doutos, sabios, e reis pasmavam, aturdidos.
As ondas, ao sol pôr, quebravam-se em gemidos.

Mas ai!... quando narrou os meus sonhos desfeitos
de mallogrado amor, causa de afflicções raras,
amor morto e enterrado ás mãos dos Preconceitos,

páe de todo o meu mal!... ruina dos meus feitos!...
um pranto colossal sacudiu cem mil peitos,
fitaram-me, com dó, todas essas mil caras.

Chorâram marajahs, velhos, mulher's, creanças.
— Ella fugiu, dando ais, e arrepelando as tranças...

Os ultimos dez

(Do poeta allemão—Eduardo Mosen)

— A Mayer Garção e Fernando Reis —

Jurámos em Varsovia mil valentes
não disparar na luta ardua e sagrada
um tiro só... mas atacar frementes,
á baioneta intrépida e calada.
Varsovia, em meio do geral tormento,
não esqueceu o quarto regimento!...

E, quando junto á Praga combatemos,
nem um unico tiro disparámos.
E, quando as hostes debandar fizemos,
á baioneta só as derrotámos.
Praga dirá com que guerreiro alento
verteu seu sangue o quarto regimento!...

E, quando, em Ostrolenka, nos prostráram
suas armas no pó, cheios de luto,
as nossas baionetas não cançaram
de lhes varar o coração astuto.
Não esquece Ostrolenka o ardimento
nem o valor do quarto regimento!...

A amada Patria, ai triste! está perdida!
Não pergunteis o auctor d'esta derrota.
Ai de teus filhos, terra desvalida,
de cada chaga vivo sangue brota!
Se inquirís a quem mais punge o tormento,
dirá Polonia: — Ao quarto regimento!...

Adeus, irmãos, que, no geral destroço,
mortos vimos tombar, a nosso lado...
Nós ainda vivemos, por mal nosso!
A Patria eis morta — Assim o quiz o Fado!
Deus vos depare um fim menos cruento!
— Restam só dez do quarto regimento!...

Um dia, ao romper d'alva, dez vencidos
emigraram da Patria amada e bella.
Mas ás portas da Prussia, aos foragídos
« — Quem vem lá? » — gritou alto a sentinella.
E um respondeu: « — Sem patria e sem alento,
dez homens só do quarto regimento!...»

Primeiro de Maio [1]

Quem vem lá?... Quem os mysterios
rasga da noute e o pavor?...
Quem faz caixões aos Imperios,
com taboas de Fome e Dôr?
Que enorme exercito inteiro
se aproxima, e que rumor!
Quem é o tôrvo carpinteiro?...
Quem é o tôrvo rachador?...

Hurrah! hurrah! — volvem mil échos.
Hurrah! hurrah! — o Trabalhador!

---

[1] Esta poesia é a lettra do hymno *Primeiro de Maio,* que o auctor compoz, a pedido dos socialistas portuguezes.

Quem, chorando, fia, fia..
magros filhos em redor,
a toalha para a Orgia,
o lençol ao Imperador?...
Quem seus filhos nús enterra,
mortos sem pão, cavador?
Quem melhor réza na terra
a ladainha da Dôr?...

Hurrah! hurrah! — volvem mil lagrimas.
Hurrah! hurrah! — o Trabalhador!

Faz hoje annos que na França,
oh que luto de rigor!
n'uma luctuosa matança,
correu sangue de valor...
Este sangue ao orbe inteiro
bráda Justiça! em clamor.
Quem será o Justiceiro?...
Qual o braço vingador?...

Hurrah! hurrah! — acenam braços.
Hurrah! hurrah! — o Trabalhador!

Quem vem lá no nevoeiro,
com tão rico resplendor?
Que extranho exercito inteiro!...
diz, com medo, o Imperador.
Quem faz turbar meus saráos?
bráda o rico máo senhor.
Quem vem subindo os degráos?...
Quem me faz mudar de côr?...

Hurrah! hurrah! — volvem mil gritos.
Hurrah! hurrah! — o Trabalhador!

O Abandonado

— a José Pereira Sampaio —

Um homem magro jaz sobre uma enxerga rota.
É n'um vil pardieiro humido, escuro, mudo.
Está quasi expirando.— A vida se lhe esgóta
como um riacho, ao sol, n'um Agosto folhudo.
A filha em festas baila, ágil como a gaivota.
Lasciva, olhos sensuaes.— É domingo de entrudo.

O homem fita, no vago, olhos vagos e abstractos.
— Róem, na escuridão, o taboado os ratos.

Elle scisma com dôr: — não, nos cantos e os guizos
das mascaras banaes nas campónias tabernas;
mas nas tardes de sol, com vindimas e risos,
riachos a cantar, baixinho, entre as luzernas,
quando á calma desmaia a folha dos narcisos,
e o cavão vae beber á bôca das cisternas.

O homem fita, no vago, olhos vagos e abstractos.
— Róem, na escuridão, o taboado os ratos.

Elle scisma com dôr: — não, na fadiga amarga
da enxada, do aguilhão, da charrua, ou das frágoas,
no sêco e duro pão, ou na custosa carga
d'uma prole bestial, pela penúria e as magoas.
— Scisma saudoso só... na pradaria larga,
nas pombas a adejar sobre os jardins e as agoas.

O homem fita, no vago, olhos vagos e abstractos.
— Róem, na escuridão, o taboado os ratos.

Scisma com pena e dôr: — não, no *mórbo* execrando,
que o entisíca e róe, não nos symptomas graves
da doença, ou o cantochão que ouve psalmodeando,
em sonhos, n'um caixão, sob marmoreas naves.
— Scisma saudoso só nos tentilhões cantando,
nos bois de olhos leaes, nas pacificas aves...

O homem fita, no vago, olhos vagos e abstractos.
— Roem, na escuridão, o taboado os ratos.

Scisma com pranto e dôr: — não, na sua indigencia,
na ingratidão da filha e seu negro abandono,
mas na dourada infancia... em tempos de innocencia,
quando a mãe lhe cantava uns soláos, no seu somno.
— Scisma no seu passado... e ouve ao longe a dolencia
das aguas musicaes, entre murtas do outomno...

Morre emfim. Sem rumor, fecha os olhos abstractos.
— Róem, na escuridão, os pés do morto os ratos.

A Tocha de Judas

— AO DR. BERNARDO LUCAS —

N'este momento, appareceu Judas, commandando soldados do Pontifice, em meio de archotes . . .

S. JOÃO. EVG. Cap. 18, v. 3

I

Com seu magro perfil de uma côr baça e máte,
diabolico sobrolho, esfumadas olheiras,
Judas chega ao lendario horto das Oliveiras,
empunhando na mão sua tocha escarlate.

Foi assim que o enxerguei da ventaneira ao embate,
da saraiva ao tinir... ás cordas das biqueiras...
n'um pardo carnaval, aos risos das loureiras,
e de um sino a tanger ao aziágo rebate.

Ia curvado e só, embrulhado em seu manto,
de avermelhada côr — com anciedade e espanto,
a treva a acutilar com seus olhos medonhos...

como um homem, que desce a grande escadaria
de uma crypta, a olhar, com tristeza e ironia,
ossadas de illusões e esqueletos de sonhos.

II

Com pallido sorrir de quem nada o surprehende,
nem mal, nem perversão, nem anciedades mudas,
na sombra, sem rumor, com passadas meúdas,
— passo a passo seguí esse hebraico duende.

Toda a noute elle ouviu a bachanal que offende.
Té que emfim estacou, hirto e livido, Judas,
junto á Egreja christã, com mil flechas agudas,
e agulhetas de pedra, onde a *hostia se vende.*

A Bazilica, então, com uma voz hieratica,
Judas interpellou: — « Avantesma antipathica,
« que justo vem buscar tua vermelha tocha?...

« Não me intimidam já teus manejos ingratos.
« S. Jeronymo espanta o mocho de Pilatos.
« —Sou mais alta que o cedro e mais firme que a rocha!»

III

« Ó Bazilica velha!... Ó Bazilica velha!...
— Karioth soluçou — « tuas mãos ociosas
« perfumadas do nardo e oleo de palma, unctuosas,
« tem causado mais mal que esta tocha vermelha!...

« Tu és como um riacho aonde o azul se espelha,
« e nas aguas debuxa as bandeiras vistosas,
« palacios, pavilhões, babylonias de rosas,
« mas ai, se as quer libar, ai da imprudente abelha!...

« Ha vinte sec'los já que o Christo, n'um outeiro
« secco, escalvado, nú, expirou n'um madeiro,
« e do Calvario o lyrio enfeitou um *bazar!*...

« Levantei-me da campa e vim vagar na terra,
« e inda n'ella encontrei, ó velha pédra! — a guerra,
« a simonía, a onzena, a forca, o lupanar.

IV

« Ó Bazilica velha!... á minha tocha accesa,
« riscando a escuridão, enxerguei n'uma praia
« um vulto de mulher, já morta, rota a saia,
« branca, afogada, exangue... angelical belleza!...

« Quem era ella?... Eu sei!... A garra da pobreza
« vincára n'essa estatua o livor que desmaia.
« E em quanto ella insepulta ahi jaz... folga a arraya,
« a côrte, a multidão, n'uma baixa torpeza!

« Tão nova e que pallôr!... As ondas uma a uma
« arrojáram-a ali, vestida inda da espuma,
« com seu branco cendal, sem hostia, nem sacrario...

« E em quanto a neve cáe e a amortalha na areia,
« teu santo cardeal... *Monsenhor*, sobre a ceia,
« pés quentes ao fogão, lê no seu breviario.

V

« Ó Bazilica velha!... andei pelas ruellas,
« com esta tocha accesa, á aventura, ao capricho,
« e vi uns magros cães no tremedal... no lixo,
« de um cadaver roendo as tibias amarellas.

«Quem seria?... Decerto um pária sem baixellas,
«sem ter eira nem beira, um pardieiro, um nicho,
«um vagabundo emfim, menos que um sapo... um bicho...
«morto sem orações, ladainhas, nem vellas!...

« E emquanto os magros cães esbrúgam a caveira,
« e o craneo onde arquejou talvez a maré cheia
« de um Nilo de visões, de astros doidos, de sóes...

« o máo Rico, a sorrir, conta o seu oiro em barda,
« o Genio continúa a gemer na mansarda...
« — *Monsenhor* ceou bem e ronca em seus lençoes.

VI

« Ó Bazilica!... tem as entranhas de Phédra
« a sociedade actual!... Cerca de um lupanar,
« um pequenino achei, que finou-se a esmollar,
e que estende inda a mão, como um lyrio que empédra!

« Triste innocente!... Como um lilaz que não médra,
« assim elle morreu... ou qual ave a sonhar...
« e dous prantos gentis, que devêram rollar,
« congellaram-se em meio, e estão gotas de pedra!...

« Passou junto á creança um vigario rotundo,
« um bispo cortesão, um chantre, homem do mundo,
« e ninguem lhe valeu na pequenina lapa.

« — O bispo ouviu chorar, tossiu, não deu esmolla.
« — O vigario não quiz abrigal-a na estolla.
« — E o chantre não lhe deu uma ponta da capa!...

VII

Ó Bazilica antiga!... eis o que vi á flamma
« vinte sec'los quasi, apoz o Christo morto...
« — Como outr'ora, o innocente inda súa, em seu horto!
« — O justo, como outr'ora, embalde ao juiz clama!

« Contra mim, com furor, tua lingua declama,
« chamando-me traidor, monstro, avejão, abôrto.
« Desdenho a increpação, em meus sonhos absorto.
« —*Mais traidora do que eu... é a voz que me chama!*»

Assim Judas fallou, com voz dorída e lenta,
sacudindo, na sombra, essa tocha sangrenta,
como outr'ora, em Salem, no horto da Paixão.

Assim elle fallou qual precíto do Dante,
e depois, outra vez, velho espectro gigante,
sumiu-se, torvo e só... sangrando a escuridão...

AS SAUDADES DO TRAPEIRO

— AO DR. BETTENCOURT RODRIGUES —

Ha dez dias não sáe do subterraneo,
onde agonisa o esquálido trapeiro.
Báte emfim seu instante derradeiro.
A Febre doida mão põe no seu craneo...

Da enxerga salta ao chão, e subitaneo
busca um cofre, na sombra do pardieiro.
Eis logo no ar se espálha um grato cheiro,
— como em sallão, o aroma de um geranio!

Sáe de dentro uma fita côr de rosa,
que, outr'ora, enleou cinta preciosa...
e um pranto mólha o olhar do miseravel.

É que essa fita evóca-lhe a delicia
de um perfil fino e grave de patricia,
— n'um passado bem longe e irreparavel!...

Sodóma dança o Can-can

— CARTA A LEÃO TOLSTOÏ —

Acaso existe ainda alguma face
com pudor?...

Juvenal.

O mundo endoideceu.— Reina a *libra esterlina.*
Ó sublime Tolstoï!... ao subir a collina
de Sião, um plebeo de coração clemente,
depois de ter ouvido a gentalha insolente,
cubril-o de labéos e enchel-o de impropérios,
espalhando em redor seus leaes olhos sérios,
bradou a uma mulher de louras tranças claras,
com o rosto lavado em lagrimas amáras:
— « Mulheres de Sião, calae o pranto infando!
« Chorae antes por vós!... por que em breve, ululando,
« as mães exclamarão aos serros e ás montanhas:
« Esmagae-nos a nós e aos fructos das entranhas!...

Este alto agitador tinha sonhado um dia
utopías sociaes... e, ao vêr a ruinaría
dos seus ideaes tombar, por causa dos ingratos,
negado por Simão, entrégue por Pilatos,
pelo Antípas banal tratado como zóte,
julgado por Caipház, vendido por Karioth,
em seu rosto espalhou-se um sorrir de desgosto,
ao vêr Jerusalem, na pompa do sol posto,
em baixo, lhe surgir com jardins e collinas,
com seus hortos, rosaes, palacios, e piscinas...
e a fronte lhe cavou um sulco de acrimónia,
vendo o verde Moriah e a Cidadella Antonia,
o hôrto Gethsemaní plantado de oliveiras,
o Templo, ardendo ao sol, Siloé com romanzeiras,
e então reviu talvez o tempo cosummido
a levantar a alma a um povo envilecido,
na escravidão romana, a alicantína, a usúra,
e quem sábe!... descreu da missão terna e pura,
com que, na hostil Judéa, entre montanhas graves,
soubéra aos corações dizer cousas suaves,
com que chamára a si o simples e a creança,
e que entrára em Salem, n'uma burrinha mansa!...

A torpesa é a mesma.— Um vento de loucura
léva esta geração á mesma charra usúra,

em que se atolou Roma e chafurdou Judéa.
Só impéra o agiota e a pirata alcatea
de argentarios, de reis, ladrões, syndicateiros...
ora pilhando a China, ora os boers rendeiros,
que viviam na paz dos seus campos arádos
pelos seus calmos bois, pastorando os seus gados,
na ignorancia feliz dos preciosos brilhos
da valsa, o *baccarat*, da seda, e os espartilhos...
Gloria pois ao *Can-can*, ao Champagne, ao Velludo!
— Viva o senhor Rotschild e o Milhão barrigudo!

Em quanto que o Quartel mais o Capitalismo
empurram — qual melhor, — Sodóma para o abysmo,
de sorte que *Moloch* e a santa paz armada,
serão os ditosos paes da gentil derrocáda...
alástra-se a Miseria aos bairros indigentes,
a India morre á fome, a Irlanda range os dentes,
a Germania conspira e a Hollanda esbraveja,
a Russia anda a espreitar, Cecil bébe cerveja,
chóra de frio Job nos degráos da Abastança,
Sodóma come, bebe, engorda, arróta, e dança.
Curva-te ó Ideal ao senhor Falcatrúa!
— Virgilio pastoril faze-me uma *gazúa!*...

Vinte seculos já do Christo são passados,
— e inda existe a Forca e inda existem soldados!...
Inda é preciso hoje a um povo pastoril
trincheiras levantar, manobrar o fusil,
a fim de não caír no estomago da *City*:
— lançar balas *dum-dum* e empregar a *lyddite*.
Curva a fronte, ó Justiça, á onzena e á rapina,
que hoje a hostia do altar é a libra esterlina.
Ajoelha-te, Ideal, ao ventre do Egoista.
— Mozart, desce dos soes e torna-te cambista!...

Postiça illustração. — Tem palavras sonóras
que soluçam tão bem quaes romanticas nóras,
tem donzella, na *élite*, artistica e pintada,
que inda sabe melhor que Newton a taboada,
automóveis, meu Deus!... que, sem romper as sollas,
nos fazem viajar como em leitos de mollas,
e uma douta Sciencia, amiga do conforto,
que trata o *corpo* bem e lhe aconselha Porto,
lhe receita Bravais e outros ferruginosos...
Mas, todavia, ainda, em bairros crapulosos,
existe a *escrava branca*, a meretriz sem nome,
que, á porta do bordel, magra escrava da fome,

ária expulsa do lar e toda a affeição terna,
ó tem por casa o alcouce e escóla a taberna.
'ende o corpo gentil, mulher que a fome estióla!
– Ó mystico Platão faz-me um leito á hespanhola!...

odóma endoideceu.— Vê, em quanto a miseria
bre caixões aos mil, teimosa e deletéria,
m ruellas sem nome e em bairros de desgraça
e Londres ou Dublin, onde a fome esvoáça,
'ê se a amavel Victoria — a dama de alma branda! —
sbanja os seus milhões a soccorrer a Irlanda,
a agasalhar o ventre aos farrapões londrinos,
u aos párias indús, magros, rotos, franzinos?...
Qual! Mandou distribuir — imperial dislate —
ela tropa uns gentis páos de bom chocolate,
fim de lhe alentar os animos guerreiros...
e molde a bem sovar seus rebeldes cazeiros.
algazarra marcial, Tolstoï, não se define.
Houve brindes aos mil... e o *God save the queen.*
Nada regalla mais que pitéos de bom cheiro!
'oste um asno, Pasteur.—Nem foste um cosinheiro!...

Sodóma ébria dança.— Em quanto a Derrocáda
ate á porta de Loth... a burguezia inchada,

o luxuoso Milhão, o povoléo obscuro
que, inconsciente, rí na paz do seu monturo,
oleosos, carnaes, regando bem o bofe,
pincham no carnaval do odioso regabófe.
Onde existe o Pudor?... Onde existe a Virtude?...
N'alguma vil mansarda, á espera do ataúde.
Onde existe hoje a paz boa, clemente, mansa,
do primitivo Lar?... Quem ensina á Creança
depois da taboada, o cifrão, o algarismo,
a votar odio á úsúra, ou ao córneo Egoismo,
e a instrue no Sentimento alto, aromal, verdadeiro?..
Ninguem. — *Cresee, rapaz. Sê biltre e tem dinheiro!*
A libra é a hostia de ouro, o salvador archote
que nunca déram luz ao Christo e ao D. Quichote.
Viva pois esse archote, ou lampião, ou tocha!
Viva o illustre Cecil e a financial bambócha!
É grato ter com quê, já vasías as taças,
dormir no seio nú e macio das Graças!...
Quem foi Creso? Um rei sol. Quem foi Bruto? Um ratão
— Saúde a Barrabáz, que foi pulha e ladrão!...

Post Scriptum

noute. Sóbe a lua... Uma ária de Puccini
ouço alguem trautear.
em o vento um doêr que a expressão não define.
além, como a rabeca ideal do Paganini,
chóra a alma do mar.

riste, triste, ó Tolstoï!... N'este tempo de assombros,
muitos perdem a esp'rança.
ıdo rúe, tudo rúe, tudo ameáça escombros!...
lvemos do naufragio—alçando-a em nossos hombros—
ao menos, a Creança.

AUTOPSIA FINAL

A máxima força e máxima belleza moral do Universo é o Sentimento. É elle quem vivifica as estrellas, os soes, as remótas humanidades, e o formigueiro de ouro das constellações. O verdadeiro nome de Deus — o mysterioso Desconhecido — deve ser Sentimento.

No *Anti-Christo*, poema que tratamos de remodelar, entre irrefragaveis verdades, deslisámos todavia no erro de refutarmos a existencia de uma causa primaria. Esta doutrina repudiamol-a hoje: já por que sáe fóra do programma positivo, já por que repugna tanto ao instinctivo Sentimento, como ao subtil Entendimento. Todas as almas são élos invisiveis, atados por esse delicadissimo fio de seda, mais difficil de quebrar do que os calháos e os diamantes. Quebrae um dia essa

cadeia: — escaqueiraes o Universo. Os planetas fugirão dos soes esguedelhados, os cometas descreverão allucinadas parábolas, as humanidades afogar-se-hão em bahias de sangue, as almas fugirão, cheias de asco, das almas.

Mas essa cadeia não se partirá jámais: como os corpos teem horror ao vácuo, as almas teem o fastio do isolamento.

E o que é o Egoismo contemporaneo?... É uma barra de oiro a quebrar as pernas e os braços de um Crucificado. Quem é elle?... É o paciente farroupilha Job.

Antes de, na terra, existir a Rasão, o Sentimento havia-a precedido milhares de seculos. Antes do homem ter empunhado, no planeta, o sceptro da Idea, o Sentimento havia apasiguado e feito a concordia dos elementos: havia feito abraçarem-se as vegetações colossaes e verdes: attrahido as féras amorosas ao fundo dos bosques impenetraveis: e, na profundeza das aguas, enternecido os grandes monstros marinhos.

Elle precedeu a rasão humana, porque elle é a rasão da propria vitalidade humana. Por que pereceram, e se esfarellaram no pó dos seculos, as mais luxuosas civilisações?... Por que quanto mais espartilhadas e theatraes, mais o Egoismo trava de um páo, e espanca o Sentimento, como cão gafádo tinhoso. Por que pereceu Roma, e não chegou a fazer a unidade humana, ella que possuiu a omnipotente Força?... Por que baqueou a rendilhada Grecia, ella, a mãe gracioza da Arte?... Por

que succumbiu a Phenicia, ella que inventou o Numero?... Por que ruiram emfim a Chaldea, a Assyria, a Babylonia, o Egypto, e os arabes da Edade Media, elles, que possuiram, primeiro que todos, a especulativa Sciencia?... Por que não progrediram indefinidamente, e nenhuma d'ellas fez a unidade das raças, a vasta hegemonia universal?... Por que nem a Força, nem a Arte, nem o Numero, nem a Sciencia são o fim moral da humanidade.

Por que o fim transcendente d'ella não é ser apenas sabia, mathematica, artistica, valsista, ou academica. É alguma cousa de mais excelso ainda. O fim do homem não póde ser tambem comer, libar, patuscar, contar libras esterlinas, ou dormir no seio amavel e macio das beldades. Este póde ser o fim de um Vitellio burguez, de um mundano folgasão, ou de um jocundo capitalista rosado da rua dos Capellistas. Não póde ser o fim superior da Creação. O seu fim unico e grandioso é a unidade das almas pelo Sentimento. O Sentimento precedeu a Rasão por que é a primacial das rasões. O Universo subsiste por elle, e para elle.

São varios os modos de explicar a causa da decadencia contemporanea, e do seu proximo e estrondoso *crake*.

Economistas vêem n'ella uma questão de bolsa. Philosophos, um desequilibrio do cerebro. Phisiologistas, uma perturbação do seu estomago, ou do seu systema nervoso. Mas, quer os socialistas a considerem o producto do conflicto entre o capital e o trabalho: os

phisiologistas uma filha anémica da insalubridade publica, e do envenenamento geral pela falsificação dos comestiveis: quer Nordau a diagnostíque de neurasthenia e a considere um desarranjo dos nervos, a verdade é que todos elles: — Marx, Kropotkhine, Fère, Leon Petit, Nordau — todos teem rasão relativa, e nenhum a tem em absoluto. Todas estas causas são phisicas: e então, por conseguinte, a estas deve juntar-se mais o imposto sobre os generos de nutrição, que é o decreto sobre a fome, a tisica, e o esgotamento das raças. Os governantes, que pretendem a sério pôr diques á *tuberculose*, deveriam começar, primeiro, por escáqueirar de vez a cabeça da hydra do imposto.

O imposto sobre o alimento persegue o homem desde o berço até ao caixão: desde o leite do *biberon* ou da cabra, até á ultima beberragem da botica, á qual elle faz a ultima careta, talvez por lhe amargar mais ainda o imposto do que o remedio. E se, acaso, se suicída, a sociedade recusa-lhe sepultura em sagrado, para, ainda até na campa fria, se vingar do martyr que ousou escapulir-se ás suas garras. Felizes os que morrem... por que não pagam mais impostos de consummo!

A realidade crúa, porém, é que elle é o dramaturgo funéreo da maior parte dos dramas de suicídio. É o collaborador mais cyprestal do *Alcool*, na degenerescencia das sociedades.

Mas repito: todas estas causas são phisicas. A causa da decadencia contemporanea não é apenas a pe-

nuria do proletario, a rapinagem do fisco, a falsificação do leite e o triumpho da margarína, ou a condemnavel mancebía da chicoria com o grão de bico, ou o tremoço, no café. Não é o desequilibrio emfim dos corpos. É a penuria, a falsificação, e o envenenamento das almas. É a ausencia do Sentimento, que se chama o *egoismo*. É elle que géra o Capitalismo, o Militarismo, a tisica, o imposto, o syndicáto, o monopolio, a fome, o luxo, a rapina, a onzena, a tavolagem, a questão do Panamá, a questão Dreyfús, a mitra, o alcouce, o lameiro, o velludo, o chinello, e o farrapo...

Todas as sociedades egoistas e corrompidas até ao tutano, succumbem a esta caxexía moral: por que, em todas ellas, o gulotão ventre de uma Casta, ou de uma Classe bem barbeáda e engommada, pretende pulverisar e reduzir á impotencia todos os orgãos essenciaes á vida commum.

De que pereceu a artistica Grecia?... Do egoismo das republicas helenas, amuádas e desavindas por maraválhas de poderío e de predominio. A que intima rácha secréta baqueou o colosso romano?... Ao egoismo rapáce dos seus Cesares, dos seus prefeitos, e dos seus centuriões, que irritaram contra si, além dos socialistas christãos e do andrajoso povoléo de todos os espectaculos, farças, crucificações e motins, os povos pastorís, que elles chamavam *barbaros*... revoltados pelas suas pilhagens.

Sallustio queimou, pilhou, saqueou, violou toda a Numidia, para plantar em Roma jardins fabulosos. E o

mesmo fez Crasso, o agióta. O mesmo fez Bilbulo, o ricáço. O mesmo fez Galba, o pederásta. O mesmo fez Catilina, o arruaceiro. O mesmo fez Antonio, o gulotão. O mesmo fez Vitellio, o borracho. O mesmo fez Claudio, o bôbo. O mesmo fez Nero, o lyrico palhaço.

Podemos accrescentar:—o mesmo fazem hoje Cecil Rhodes, o *sanguesúga*, e a Grã Bretanha, a bandoleira, vinte seculos depois de Christo. E a potencia ou potencias que a derrotarem farão talvez o mesmo, e seguirão tambem seus vôos de milhafre. Que pantomima! Que facécia! Que cynica e vermelha farça!...

Todas estas civilisações espectaculosas, porém, acabam por ser derrotadas por povos simples. Os gregos foram vencidos pelos macedonios que elles, desdenhosamente, chamavam *barbaros:* os Romanos pelos húnos, outros barbaros tambem: e a Grã Bretanha,—que dá pelo lyrico e suave nome de Albion,—tem sido até hoje, antes da victoria de Roberts, sovada litteralmente pelos boers, que ella, na sua filaucia de argentaria, táxa de *reles povoléo de labrêgos.* Estes trez exemplos historicos são significativos! Mais tarde, costumam descambar na desordem economica e na irreparavel miseria, como fidalgos arruinados que acabam a pedir por viellas e esquinas. Basta lançar obliquamente um olhar para as finanças da Italia, da Grecia, da Turquia, da Persia, do Egypto, ou da Peninsula... tão escaqueiradas ai! como o transparente rocim de D. Quixote. Cecil Rhodes, o *boca de ouro,* disse que é preciso proteger o mais activo piráta do mundo. Falta saber

se serão da mesma opinião os pirateádos!... A Grã Bretanha póde vencer os boers, derrotal-os, ou invadil-os: isso nada significará. Isso não será senão apenas o tempo da móra, na letra que ella tem a pagar ao seu destino. A sua derrota moral está já na hostilidade que sópra contra ella, por cima de todos os continentes e todos os mares. Isto é que será o verdadeiro motor da sua derrocáda, e os factos o provarão. É que n'este mundo, como na Economia Politica, *ha o que se vê, e o que se não vê.* O Progresso semelha um bebado que caminha pelas ruas da Historia, aos *zig-zags,* mas chega pontualmente ao seu domicilio. Progresso, Direito, Sentimento, são constellações mais radiantes que a grande Cruz do Sul: mas que nem sempre se enxergam, quando na historia ha granisos e aguaceiros.

Vou resumir e recopilar: — Logo, nas primeiras páginas d'este livro, na carta ao Dr. Campos Salles, datada de 25 de Janeiro de 1899, isto é,— nove mezes antes da guerra do Transwall,—predisse que muito em breve os belfurinheiros se arremessariam, como um nevão, no Continente Negro, e aventei que todo o homem deveria saber ser soldado e lavrador, ainda que se dedicasse a outro mistér. Nove mezes depois os inglezes invádem o Transwall, e esse povo laborioso, rustico, simples,— ao mesmo tempo soldado e lavrador,— dá lições de estratégia aos maiores estratégicos saxonios, e exemplos de humanidade a uma nação que pompeia aos quatro pontos cardeaes do globo a sua missão humanitaria. É, sob esta mascarilha de velludo

sentimental, que a Grã Bretanha tem sempre feito florir os seus negocios: cruzado com os seus paquetes todos os oceanos: vendido os seus algodões, os seus cortumes, as suas ferragens: e envenenado, com opio, as raças amarellas. A humanidade é n'ella uma palavra toda fingida e convencional, como uma dama do *hig-life*, que tem tudo postiço, desde o sentimento até á loura madeixa.

Não nos illudamos, porém. Não façamos da Grã Bretanha o unico bode expiatorio de uma avareza judaica universal. Fixemos bem isto: — a Grã Bretanha é apenas a mais escandalosa representante de uma humanidade *traficante e habil.*

E isto por que?... Por que ha quatro colossaes egoismos que são: — o egoismo da Ganancia, o egoismo da Raça, o egoismo da Casta, e o egoismo da Classe. Todos estes quatro grandes egoismos, disputando entre si o predominio, se, umas vezes, fazem avançar o Progresso, pelo estimulo mutuo: outras, pelo contrario, impedem que um *mundo novo,* — em que a mais alta Sciencia se conjugue com a mais alta Consciencia: em que o Trabalho, a Producção, e o Consummo sejam communs: e em que se não derrame uma só gota de sangue humano: — impedem, repito, que esse novo mundo substitúa este da chatinágem e da libra esterlina.

Vêmos pois que a onzeneira Albion, — cordealmente detestada e isolada — falhou a sua apregoada missão humanitaria, e é a menos apta para fazer a

unidade das raças, pela unidade das vontades e do Sentimento. A França, irrecusavelmente, tem condições para o conseguir melhor: já pela sua lingua: já pela sua litteratura: já pela maneira como sabe assimilar á civilisação europea as suas vastas colonias, sem opprimir, nem estripar, nem desancar os naturaes.

Mas o seu excessivo amor do fausto, a sua requintada e luxuosa elegancia, e os seus costumes em demasía faceis, são decerto um perigoso obstaculo latente, um futuro bacillo de desorganisação. Este bacillo, todavia, talvez possa ser mais tarde extirpado por uma orientação mais alta. Os pósteros o dirão!... A Hespanha, que, com os seus descobrimentos tanto elevou o nivel da civilisação continental, e de cuja raça, excepcional e máscula, tanto havia a esperar, jaz hoje n'uma decadencia calamitosa, por que lhe sustáram a sua marcha, e a estrangulâram como um polvo horrivel, a superstição catholica e o *frade*. Portugal — outra ruina pittoresca e historica! — além do *frade*, encontrou no seu caminho o *inglez*. Esta calamidade acabou de o achavascar e achinellar!... Tornado humilhante feitoría saxonia, elle estrebuxa hoje, entre o medo epileptico da bancarota, e o terror de perder as suas colonias, a que não soube, nem sábe, dar orientação. Afastados estes dous males, porém, ambas ellas pódem um dia aspirar ao seu resurgimento. Quanto a Roma, — cabeça da Italia, — por duas vezes perdeu o ensejo de fazer a unidade humana: — no tempo dos Cesares, pelo seu Direito e, depois do Christo, pelo Sentimento.

Hoje perdeu o prestigio, e é tarde. A *Basilica Velha* esfarellou-se no pó vil dos *vendilhões do Templo:* foi connivente de todas sangueiras e rapinágens: cumplice de todos os Caipház e de todos os Barrabaz: e, com a sua mão, cheia de sangue dos patibulos, dos pelourinhos e dos calvarios, está sempre prompta a abençoar as bandeiras dos dous exercitos contrarios, que vão para a degolla—para heroica pilhagem. Eternamente o Christo entre dous bandidos!....

Á mentira, portanto, catholica, conjuga-se a mentira pública, a mentira politica, a mentira scientifica, e a mentira litteraria.

Mentira politica é hoje a grande magica contemporanea, dourada, envernisada, magnifica e instrumental. Mentira pública é a mentira geral, eleitoral, financial, e municipal. Mentira scientifica, é aquella em que a Sciencia — renegando a sua missão preclara — se entrega a locubrações de exterminio, inventando os explosivos mais violentos, ou as falsificações chimicas mais ruinosas, nos generos de nutrição. Mentira litteraria, finalmente, é a litteratura que desmoralisa e perverte: phrasista ou campanúda, arrebicada ou dengosa, mas emfim vasia e sonora, como cisternas sêccas no estio. Litteratura de palavras — salvo gloriosas excepções — litteratura estrambótica ou fria, mas sem sentimento.

Da comedia pública, passemos á comedia particular. Revistemos os costumes:

Primeiro que tudo — precisamos concordar bem

n'isto: — nós dizemos todos mal da *pérfida* Albion, mas ella não é senão a representante dos nossos tumores em ponto grande. Pegae cuidadosamente n'um commerciante de seccos e molhados, e observae-o, com primor, ao microscopio: — vereis a Grã Bretanha. Ao contrario, elevae-vos n'um balão, e assestae sobre Albion um oculo de alcance: — vereis o mesmo negociante de seccos e molhados... elevado á potencia *x*.

Mas esse negociante, na vida commercial, é um individuo conspicuo e respeitavel na sua paróchia. Dae-lhe porém o erario inglez, regimentos, canhões, ballas *dum-dum*, páosinhos de chocolate da amavel Victoria, frótas, esquadras: e elle fará a guerra ao Soldão, envenenará com opio o chinez, rapinará o Egypto, e quererá açambarcar o ouro dos boers, e do tio Paulo. E por que?... Por que, tanto o negociante de seccos e molhados, como a Grã Bretanha, teem o vicio de toda uma sociedade egoista, a *absorpção:* um tem-o porém em simples bacillo: á outra tem camádas e camadas sobrepostas de bactérias. Por que vos indigna, todavia, tanto na Grã Bretanha?... Por que ella tem a prosápia do ouro e a prosápia dos seus couraçados. Como remediar, pois, este mal e retalhar todas estas ruins escróphulas?... Combatendo os enormes privilegios do Estado, a acumulação das riquezas, e desprestigiando o direito da Força.

A Europa adoéce de todos os defeitos da nossa civilisação burgueza: o *Egoismo*, a *Rapína*, a *Embófia*. Pelo egoismo, a civilisação deixa morrer de fome o pá-

ria na India, e na Europa o proletario: pela rapina, alimenta, carinhosa e materna, com bifes de selvagens, de egypcios, e sangue das nações, os pirátas: pela embófia, prepára a *bancarota*, e cria entes ridiculos e effeminados, que são os bonécos do Luxo. A sociedade contemporanea, salvo raras excepções, é um vasto agregado de comediantes, phonógrafos, especuladores, e manequins. Para cúmulo da comparação ha já *dandys* com olhos de vidro: damas de collo artificial: paixões com corda para vinte e quatro horas. Ha tambem patriotismo com corda para seis mezes: philantrópos pelo ultimo figurino: caridade com azas da ultima moda. Exibem-se, em toda a parte, manequins vestidos de general, de diplomatas, de camaristas, e de archeiros. A oratoria tornou-se uma declamação, a litteratura um phonógrafo, o theatro uma carta transparente, a poesia uma caixa de música. Ha paixões e cuias postiças: bons sentimentos e dentaduras artificiaes. Podeis dourar a vossa honra e os vossos queixaes, a vossa dignidade e o dente do sizo.

É o seculo do illusionismo e o réclamo, dos labyrinthos de espelhos, dos poetas *decadistas*, e das cabeças fallantes. Florescem o *cotillon* nas salas, e, no theatro, os bailados de serralho. Exibem-se princezas, todas nuas, em caixas de phosphoros de cêra. Aquelle cynico bandálho que ali vae, de penante amolgado, pála verde n'um olho, vende lithographias immoraes e utensilios secretos. Quem é aquelle apparatoso Nabábo, de barbas apostolicas, que vae repimpado n'um *landau*, pu-

xádo por quatro meklemburguezes? É um ex-trapaceiro, que deitou uns certos pós no *cognac* do seu sócio, a fim de lhe fazer ouvir mais depressa as celestiaes symphonías. Quem é aquelle rôto maltrapilho sebento, grotesco e pensativo, chapeu pífio e azabumbádo? É um sabio astrónomo, que morre de fome a contemplar a *Via Lactea*, e teima em não se servir de uma gazúa. Quereis um amor, um discurso, uma cavatína, uma tragedia?... Chegae-vos áquelle cavalheiro pallido e engommado, ou áquella dama de olhos macios e espartilhada, e tocae-lhe n'uma certa mola. Qualquer d'elles vos declamará a sua opinião, o seu discurso, ou a sua sonáta, com tanta correcção como um fantóche electrico de Edisson. Dizem que Edisson está fabricando o manequim que varre, cosinha, engomma, toca piano, e esfréga casas. Falta, porém, fazer o *manequim sentimental:* um cavalheiro de monóculo, que ajoelha e faz uma declaração de amor, em se lhe deitando n'um certo buraco, do lado do coração, uma libra de bom toque. Quem fizer este realista bonéco ganhará milhões, e fará uma preciosa sátyra. É preciso não esquecer porém a *boneca pratica:* boneca que canta árias passionaes, e acaba por caír nos braços de um conselheiro endinheirado, ou de um ricaço corrector de fundos. Assim como ha os especuladores do ouro, ha tambem os *especuladores de carne branca.* Todos elles são mais ou menos accionistas e cavalheiros de industria. Este papel, porém, nem sempre é desempenhado pelos malandrinos plebeos, conhecidos da policia judiciaria, ou pelos

alcaiótes do meretrício galante. Na alta roda, este papel é desempenhado frequentemente por *papás* habeis, cheios de calótes e retratos de avós. Este lixo dourado que anda no ar, esta monstruosa aranha de ouro, appellidada *corrupção,* faz lembrar a decadencia de Roma ou de Alexandría, em que pullulavam os *mágos,* os rhetoricos, os sophistas, os cynicos, os charlatães: fallando do boi Apis, do deus Fó, da mysteriosa Isis: prégando doutrinas, gesticulando declamações, receitando unguentos, guinchando palhaçádas. Vêde a procissão macábra e fenomenal que desfila debaixo da janella da Naná. Esta palhaçada contemporanea é singular: o vicio de velludo, a tristeza de côr de rosa, a fome com castanhollas. Da funambulesca mascaráda já muitos heroes teem desfilado ante nós. Mas, em honra da Verdade e do Sentimento, n'outras obras subsequentes, muitos outros serão estendidos na meza das autopsias. Estas marrécas e aleijões requérem escalpello.

A differença é que não são sempre hoje os Cesares que triumpham, ou que lançam as suas legiões contra os Gallos, ou contra os Parthas. É o ricaço Bilbulo, é o ventrudo Crasso que tripudíam, e que são os senhores dos exercitos. Quem é omnipotente e pontifical hoje é a pança do Burguez.

São os especuladores dos diamantes, é Cecil Rhodes—o *Nabábo*—que estão por detraz das hostes saxonias, e lançam os seus batalhões contra o Transwall. É o reinado do burguez inchado e inepto: do Rozalino, do senhor Prudhomme, do conselheiro Acácio. É o seculo

em que os ladrões se fazem marquezes, e os marquezes *cavalheiros do golpe*. Ha condessas que parécem cestas de compras, marquezas que semelham camapés de palhinha. É a éra do bancarroteiro Hooley e do Calcinhas, dos poetas nephelibátas e dos jingoistas. São os tempos da dignidade de cartonagem e dos estadistas de guta-pércha. Quasi todas as mulheres namóram, em seus sonhos, um conde de Monte Christo, um pirata de romance, ou um dengue nanequim de alfaiate. Aquella lyrica donzella atirou-se de um quarto andar abaixo, por um militar. Julgaes que se apaixonou por um genio, um coração, ou um inclito caracter?... Matou-se por uma bonita farda de lanceiros. Não se amam consciencias, nem corações: amam-se plumas, gallões, fardas, dragonas, pennachos.

Ride-vos dos especuladores phrasístas que declamam que a civilisação não está decadente, e está cada vez mais forte. Respondei-lhes: — sim, muito forte em tudo, e até no trampolim!... Decerto, que estes tempos são altisonantes, como diria um académico de papellão, decerto que são uns tempos archi-sabios, pois que são os tempos dos raios X, das machinas fallantes, dos espartilhos, das velas authomáticas, e das pillulas Pink. Mas a alma?... Essa continúa sempre ausente, como a madama Benoiton.— De resto: toda a Europa, é um vasto museu de manequins e figuras de cêra, dos quaes a mola é sempre a mesma, o que os torna triviaes, como palacios classe média, com leões de faiança.

Mas quereis avaluar numericamente, arithmetica-

mente, a moral d'esta civilisação ?... Ide aos cafés extravagantes, aos prostibulos, aos theatros, e indagae a conta exacta das mulheres que se exibem despidas, ou rendem culto á *Venus Meretriz*. Procurae e revolvei os registos criminaes, os obituarios, os manicómios, e verificae a cifra precisa dos que assassinam, dos que roubam, dos que enlouquecem, ou dos que se suicídam pela fome, pelo vicio, pelo ouro, ou pelo demonio do *Alcool*. São milhões de almas. É uma cifra que dá vertigens. O que foi a antiga Sodóma, ao pé do bairro Watchapel de Londres, á noute? Ao pé d'essas mulheres que se exibem núas, todas as noutes, nos theatros e nos cafés excentricos de Paris, que significação pódem ter aquellas miseras mulheres de Babylonia, que eram obrigadas, pelos ritos, a prostituirem-se uma vez cada anno, em honra da *Venus Myllita*, e que tanto escandalisavam os ingenuos prophetas judeus? O que foi a biblica Gomorrha ao pé das seducções diabólicas de *Monte Carlo?* Ao pé de Montmartre, do *Moulin Rouge*, e outros locaes escabrosos, o que foi a abominavel Ninive?... Alguma cousa como a virginal Cacílhas, ou a pacáta babylonia da Trafaría.

Como todas as mágicas sensacionaes teem no final uma derrocáda, esta tambem aguarda a sua. Mas assim como ha damas beatas que crêem que o Céo é uma récita de galla de ópera lyrica: em que ha cherubins que tocam instrumentos de corda: seraphins que são barytonos e tenores: archanjos pomposos de farda: e cavalheiros louros de casaca e azas brancas, as-

sim tambem ha quem creia que esta derrocáda será illuminada a fogos de bengalla, e a lumes do magnésio. O peór será se ella fôr melodramatica, e sair dos limites heroe-comicos das creações bufas. Parece já ouvir-se, entre as bambolinas e os bastidores, o apito do contrarégra...

Mas quer ella estoure impetuosa e brusca, como uma granáda, quer não, o que cumpre fazer para sair d'este atascadeiro, e preparar um mundo novo, mais limpo, mais aceádo e mais são?... Nada mais facil! — Regressae á Natureza. Melhorae os vossos corpos e os vossos espiritos. Fazei por comer generos verdadeiros, beber vinhos verdadeiros, amar mulheres verdadeiras, e educar filhos que sejam homens verdadeiros. Sêde naturaes e sinceros. Deixae de serdes os reis, os imperadores, os principes louros, ou os guerreiros de magica, e sêde vós proprios em carne e osso, — em espirito e verdade, — conselheiros ou algibébes, cidadãos collectaveis da vossa rua. Deixae de copiardes os heroicos paspalhões da Historia, do romance, ou do folhetim: atirae fóra os capacetes de lata e os bigodes de estopa d'este sarapintádo carnaval mystagógico, e vamos!... vista cada um a blusa do seu officio, a toga do seu sacerdocio, ou a manga de alpáca da sua secretaría. Sêde homens, e não bonifrates de romance ou de alfaiate. Sêde mulheres, e não bonécas de modista ou de cabelleireiro. Tende alma e coração, e não, em seu logar, uma fechadura de segredo, ou um saco de algodão branco de recebedoria. Confessae que tendes andado,

até hoje, mascarados, caiádos, e espartilhados. Confessae que tendes andado com auréolas de latão, e grandes resplendores de folha de Flandres.

Exaltae a Mulher — que é a fonte da vossa pura exaltação espiritual. Escangalhae a forca, a cazerna, a penitenciaria, a tavolagem, a taberna, a onzena e o lupanar. Ambicionaes—por ventura—a inspiração esguedelhada do Lára, a meditação poética do Manfredo, ou a pallidez fatal e macilentada do Corsario?... Contentae-vos em ser da Companhia do Gaz, ou caixeiro viajante da bem conhecida casa Feijóca & C.ª, ou da não menos famosa, Mathias e Mathias. De resto, se pretendeis ter o genio de Byron, a ironía do Heine, a mysteriosa inspiração de Berlioz: se cuidaes que excedeis Albuquerque, o *terribil*, o Gama, Napoleão, ou o Metastasio, não tendes necessidade de os vencer ou exceder realmente. Redigí vós proprios o vosso réclamo, e mandae affixal-o n'um jornal, n'um cartaz, ou n'uma esquina: em caracteres monstros, hydropicos, ventrudos: ou a projecções luminosas. Ninguem se priva hoje do regallo suave de ser pyramidal e célebre, podendo fazer correr uma penna de pato, ou de ferro de lança, — caixa numero vinte e sete — sobre meia folha de almasso!... Ou então escrevei a vossa biographia, com o vosso retrato no frontispicio, ornado de uma corôa de verdes louros, e monóculo.

Mas se tendes talento e mérito sério, ou um ideal honrado, então aconselho-vos outra cousa. Buscae o applauso de vós mesmo, no trabalho, na officina, ou no

gabinete. Fugí das glorias artificiaes e ephémeras. Trabalhae, com arte e com convicção, na vossa obra honrada, com a satisfação pessoal apenas que dão o bem, o justo, ou o bello. Caminhae sempre avante, sem vos importarem os escólhos, os intrigantes, ou a calumnia. Evitae que os vossos feitos sejam proclamados, com o estridor dos bombos ou dos cornetins, e fugi das acclamações banaes e faceis, e dos foguetes de sete respostas. Spencer, no seu gabinete, tem feito mais para esta civilisação do que fez Castellar na tribuna. Voltaire demoliu mais que Mirabeau ou o sapateiro Simão. Que burlesca notoriedade aguardariam hoje Platão, Phidias, Homero, ou Orpheu?... A de figurarem, nas montras das tabacarías, em caixinhas de phosphoros de cêra. Sapho figuraria ao pé de uma acrobáta, ou de uma cancanista, o Dante ao pé de um *clown*. Não vale a pena buscar, indecorosamente, atrahir as attenções, n'um mundo de estardalhaço banal, cuja firma é *Espavento, Cocotte & C.ª*

Uma das trivialidades d'este seculo está em se parecer com as *cocottes*, filhas de porteiros, que amam o espalhafáto de mau gosto, os espaventosos chapéos, e, as ceias de barafunda. É distincto fazer o bem como Deus: que fez os soes e retirou-se ao desconhecido.

Mas o que é essencial é que torneis — moralmente — vossos filhos melhores que vós! Nem piratas, nem trampolineiros, nem effeminados, nem charlatães, nem manequins. Equilibrae-os physica e moralmente, formae-lhes bons musculos e bom coração. Por emquanto,

a divertidissima Sodóma continúa a dançar o *can-can*. Mas dispensae-vos, é claro, de ensinardes essa púlha cabriolla aos vossos herdeiros. Trabalhae em prol dos farrápos. Pobres farrápos escarrados!...

Sobretudo, tornae amoravel a alma da creança. Meditae n'isto: o mundo sustenta-se pelo equilibrio e progride pelo Sentimento.

Lisboa, 3 de Março de 1900.

FIM

ERRATAS PRINCIPAES

Pag.	linhas	onde se lê	deve lêr-se
XIII	4	feiticeira	*justiceira*
16	4	Fi'as-lo	*Fital-o*
122	9	marvócios	*mavorcios*
155	5	Symbolos, ou Tradições	*Symbolos, Tradições,*
184	2	nas cavernas do seu peito;	*nas cavernas do peito*

VARIANTES

Pag.	linhas	substituido por
95	1	Teu amante o Proteu *genero humano,*
213	7	que evócam cortesãos mandarins de rabicho.

INDICE

—

Pags.

Carta ao Dr. Campos Salles VII

PRIMEIRA PARTE — PROCESSO DA CORRUPÇÃO

Distico 3
Mentiras sentimentaes 4
Carta a uma gentil canalha 10
Carta a um monstro lindo 13
A Traição 18
O Hereje 47
A revolução em Hespanha e os fusilamentos . 84
Toast á idéa 104
O Ouro 106
Carta a um elegante bandálho 108
Bilhetes postaes 112
Caricaturas a carvão 118
No leque de uma Acrobáta 139
No mesmo leque 140
Camelia negra 141
Madrigal funebre 143
A uma horisontal 146
Processo de um Jornalista 147

Pags.
Á Janella da Naná 207
Troça á Inglaterra 231
O Salamalek 259
O Salvador. 273
O Lyrio do Lupanar 277
Carta a um Nabábo 285
Lisboa 292
Carta a um Lyrico Pandilha 295
O bicho da seda e o verme 299
Jornalistas e Litteratos 300
Carta a um naturalista 305
A Emilio Zola. 312
O sonho da Consciencia 313

SEGUNDA PARTE — MEPHISTOPHELES NO CEMITERIO

A visão do cemiterio 318

TERCEIRA PARTE — FARRAPOS TRAGICOS

Farrapos tragicos 351
A estatua de Job. 353
O velho Palacio 363
Memorias de um Pária 365
Os ultimos dez 387
Primeiro de Maio 390
O Abandonado 393
A Tocha de Judas 396
As saudades do Trapeiro 404
Sodóma dança o *Can-Can* 405
Autopsia Final 413

18700 / 32B

BINDING SECT. MAR 8 1973

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
G64F5

Gomes Leal, Antonio Duarte
Fim de um mundo

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 25 01 006 5